

*Si canua kan'kadja nona tchiga*

INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS DO TRABALHO E DA EMPRESA

Departamento de Antropologia



*“Si canua kan'kadja nona tchiga”*

**TRAJECTÓRIAS, EXPERIÊNCIAS E NARRATIVAS PESSOAIS NO  
PRESENTE MIGRATÓRIO**

Teresa Carvalho Costa

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Antropologia da Educação

Orientador:

Professor Doutor Filipe Reis

Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa

Janeiro 2008



## *Resumo*

Este trabalho analisa a trajectórias e experiências do presente migratório de três sujeitos originários da Guiné-Bissau. As suas experiências presentes são marcadas por um processo de exclusão particular. N'Duba Nhaga, Gastão Correia e João Correia, no início das suas trajectórias, habitam um bairro de casas de auto-construídas, alvo de um programa de intervenção que visa a erradicação deste espaço residencial e o realojamento dos moradores em bairros de habitação social. Nem todos os moradores tiveram direito ao realojamento, entre os quais estes três sujeitos. A partir desta experiência de exclusão, estes indivíduos procuram contrariar estes sentidos de marginalidade através da sua participação política numa Comissão de Moradores. A percepção da exclusão leva os sujeitos a questionarem os sentidos da experiência migratória, mas o engajamento político permite aos sujeitos contrariar estes significados através de processos de reconstrução e negociação identitária que valorizam as suas experiências pessoais.

A experiência migratória é aqui analisada a partir de narrativas biográficas dos sujeitos. Através das narrativas pessoais eles contextualizam a sua trajectória migrante num sistema de relações sociais mais amplo que molda as suas percepções, entendimentos e interpretações sobre o presente, perspectivando o desenrolar das suas vidas futuras. Uma outra marca analítica que atravessa todo o trabalho é a perspectiva do transnacionalismo que permite entender como os sujeitos migrantes tomam acções e decisões, sentem preocupações, e constroem campos sociais que os conectam à sociedade de origem e à sociedade de estabelecimento, tornando-se actores e agentes de mudança em diferentes sociedades.

Palavras-Chave: migrantes guineenses; experiências; narrativas; transnacionalismo.



## *Abstract*

This thesis analyses the migrant trajectories and experiences of three individuals from Guinea Bissau. Their present experiences in Portugal were marked by a particular process of exclusion. N'Duba Nhaga, Gastão Correia and João Correia lived in a neighbourhood of self built houses that was target of a state intervention program that aims eradicate this residential space and lodge their inhabitants in a neighbourhood of state buildings. A significant number of persons didn't have the right to be lodged in the new neighbourhoods, and among them these tree men. These individuals involved themselves politically in an organizational movement that tried to go against the senses of marginality that the process of exclusion generated in their lives. The perception of exclusion lead them to question the migrant experience, but the political engagement allowed them to undermine the meanings of exclusion through the process of reconstruction and negotiation their identities valuing the personal experiences.

In this work the migratory experiences is also analysed by the biography narratives of this three individuals. Through the personal narratives, they contextualize their migrant trajectory in a wider social system of relations that shapes their perceptions, understandings and interpretations of the present, putting the unfolding of the future lives into perspective. Another analytical framework that crosses this whole thesis is the perspective of transnationalism that allows us to understand that migrants take actions, make decisions, and feel concerns, and build social fields that link together their country of origin and their country of settlement, becoming actors and agents of change in different societies.

Key-words: Guinean-Bissau migrants; experiences; narratives; transnationalism.



### ***Agradecimentos***

Em memória do meu avô, aos meus pais e à minha família de mulheres.

Ao Dani, à Angeli e à Maria pela ajuda especial e aos meus amigos que me perguntavam «...*quando é que acabas isso?*» e não só.

Aos meus companheiros antropólogos Rita e Hugo.

Aos bibliotecários que me acompanharam nas horas solitárias do trabalho, em especial ao Aleixo e ao Professor Filipe Reis pela sua orientação.

Às pessoas que sofreram e sofrem o processo de demolição das suas casas e aos que lutam com eles.

E, em especial, ao N'Duba, Gastão e João por me permitirem aceder à sua história.





## ÍNDICE

<b>Introdução</b> .....	9
<b><i>I. Migração: os sujeitos, as perspectivas e o terreno</i></b> .....	15
O trabalho presente: aproximações e problemática .....	16
Migração: a disciplina em perspectiva.....	23
Migrações Internacionais e Portugal .....	34
A imersão no terreno e a metodologia .....	36
<b><i>II. Os tempos antes e depois da experiência: trajectos, trabalho e o bairro</i></b> .....	41
Trajectos: o antes e o depois .....	42
O trabalho nas obras .....	47
O bairro das Marianas .....	52
<b><i>III. Transmigrantes: mobilidade existencial e reterritorialização das práticas</i></b> .....	61
Migração e mobilidade existencial .....	62
Transnacionalismo presente .....	68
Reterritorialização das práticas e identidades .....	73
<b><i>IV. Segurar atrás</i></b> .....	81
O cálculo quotidiano e as relações familiares.....	82
Histórias pessoais: imersão dos sujeitos em redes familiares.....	84
Segurar atrás.....	94
<b><i>V. O presente quotidiano e o futuro como projecto</i></b> .....	97
Sociabilidades: entre deslocamentos e a gestão de relações .....	98
Sentidos de modernidade e tradição .....	108
Futuro como projecto .....	112
<b>Conclusão</b> .....	119
<b>Bibliografia</b> .....	125
<b>Anexos</b> .....	132



## *Introdução*

Este trabalho analisa experiência migratória de três homens guineenses. O seus trajectos pessoais são marcados pela residência num bairro de casas auto-construídas, alvo de um programa de intervenção que visa a erradicação deste espaço e realojar os seus moradores num bairro social. Nem todos os moradores tiveram direito ao realojamento, entre os quais N'Duba, Gastão e João. Estes sujeitos organizam-se numa Comissão de Moradores de forma a fazer face às demolições progressivas deste espaço residencial, reivindicando o direito ao realojamento das pessoas excluídas do processo. Esta pesquisa de terreno observa os tempos e espaços do seu envolvimento político no processo migratório e recorre às narrativas biográficas para perceber como semantizam e interpretam as suas experiências de deslocamento.

Mas o tempo de pesquisa com N´Duba, Gastão e João não abrangia apenas o seu envolvimento político na sociedade de estabelecimento. Passamos vários momentos juntos e tive a oportunidade de conhecer as suas histórias de vida, os seus trajectos pessoais numa sociedade africana que construía como tradicional e fui confrontada com inúmeras explicações de processos de mudança que viveram, desde a guerra colonial a migrações internas. Conversávamos sobre os diversos grupos étnicos até ao unipartidarismo de Nino Vieira e o último conflito de guerra em 1998, que assolou a capital do país. Deparei-me com a questão de que processos de conhecimento pessoal dos sujeitos não são apenas unidireccionais, pois em muitos momentos tinha também de me apresentar, falar da minha história, do meu trajecto. Talvez tenha sido uma estratégia pessoal para esbater as nossas posições que relacionava sempre como desiguais. Pertencço à população maioritária, sou branca, estudante de uma disciplina académica. Mas também em alguns momentos, embora escassos, normalmente em contextos de sociabilidades, senti-me numa posição desigual, minoritária e, mais uma vez, mulher. As entrevistas decorriam em locais elegidos pelos informantes, nos dias para si mais convenientes, como o domingo ou durante a semana, pois dada a instabilidade do trabalho passavam épocas sem trabalhar. Não posso dizer que parti para o terreno. O terreno flutuava entre vários lugares do contexto urbano da Área Metropolitana de Lisboa, embora o Bairro das Marianas tenha sido o lugar de observação privilegiado. Iniciei a pesquisa levando comigo algumas questões: como é que estes homens entendem as suas vidas durante a experiência de deslocamento que, neste caso, é marcada por um processo de exclusão particular? Como gerem, durante o período de permanência em Portugal, o seu papel dentro das relações familiares na Guiné-Bissau? As questões iniciais de pesquisa normalmente e naturalmente passam por processos de multiplicação. A observação de terreno e as narrativas dos meus informantes teceram novas questões, as leituras teóricas moldaram a nossa experiência, surgindo novas reformulações e ideias, num processo reflexivo e interpretativo.

A pesquisa bibliográfica parece não definir este trabalho dentro de um paradigma concreto, embora a perspectiva do transnacionalismo influencie as interpretações tecidas ao longo do texto. Como estudante de um mestrado em Antropologia da Educação não me interessava analisar processos de aprendizagem dentro da escola, pois esta entidade não ensina todo o conhecimento que os grupos necessitam para a sua reprodução. Todos os grupos encontram mecanismos para que o seu conhecimento e o seu entendimento do real não se perca com o desaparecimento de

um dos seus membros (Raposo, 1991), através de processos de aquisição e transmissão de saberes que decorrem ao longo do ciclo de vida dos indivíduos. Estes homens adultos que migraram ocupam um lugar social dentro da sua família e do seu grupo. Na sua passagem pelo tempo histórico foram acumulando experiência social pela qual vão construindo as suas memórias e definindo as suas acções presentes.

*«(...)to immigrate means to immigrate together with one's history (immigration itself being an integral part of that history), with one's tradition, ways of living, feeling, acting and thinking, with one's language, one's religion and all the other social, political and mental structures of one's society - structures characteristic of the individual and also society, since the former is no more than the embodiment of the latter – or, in a word, with one's culture.» (Sayad, 1999: 3)*

Mas a experiência do deslocamento significa uma movimentação nas percepções pessoais dos sujeitos; os actores engajam em processos progressivos de negociação e contestação entre e dentro de “posições de sujeito”, seja dentro da sociedade onde se instalaram, seja na sua própria sociedade. Neste sentido, procuro evidenciar a experiência subjectiva dos actores, do que analiso como sendo para si significativo e formativo dos seus significados, de forma a procurar interpretar como estes sujeitos entendem o seu presente migratório.

Os argumentos trabalhados neste texto são atravessados pela perspectiva do transnacionalismo enquanto ferramenta analítica para pensar a vida das pessoas que experienciam a mobilidade geográfica no decorrer do processo histórico contemporâneo. Esta perspectiva delineou o olhar sobre a prática etnográfica, transformando as interpretações transpostas na escrita. Desta forma, o primeiro capítulo deste trabalho descreve a aproximação ao terreno e a problemática que envolve a pesquisa, traçando uma perspectiva sobre as diferentes abordagens da antropologia à temática da migração, e aprofundando um pouco mais o tema do transnacionalismo. Este capítulo termina com uma reflexão sobre os procedimentos da prática etnográfica

No seio da marca analítica do transnacionalismo está a conexão da migração transnacional contemporânea com as condições de mudança do capitalismo global; as forças económicas continuam a ser estruturadoras dos fluxos da migração internacional. A produção académica deverá localizar como os sujeitos transmigrantes respondem as estas forças através das suas estratégias de sobrevivência quotidianas, através da produção de identidades e de práticas específicas. N'Duba, Gastão e João são trabalhadores antes e depois da experiência migratória. Assim, no segundo capítulo, início o tempo da etnografia e analiso as suas trajectórias antes e depois do movimento

migratório, tal como as suas experiências laborais em território português. Neste capítulo descrevem-se como os primeiros tempos após a chegada são marcados pelo alojamento no bairro das Marianas e pelo seu posterior envolvimento político na Comissão de Moradores.

As narrativas dos sujeitos e as leituras teóricas tecem a perspectiva de que a migração é apresentada como uma necessidade de mobilidade existencial antes de se tornar uma mobilidade efectiva, o outro espaço geográfico é imaginado como um lugar de maiores possibilidades para o desenrolar das suas vidas. Este argumento é trabalhado no terceiro capítulo. Esta secção explora também como o transnacionalismo é o processo pelo qual os migrantes, através das suas actividades quotidianas e relações económicas, sociais e políticas, criam campos sociais que ultrapassam fronteiras nacionais; os indivíduos transformam, efectivamente, diferentes lugares separados geograficamente, através das suas acções e práticas e pela contínua comunicação e circulação de ideias, dinheiro, pessoas, informação, etc. e pela reterritorialização das suas práticas específicas.

As percepções dos sujeitos transmigrantes são geradas a partir da contextualização e interpretação das suas vidas entre o “aqui” e o “lá”, os sujeitos trazem diferentes tempos e diferentes localizações para um mesmo campo de análise de forma a reflectir sobre as suas trajectórias. Estes diferentes tempos e diferentes localizações são envolvidos nas histórias familiares dos sujeitos e no entendimento da sua posição no seio das suas unidades domésticas. O capítulo III apresenta algumas histórias e as estruturas familiares dos três sujeitos, tal como os sentidos de obrigação para com os que permanecem *atrás*.

O capítulo V explora o presente quotidiano e as redes sociais dos sujeitos na sociedade de estabelecimento, tal como algumas interacções com estruturas institucionais. Ao longo do trabalho penso como as representações sobre o projecto migratório são atravessadas por sentidos de descontinuidade biográfica, que operam como base para a criação de novas instâncias discursivas que redefinem as suas posições identitárias, reapropriando-se da sua história e projectando os seus futuros, de forma a gerar sentidos de continuidade das experiências pessoais. Este último capítulo trabalha como estes três sujeitos pensam e redefinem as suas histórias pessoais, processando o ciclo da sua existência através da contínua necessidade de aceder a ideais projectados durante um presente migratório, através da sua constante imaginação sobre os seus futuros.

A sempre difícil conclusão resumirá os principais argumentos que conduziram o trabalho, tecendo as possíveis ideias futuras de uma pesquisa que se deveria situar e estender aos outros locais a que estes sujeitos estão conectados.





## *Capítulo I*

### ***Migração: os sujeitos, as perspectivas e o terreno.***

Este capítulo divide-se em três secções. Numa primeira secção os processos de aproximação ao terreno estarão em análise, de forma a desvendarmos o tema e a problemática que envolve o trabalho. O segundo momento pontua um olhar sobre a perspectiva da disciplina nas abordagens à problemática da migração e as suas transformações, terminando com a análise do transnacionalismo e das migrações internacionais em Portugal. Por fim, faz-se uma reflexão metodológica sobre o trabalho de campo, ou seja, uma reflexão sobre o fio condutor de todo este trabalho de pesquisa.

## O trabalho presente: aproximações e problemática

Schiller, Bash e Blanc-Szanton (1994) no seu importante livro *Nations Unbound* sugerem aos analistas que conceptualizam as dinâmicas do capitalismo global e migração transnacional que incluam na sua análise a sua disciplina académica, conceitos e a sua posição. Proponho, neste parágrafo, introdutório a inclusão de uma breve reflexão sobre a minha posição no início do processo de pesquisa. Não pretendo centrar-me na minha experiência intersubjectiva mas, não obstante, gostaria de descrever a minha experiência pessoal e a aproximação ao terreno. Esta aproximação começa com primeiro envolvimento pessoal sobre uma situação social particular e a passagem da experiência para a pesquisa foi motivada pelo desconforto e por vários questionamentos. Mas concentremo-nos na questão. Conheci N'Duba, um dos três sujeitos cuja narrativa biográfica é analisada no presente trabalho, em Novembro de 2005, no bairro das Marianas, um bairro de casas auto-construídas no concelho de Cascais. N'Duba vivia neste bairro e, nesse dia particular, ocorreriam as demolições de algumas casas. Eram sete e meia da manhã. Somos apresentados. Esta primeira interacção é breve pois N'Duba irá trabalhar, podendo apenas permanecer alguns minutos mais. O bairro que observava era uma planície de terra batida, com três aglomerados de três a quatro casas atravessados por um caminho e outras duas casas isoladas um pouco mais afastadas. O entulho circunscrevia as casas e os caminhos por onde se passava, sinalizando a destruição progressiva de um espaço habitacional. N'Duba estava num grupo de sete ou oito homens guineenses. Outros pequenos grupos povoavam o terreno. Este grupo explica-nos os acontecimentos. As máquinas retroescavadoras estão estacionadas, alguns polícias estão já no local, mas o condutor da máquina e os funcionários da Câmara Municipal não tinham chegado. Informam-nos também quantas pessoas irão ficar sem casa, entre as quais alguns destes homens. Eu estava inserida num conjunto pequeno de pessoas, pertencentes a um grupo de trabalho de uma associação de defesa dos direitos dos imigrantes, *Solidariedade Imigrante*, e outras pessoas da mesma rede de relações sociais. Eu começara a participar nas reuniões deste grupo de trabalho que procura apoiar algumas das pessoas na luta e reivindicação pelo direito a uma habitação pois, por não estarem incluídas nos recenseamentos de 1993 realizados pelas Câmaras Municipais, não teriam direito ao realojamento em bairros de habitação social camarários. Não estavam incluídas no P.E.R., Programa Especial de Realojamento, um programa público de habitação que visa erradicar bairros de barracas. A situação de

exclusão de várias pessoas do programa decorreu, decorria e decorre em diferentes bairros da Área Metropolitana de Lisboa. Na época, este grupo trabalhara já com alguns moradores do bairro das Marianas, organizados numa Comissão de Moradores e na Azinhaga dos Besouros, Amadora, onde moradores procuravam organizar-se, pois iniciava-se um novo processo de demolições e o bairro mantinha ainda uma parte significativa das edificações<sup>1</sup>. É também durante este período que o grupo começa a aproximar-se a outros bairros, como a Quinta da Serra e Quinta da Vitória, concelho de Loures, ou ao bairro do Fim do Mundo, S. João do Estoril, Cascais.

Neste dia observo pela primeira vez um processo de demolição. Algumas das pessoas concentram-se em frente às casas, outras retiram apressadamente os seus pertences do interior das habitações, outras ainda procuram formas de resistir fisicamente à situação subindo para cima dos telhados de algumas casas que irão ser deitadas abaixo. Os corpos e os estados emocionais são orientados pela inquietude da situação. A força policial circunscreve as casas, procurando afastar as pessoas das imediações destas. O panorama era consternador e a inevitabilidade da destruição impunha-se como facto consumado. Apenas voltarei a rever N'Duba meses mais tarde. Neste grupo de trabalho dividíamo-nos por bairros e eu não participava nas reuniões do bairro das Marianas; as demolições tinham parado no bairro e era agora na Azinhaga dos Besouros que um novo processo de demolição se iniciava. Observo e participo em diferentes movimentos de pessoas que procuram organizar-se para fazer face a uma situação de enorme violência institucional, a destruição progressiva dos seus locais de residência e que, simultaneamente, os desprovia dos direitos constitucionais, subordinando as suas vidas aos imperativos de forças externas institucionais. A grande maioria destes actores é migrante ou descendente de migrantes. As nossas acções colectivas passavam pela participação com os moradores em assembleias municipais, reuniões, redigir cartas com pedidos de audiência às Câmaras Municipais, ao Instituto Nacional de Habitação (I.N.H.), etc. Durante o tempo desta experiência pessoal eu deveria também escrever uma tese para o Mestrado no qual estava inscrita. A justaposição da identidade pessoal e a identidade disciplinar é algo complexo. Primeiro, a interpretação da relação disciplinar sob uma perspectiva periférica, ou seja, o estatuto de estudante e ideia progressiva de aquisição e construção do saber, ou a racionalização

---

<sup>1</sup> O bairro da Azinhaga dos Besouros diferencia-se dos outros bairros pelo tipo de edificações. As estruturas das casas são a maioria em alvenaria, aproximando-se mais a um bairro A.U.G.I (Áreas Urbanas de Génese Ilegal) do que a um bairro comumente denominado bairro de barracas.

sobre a segmentação do mercado de trabalho, pesam sobre a forma como entendemos o nosso envolvimento disciplinar e as motivações para continuar. Por outro lado, a antropologia marca o nosso entendimento sobre o real, gera a curiosidade e o espanto; expressa-se nas viagens de autocarro em que abandonamos a leitura do livro para escutar as conversas murmuradas e interpretar os seus significados, os sentidos e a expressividade dos seus interlocutores, ou na forma como estamos atentos a diferentes realidades sociais. Da articulação entre o entendimento subjectivamente idealizado e a visão racional (e calculadora) de terminar algo iniciado, ou seja, o mestrado, imperou a vontade de trabalhar sobre algumas experiências de exclusão vividas pelos habitantes migrantes destes bairros. A partir da decisão inicia-se o processo de procura dos sujeitos narradores e a articulação com a orientação do mestrado, a educação.

Reencontro N'Duba meses mais tarde, desta vez em Lisboa e na Associação *Solidariedade Imigrante*. N'Duba chegara do seu trabalho e eu estava ocupada em pequenas tarefas antes da nossa reunião semanal. Abandono os afazeres para conversar com N'Duba. Esta nossa conversa não parecia a primeira, fluíam as histórias e chegam a tropeçarem-se as palavras, pelo entusiasmo das descrições. Não sei porquê mas terminámos a falar mais da vida na Guiné-Bissau, da sua esposa e filhos, do que da situação no bairro das Marianas. Nesse dia combinámos que eu iria à próxima reunião no bairro. Nesta experiência de ambos gerou-se uma empatia particular que me leva a questionar se não poderia fazer a sua história de vida para a minha pesquisa. Conhecia um pouco a situação do bairro, bem como o facto da maioria dos excluídos serem homens e guineenses; e que a Comissão de Moradores estava bastante empenhada em reivindicar os seus direitos. A curiosidade esquematizava algumas ideias. Decidi observar atentamente a reunião, sem me pronunciar politicamente como o fazia em outras ocasiões. A disciplina começa a impor ao meu corpo as suas regras e a transformar o meu envolvimento com esta realidade social. Os participantes da reunião iriam associar-me ao grupo da Associação, mas pensei que se mantivesse alguma distância, mais tarde poderia explicar que estava a fazer um trabalho para a Universidade e as ideias que construiriam sobre mim e sobre a minha presença teriam uma diferente base de interpretação. No primeiro fim-de-semana de Junho de 2006 assisto pela primeira vez a uma reunião no bairro das Marianas. A afluência de pessoas é significativa, são pelo menos trinta participantes. A comissão de moradores estava presente quase na sua totalidade, à excepção de Gastão, outro dos interlocutores do presente trabalho. Da comissão fazem parte N'Duba, Gastão, João, Alberto e Filomena.

Discutiam vários assuntos, entre os quais a situação de Filomena, uma das poucas pessoas que permanecia a viver no bairro, juntamente com as suas três filhas e um primo. Estes homens preocupavam-se com a sua exclusão do P.E.R., mas uma das principais lutas era a integração no Programa das mulheres com filhos que tinham sido excluídas. Surpreende-me o nível de consciência política dos discursos sobre a situação. As discussões incluíam reflexões sobre o posicionamento na esfera laboral, argumentos em torno da questão da relação de Portugal como país colonizador e apelos à união e participação. Estes e outros pontos de interesse, como a forma como a exclusão institucional discriminava sem subterfúgios discursivos o acesso à habitação a indivíduos sem o reagrupamento familiar constituído, motivaram a decisão em trabalhar sobre a vida de alguns elementos da Comissão de Moradores do bairro das Marianas. Terminei por circunscrever a recolha de narrativas biográficas<sup>2</sup> a três membros desta comissão, N'Duba, Gastão e João Correia, para além da observação em alguns terrenos onde se movem estes sujeitos.

### *Narrativas e problemática*

Como primeiro nível de interpretação tinha o envolvimento específico destes indivíduos num processo de luta durante o tempo presente da sua experiência migratória. Mas, na primeira conversa informal com N'Duba, os seus relatos são narrados em torno da apresentação dos laços familiares mais significativos e de histórias de experiências anteriores à migração. Este posicionamento pessoal de N'Duba gerara um questionamento sobre o que pretendia analisar. Se me circunscrevesse apenas a esta forma de resistência particular não estaria a politizar demais os sentidos que os sujeitos atribuem a esta experiência? Não estaria também a desvalorizar a análise de outros factores para interpretar o porquê do envolvimento? Não seria este apenas um aspecto importante do presente migratório, pois talvez as suas preocupações e expectativas fossem tecidas em torno de outras questões? Deveria tentar perceber o motivo da migração, conhecer as suas relações pessoais mais significativas, as preocupações laborais, os projectos futuros ou mesmo questionar se o envolvimento político não fazia parte de um tipo de experiência política transcorrida no passado dos sujeitos. Os questionamentos orientam as opções metodológicas. Não poderia limitar os

---

<sup>2</sup> Não aplicarei a terminologia de histórias de vida, pois como esclarecerei mais adiante o trabalho não se centra totalmente nas entrevistas biográficas e a recolha de narrativas não é assim tão extensa para que se possa dizer que se constituam como uma história de vida.

passos da investigação apenas à observação dos contextos quotidianos dos sujeitos. A narrativa biográfica constituía a forma mais plausível de perceber a história pessoal dos sujeitos, de relacionar as suas percepções, entendimentos e identidades com um sistema de relações sociais mais amplo; de procurar os significados e sentidos que atribuíam à experiência migratória. Mas esta síntese encerra uma série de considerações a trabalhar, como seja a da articulação entre a narrativa e o tema do mestrado, a educação.

A escola é uma instituição presente em todas as sociedades modernas. É nesta instituição que se pensa quando se fala de aprendizagem (Gusmão, 2003, 51) mas, na verdade, a criança antes de participar nesta instituição aprendeu já um conjunto de princípios, distinções e técnicas por meio das quais a memória do grupo passa a ser parte do seu conhecimento e da sua lembrança. Neusa Gusmão interpreta o conceito de Raul Iturra de *memória cultural* para perceber como a escola, enquanto instituição moderna, não reconhece o saber que se faz fora da escrita, não reconhece a diversidade de saberes socialmente produzidos e desconhece as lógicas através dos quais o real é percebido, compreendido e representado.

*(...) a memória não escrita, a memória oral formada a partir das relações sociais praticadas por sujeitos diversos e que constitui um facto de acção. Esta memória é fruto de memorizar, de observar como parte envolvida concreta e emocionalmente com indivíduos e coisas que nos rodeiam, estabelecendo com eles um modo particular de aprendizagem, ou seja, uma experiência. (...) A mente cultural é formada de modo pragmático no seio da família, da vizinhança e do grupo do qual se nasce. (...) Trata-se de uma aprendizagem do que é importante para a continuidade histórica do grupo e que consiste na explicação do mundo por categorias geradas na interacção entre sujeitos diversos. (Gusmão, 2003:52)*

As ideias de Raul Iturra sobre a memória cultural parecem transportar-nos para o domínio do *habitus* de Pierre Bourdieu, onde a sociabilização e o principio da aprendizagem se enraízam, onde a cultura é codificada no corpo individual e o corpo se torna instrumento mnemónico para a comunicação e expressão dos códigos culturais (Rapport, 2000:2). Segundo Wacquant, este conceito capta a interiorização da exterioridade e a exterioridade da interioridade, ou seja, a forma como a sociedade se torna depositada nas pessoas sobre a forma de disposições duráveis e transponíveis, ou capacidades treinadas e propensões estruturadas para pensar, sentir, agir de modos determinados, que então os guiam nas suas respostas criativas aos constrangimentos e solicitações do meio social existente (Wacquant 2000:36). Iturra e Bourdieu, articulados nesta perspectiva pessoal, exploram como o entendimento do mundo dos indivíduos é

moldado pelas suas experiências estruturadas. Iturra perspectiva a escola como uma passagem para outras formas de entendimento sobre a experiência, sobre o mundo, e que inúmeras vezes não entende como o real fora anteriormente representado, transmitido e estruturado. Gostaria de sublinhar que embora afastado da problemática da educação formal em contexto escolar, ou seja, da evidente relação contemporânea entre escola e educação, o presente trabalho como está preocupado em perceber como estes três sujeitos transmigrantes entendem a experiência migratória, não deixa de assinalar o facto das percepções pessoais dos sujeitos terem sido constituídas pelo decorrer do tempo no seio das relações sociais e serem constituintes da reflexão sobre o presente.

As narrativas biográficas serão os instrumentos para perceber como os indivíduos interpretam a sua posição no decorrer das suas vidas individuais marcadas pelo processo de mobilidade física, a migração. E servirão, simultaneamente, de análise contextual das acções pessoais e da intersubjectividade dos actores, procurando relacionar a estrutura social e a vida pessoal dos sujeitos. O processo de recolha das narrativas biográficas constitui um momento particular da prática etnográfica pois há um afastamento dos espaços de observação (ou provocam-se novos espaços) e os sujeitos engajam-se numa experiência narrativa de interpretação de si mesmos. Ao procurar ordenar as acções e experiências do seu tempo histórico particular os sujeitos criam sequências temporais para a apresentação do *self*, recorrendo a unidades de experiência e significado para narrar o contínuo das suas vidas (Turner e Bruner, 1986:8). Assim, as histórias constituem-se como unidades de significado e representação que fornecem uma conexão entre o passado, o presente e o futuro. A particularidade destas narrativas é decorrerem durante os tempos e espaços da migração, e se criarem como unidades de significado com referência também a um presente quotidiano e em que o próprio *self* engaja em constantes negociações e recriações dos sentidos da experiência migratória.

Estas ideias servem de ponte para introduzir a problemática do presente trabalho. As narrativas biográficas, no decorrer da experiência migratória, armazenam percepções de continuidade ou/e descontinuidade<sup>3</sup> biográfica do *self*. Nas dinâmicas de continuidade biográfica os sujeitos entendem o presente migratório como um projecto familiar de melhoria das condições de vida dos seus membros; projectam sobre as suas possibilidades futuras; recriam o seu papel e responsabilidade no interior das relações

---

<sup>3</sup> Este conceito não visa ser entendido como uma completa ruptura, mas como um estado de intermitência.

familiares; apresentam o estatuto migrante como uma fonte de prestígio e possibilidade social. Mas percepções de descontinuidade biográfica pesam sobre o entendimento do quotidiano presente dos sujeitos. O processo de imaginação das possibilidades anterior ao movimento migratório, os discursos sobre as condições sociais experienciadas e sobre a posição ocupada na estrutura social da sociedade receptora, as pressões exercida pelos familiares para o envio de remessas, os sentidos de ausência das estruturas afectivas mais significativas, são parte dos factores que geram o constante questionamento dos actores sobre os sentidos da experiência migratória. Estas ideias de continuidade e descontinuidade não surgem como antagónicas nos discursos dos sujeitos, elas são produzidas em relação, em justaposição ou mesmo em contradição. Mas embora em ambas os migrantes experienciem processos de reconstrução e negociação identitária, é no entendimento das descontinuidades que os migrantes parecem experimentar um processo de passagem do invisível ao visível, de uma identidade não articulada à necessidade de articulação (Lechner, 2006:101). Como primeiro exemplo poderemos pensar os envolvimentos pessoais na Comissão de Moradores. Estes sujeitos experienciam sentidos de marginalidade, pela localização da residência, pela exclusão do processo de realojamento, mas contrariam estes sentidos através da participação numa forma organizada que gera processos de valorização discursiva enquanto contrariam as desvantagens sociais. Não querendo desvendar todos os palcos de análise, estas duas ideias procuram instrumentalizar o facto dos sujeitos migrantes avaliarem constantemente as suas acções, constrangimentos e posições sociais que, pela experiência migratória, se estendem psíquica e fisicamente a vários lugares, enquanto procuram imaginar ou projectar possibilidades futuras.

Este último argumento é tecido como sequência, em que percebemos como o entendimento do mundo dos indivíduos é moldado pelas suas experiências estruturadas e os significados sobre as experiências emergem no decorrer da comunicação discursiva, as narrativas. Estas ideias são sugestões para analisar as percepções, entendimentos e acções de três indivíduos que experienciam um processo particular, a migração. Retomando as ideias de Schiller, Bash e Blanc-Szanton (1994), evocadas no início deste capítulo, sobre a posição do investigador passo agora à disciplina e a alguns dos seus conceitos e a uma breve análise interpretada e esboçada a partir das leituras teóricas sobre o fenómeno migratório.



## Migração: a disciplina em perspectiva

A antropologia clássica sempre foi a disciplina do Outro distante. O antropólogo deslocava-se e residia em lugares geograficamente e culturalmente distantes (Silvano, 2002:53). Estas noções conceptualizam a cultura como algo localizado no tempo e no espaço, confinando os seus membros a este lugar específico e representando as suas realidades como figurativas e indissociáveis dessa mesma cultura. Estes modos de representação, de definição enraizada de cultura, moldaram a análise antropológica até aos anos sessenta e, segundo Brettell (2000), só a partir do momento em que a antropologia progressivamente rejeita a ideia das culturas como unidades homogéneas, não sujeitas à mudança e territorializadas, é que pensar e teorizar sobre as migrações se torna possível. Segunda esta autora, a antropologia é forçada, em última instância, a prestar atenção à temática da migração pois em regiões do mundo tradicionalmente arenas de trabalho etnográfico – África, Oceânia e de forma crescente, a América Latina – assistia-se a movimentos significativos de pessoas de zonas do interior para centros urbanos desses mesmos países ou movimentos de pessoas para “países mais desenvolvidos”. O interesse pelos migrantes e o seu estabelecimento nas cidades floresce conjuntamente com o crescimento dos estudos sobre comunidades camponesas e a antropologia urbana (Brettell, 2000:98). Ao contrário da antropologia, outras ciências sociais, como a sociologia e a economia, há muito sistematizavam teorias em torno da temática da migração. A primeira teoria clássica sobre migrações é indiscutivelmente económica e define-se como o modelo de atracção-repulsão (*push-pull model*), de Ravenstein que remonta para os finais do século XIX (Saint-Maurice, 1997:3). Este modelo procura sistematizar o movimento migratório demonstrando como os indivíduos se deslocam na procura da maximização de bens e minimização das desvantagens, centrando a análise nos factores ligados à repulsão gerada pela sociedade de origem (crescimento demográfico, baixos níveis de vida, falta de oportunidades económicas, etc.) e a combinação dos factores de atracção para sociedade de chegada (demandas de trabalho, boas oportunidades de económicas, etc.). Por outro lado, a sociologia, em particular a Escola Sociológica de Chicago (1920-30), tinha a imigração e as suas consequências entre os seus temas principais de pesquisa. A perspectiva assimilacionista criada no interior desta Escola, tendo Robert Park como o seu precursor, restou como paradigma dominante desta disciplina até aos finais dos anos sessenta (Heisler, 2000:77). A assimilação cultural é postulada como o fim do ciclo de

relações sociais entre duas culturas, derivadas inicialmente de um contacto incidental e conflituoso (a imigração) que resultaria na aculturação final de um grupo em contacto com um outro mais dominante (Saint-Maurice, 1997:9). Esta perspectiva de assimilação da Escola Sociológica de Chicago não conseguiu explicar o (re) surgimento da etnicidade e a persistência da desigualdade e conflito racial crescentemente visível na sociedade americana. Mesmo assim, a teoria e pesquisa sociológica americana permaneceu muito centrada nos processos de incorporação (ou não incorporação) dos indivíduos migrantes.

Uma das primeiras ideias influentes na literatura antropológica sobre migrações é a de Robert Redfield (1941). Este autor, influenciado pelas ideias da Escola Sociológica de Chicago e pelo autor americano Wirth, desenvolve o modelo do «*folk-urban continuum*», modelo que opõe o meio urbano ao meio rural, distinguindo entre duas formas de vida distintas, entre desenvolvido e subdesenvolvido, moderno e tradicional (Watkins, 1996:370). No seio desta perspectiva os sujeitos migrantes são entendidos como de tipo progressivo que trariam impactos positivos pela forma como, no regresso às suas comunidades, transportariam inovações e conhecimentos que entrariam em ruptura com as tradições (Kearney, 1986: 333). A esfera de pesquisa é essencialmente centrada no indivíduo migrante, ou por extensão à sua família, e uma das tarefas de pesquisa seria perceber como o sujeito se adapta, assimila e ajusta à nova realidade. É visível a influência dos escolásticos de Chicago e o seu modelo de assimilação dos sujeitos nas sociedades de estabelecimento e a de uma outra teoria emergente nos anos cinquenta e sessenta, a teoria da modernização. Esta teoria, segundo Kearney, emerge como paradigma dominante de mudança económica e cultural. Este paradigma nasce da síntese dos modelos de mudança social antropológicos e sociológicos e da economia neoclássica (Kearney, 1986: 332), cuja base é a teoria «*push-pull*» de Ravenstein. Esta última marca bipolar analisa as áreas de envio e de estabelecimento de forma separada e oposta, mesmo se de áreas rurais para zonas urbanas, ou de países subdesenvolvidos para países desenvolvidas, e enfatiza as decisões económicas e racionais como centrais nas motivações dos indivíduos para migrar. A estas ideias subjaz um modelo de equilíbrio e desenvolvimento económico, resultando num balanço equitativo entre recursos e pressão da população, eliminando em última instância as diferenças entre áreas rurais agrárias e urbanas industriais (Brettell, 2000:102).

Outros estudos importantes no seio da antropologia são os de membros da Escola de Manchester, como J.Mitchell e J.Barnes, a trabalhar no Instituto de Rhodes-Livingston. Estes autores seguem as linhas de análise da teoria da modernização e mostram como os indivíduos entendem que o trabalho assalariado nas cidades oferece mais oportunidades que a agricultura de subsistência, motivando, desta forma, a deslocação para as cidades. O trabalho assalariado é a base necessária para ser bem sucedido no contexto rural, seja como forma de acumulação para o dote da noiva, para construir uma casa, etc. Um dos grandes contributos destes autores é terem demonstrado a importância da análise das redes familiares e de amigos no decorrer do estabelecimento durante o período de migração (Watkins, 1996:370). Estes autores descrevem processos pelos quais estas redes de laços sociais são mantidas e utilizadas em contexto urbano<sup>4</sup>. Um outro contributo importante destes trabalhos é o abandono de uma noção simplista de modernização através da introdução de análises mais realistas dos contextos sociais e económicos onde ocorriam as migrações. Concomitantemente a esta produção científica, a própria academia americana questionava algumas inconsistências do modelo de urbanização de Redfield, causadas pelo crescente número de estudos, nos anos sessenta e setenta, sobre migrantes rurais que se deslocam para as cidades. Contrariamente às premissas do modelo de modernização, alguns estudos em contexto urbano demonstram como a urbanização estava a ocorrer sem desenvolvimento, enquanto que outros autores a trabalhar nas sociedades de partida testemunhavam alguns efeitos negativos do retorno da migração (Kearney, 1986:337). Algumas incertezas minavam este paradigma dominante, embora o foco tenha permanecido na decisão individual e racional em torno da decisão de migrar.

Uma explicação alternativa à migração internacional surge nos anos setenta e foi o que se viria a chamar por «*aproximação histórico-estrutural*». Esta aproximação tem as suas raízes intelectuais no pensamento marxista, mais especificamente no trabalho dos teóricos da dependência, como o de André Gunder Frank (1967) e nos teóricos dos sistemas mundiais, como Immanuel Wallerstein (1974) (Brettell, 2000:103). Este primeiro autor, Frank, transforma as ideias do «*folk-urban continuum*» e entende o rural e urbano não como economias duais não conectadas mas, pelo contrário, intrinsecamente ligadas por um bias de dependência servindo as necessidades de desenvolvimento não da periferia mas sim do centro (Kearney:1986:338). Na mesma

---

<sup>4</sup> As redes de laços sociais dos sujeitos migrantes é, como podemos entender, um tema ainda central nos estudos antropológicos sobre migrações.

linha, os teóricos do sistema-mundo identificam um sistema global cuja base é uma divisão internacional de trabalho, produzindo comodidades de troca entre diferentes zonas de produção e consumo: periferia, semi-periferia e centro. O desenvolvimento do processamento de exportação é a maior estratégia do capital, que se move rapidamente dentro do globo, tal como se move a migração de pessoas do Terceiro Mundo para centros capitalistas (Basch, Schiller e Blanc-Szanton, 1994). Estas aproximações histórico-estruturais apontam para a distribuição desigual do poder económico e político na economia mundial. A migração é vista apenas como forma de mobilizar trabalho barato para o capital, perpetuando o subdesenvolvimento e explorando os recursos dos países mais pobres de forma a aumentar a riqueza dos mais ricos (Castles e Miller, 2003: 25).

O indivíduo migrante deixa de ser a unidade de análise deste corpo teórico, para passar a ser o mercado global e a forma como as economias e políticas nacionais e internacionais, e em particular o desenvolvimento capitalista, desmantelaram, deslocalizaram ou atraíram populações locais gerando correntes particulares de migração (Brettell, 2000:104). As críticas tecem-se em torno desta aproximação macro que se afasta dos indivíduos migrantes e os retrata não como agentes activos mas como passivos reactivos manipulados pelo sistema capitalista mundial, embora a sua relevância seja evidente dado que o trabalho migrante não poderá ser conceptualizado sem a problemática complexa dos circuitos de capital e comodidades (Kearney, 1986:340). É no seio deste turbilhão intelectual que se torna proeminente para perspectiva antropológica conceptualizar a migração e o desenvolvimento, retornando ao conceito de cultura mas, neste caso, a cultura como algo situado num contexto histórico estrutural mais amplo.

*This orientation, to which we now turn, promises to permit development anthropologists to return to culture, but to do so in a way that transcends psychologistic limitations of modernization theory while at the same time examining relationships of dependency, but dependency seen not only has a result of unequal exchange in the sphere of circulation and universal workings of the world system, but also and especially noncapitalist relations of production and reproduction in local settings from which and to which people migrate. (Kearney, 1996:341)*

Além de esboçar algumas críticas às teorias antes apresentadas, este autor propõe conceptualizar as mudanças de análise no seio da antropologia como o surgimento de uma perspectiva articulada. Esta perspectiva articulada procura entender os modos de produção e reprodução das unidades domésticas, que conjugam dois

modos distintos de produção, inserindo-as num contexto histórico e económico global. (Kearney, 1986:344). Esta definição particular de Kearney ressalva o novo interesse pelas análises detalhadas dos contextos sociais e económicos onde operam os migrantes, as suas famílias e comunidades. Paralelamente, a mesma direcção sobre o contributo das teorias histórico-estruturais é trabalhada por autores como Portes e Bach (1985) e Sassen (1988) que reconhecem a importância da perspectiva global, não deixando de reconhecer a importância de uma imersão nas dimensões sociais, culturais e políticas da experiência migrante (Schiller, Basch e Blanc-Szanton, 1999). Novos caminhos são traçados, onde a experiência migrante e a articulação da relação entre a sociedade de origem e de estabelecimento são trabalhadas, perspectivando a emergência de uma nova marca analítica, o transnacionalismo.

### ***Transnacionalismo em perspectiva***

O transnacionalismo é o processo pelo qual os migrantes constroem campos sociais que os ligam às suas sociedades de origem e ao país de estabelecimento (Basch, Schiller e Blanc-Szanton, 1994:13). Esta nova perspectiva entende os sujeitos migrantes como transmigrantes de forma a conceber as múltiplas relações desenvolvidas e mantidas pelos indivíduos. Estas são relações familiares, económicas, sociais, organizacionais, religiosas e políticas e ultrapassam as fronteiras político-geográficas. Os transmigrantes tomam acções e decisões, sentem preocupações, e desenvolvem identidades dentro de redes sociais que os conectam simultaneamente a uma ou mais sociedades (Schiller, Basch e Blanc-Szanton, 1999: 27). A abordagem do transnacionalismo desafia as imagens espaciais estabelecidas, ou seja, a migração continua a ser entendida como um movimento evidente, mas é abandonada a ideia de ser um movimento efectivo entre um conjunto de relações sociais para um outro, ou a mudança de uma forma de vida para uma outra distinta, em que a experiência dos migrantes e das suas famílias passaria por uma progressiva incorporação ao novo ambiente<sup>5</sup> (Rouse, 2000 [1991]:160). Rouse analisa um grupo migrante nos E.U.A, os *Aguilillans*, uma comunidade mexicana próxima da fronteira com os Estados Unidos, apelando ao uso do paradigma do transnacionalismo (Clifford, 1994:216), para entender como as práticas e acções deste grupo migrante transformam, efectivamente, dois locais

---

<sup>5</sup> Segundo Rouse (1991), muitos trabalhos reconhecem as contradições quando as pessoas combinam práticas e atitudes associados a um lugar para um outro. Normalmente são encontradas em modelos de sucessão de gerações e ultrapassadas completamente na consistente orientação sociocultural da terceira geração.

separados geograficamente através da contínua circulação de pessoas, dinheiro, bens e informação. O transnacionalismo como conexão de pessoas, mas também como movimento efectivo de ideias e objectos.

*It has become inadequate to see Aguilillan migration as a movement between distinct communities, understood as the loci of sets of social relations. Today, Aguilillans find that their most important kin and friends are likely to be living hundreds or thousands of miles away as immediately around them. More significantly, they are often able to maintain these spatially extended relations as actively and effectively as the ties that link them to their neighbours. In this regard, growing access to telephone has been particularly significant, allowing people not just to keep in touch periodically but to contribute to decision-making and participate in familial events from considerable distance. (Rouse, 2002 [1991]:162)*

A interpretação da ligação entre diversos campos sociais e a comunicação efectiva entre os agentes está iminentemente relacionada com o processo de globalização, processo que reflecte a crescente interconexão global e a própria reorganização do tempo e espaço. Inda e Rosaldo (2002:5) chamam à atenção para este facto, através de dois autores que, segundo eles, captam de forma particular esta profunda reorganização do tempo e espaço. David Harvey (1989) conceptualiza a globalização principalmente como uma manifestação da experiência cambiante do tempo e espaço.

*The “time-space compression” which refers to the manner in which the speeding up of economic and social process has experientially shrunk the globe, so that distance and time no longer appear to be the major constraints on the organization of human activities. (Inda e Rosaldo, 2002:7)*

A compressão do tempo e do espaço, como sintoma da aceleração dos processos sociais e económicos, encolhem experencialmente o globo; de tal forma que a distância e o tempo deixam de surgir como constrangimentos à organização da actividade humana.

Giddens (1990), como Harvey, considera que a globalização envolve uma profunda reorganização do espaço e do tempo na vida social e cultural. Mas, ao contrário do primeiro autor, Giddens propõe uma noção de distanciamento do tempo-espaço, referentes às condições sobre as quais o tempo e o espaço são organizados de forma a conectar a presença e a ausência. O argumento principal é que a vida social consiste em dois tipos de interacção social. O primeiro tipo implica o contacto directo, ou seja, as pessoas relacionam-se quotidianamente no que são normalmente espaços localizados. A segunda forma consiste em encontros mais remotos, possíveis pelos

transportes e sistemas de comunicação, nos quais as pessoas engajam pelo espaço e no decorrer do tempo. O primeiro tipo de interacção tende a ser predominante nas sociedades pré-modernas, em sociedades em que as dimensões espaciais da vida social são, para a maioria da população e, na maioria dos aspectos, dominadas pela “presença”, por actividades localizadas. Com o advento da modernidade a segunda forma tende de ser progressivamente a mais importante. A modernidade afasta, dos confinamentos da localidade, a órbita espacial da vida social, concebendo relações entre outros “ausentes”, distantes localmente de qualquer situação de interacção face a face (Inda e Rosaldo, 2002:8). Segundo este argumento o lugar não deixa de ser significativo na organização da vida quotidiana, apenas ressalva que as conexões sociais se estendem lateralmente através do espaço e tempo, as localidades no mundo tornam-se menos dependentes de circunstâncias de co-presença e mais de interacções mantidas pela distância.

Para Inda e Rosaldo as duas aproximações contêm um número significativo de diferenças, mas os pontos complementares evidenciam a presença quotidiana dos parâmetros básicos espaço-temporais da globalização (Inda e Rosaldo, 2002:9). A comunicação global, os avanços tecnológicos e os meios de transporte de massa, e também os complexos sistemas globais de produção e troca, os mercados financeiros mundiais são parte dos fenómenos complexos e interrelacionais da globalização na sua forma presente e que moldam a experiência espaço-temporal quotidiana dos sujeitos.

*«Globalization can be seen as referring to those spatial-temporal processes, operating on a global scale, that rapidly cut cross national boundaries, drawing more and more of the world into webs of interconnection, integrating and stretching cultures and communities across space and time, and compressing our spatial and temporal horizons».* (Inda e Rosaldo, 2002:9)

A particularidade da disciplina antropológica percebe como o mundo está, de forma crescente, a tornar-se mais interconectado procurando perceber como os sujeitos e comunidades participam neste processo de forma culturalmente específicas. O transnacionalismo aborda a problemática espaço-temporal perspectivando a agencialidade dos sujeitos migrantes e analisando as suas práticas sociais, culturais, políticas e económicas se estendem pelas fronteiras.

Rouse mostra-nos como a manutenção activa e efectiva das relações familiares dos sujeitos migrantes é parte essencial da estruturação quotidiana da vida destes sujeitos. Os indivíduos estão envolvidos em engajamentos simultâneos a diversos lugares associados a formas de experiência marcadamente diferentes. Ninna Sørensen

(2002) trabalha narrativas de migrantes dominicanos nos E.U.A. Segundo esta autora é esta trama complexa de relações com vários lugares que define o espaço das relações sociais dos indivíduos como um espaço transnacional.

*(...) transnational space is a metaphor for lived-experiences of Dominican migrants. This experiences encompasses the whole of individuals migrants have lived through and therefore bears the potential of bringing experiences from different locations into one single field of analysis. By being experienced, expressed, and performed transnational spaces transform into different forms of places, or in another Appadurai's neologisms, into a sorts of translocalities. (Sørensen, 2002, 244).*

Os transmigrantes quotidianamente trazem a experiência de diferentes localizações e de diferentes tempos, para um mesmo terreno de análise, num movimento contínuo entre interpretações entre o “aqui” e o “lá”. Parte das construções de significado sobre a experiência presente dos sujeitos operam no interior desta dinâmica processual de diferentes relações e representações espaço-temporais. Estas experiências vivas e fluidas dos transmigrantes permitem desafiar a fusão prévia entre espaço geográfico e identidade social, evocando para a natureza social do espaço como algo criado e reproduzido pela agência humana colectiva (Rouse, [1991] 2002: 159). É também no interior desta complexa rede de relações sociais, e movimentos espaço-temporais, que os transmigrantes esboçam e criam identidades fluidas e múltiplas ligadas à sua sociedade de origem e à de acolhimento (Schiller, Bash, Blanc-Szanton, 1999: 36). Para Stuart Hall, a ideia de identidade entende-se como uma produção, um processo e constituindo-se no interior de representações, contendo histórias que produzem efeitos reais, materiais e simbólicos.

*Cultural identity, is a matter of “becoming” as well as of “being”. It belongs to the future as much to the past. It is not something that already exists, transcending place, time, history and culture. Culture identities come from somewhere, have histories. But, like everything wich is historical, they undergo constant transformation. Far from being eternally fixed in some essentialised past, they are subject to continuous “play” of history, culture and power. (...) identities are the names we give to different ways we are positioned, and position ourselves within, the narratives of the past. (Hall, 1999:302).*

As identidades culturais, para além de pontos de identificação desenvolvidos no interior de discursos sobre a história e a cultura (Hall, 1999:303), são também posicionamentos discursivos que fluem da subjectividade dos indivíduos e que reflectem as condições e posições sociais através das quais os actores se tornam, e continuam a ser, seres humanos conscientes (Basch, Schiller e Blanc-Szanton, 1994:16).



A análise do transnacionalismo deverá perspectivar, no seio de discursos e práticas particulares, enunciados em estratégias ou negociações, os momentos específicos em que as identidades são representadas pelos transmigrantes como formas de marcação de diferença ou de comunhão.

Appadurai (1996) apresenta o deslocamento dos sujeitos migrantes através do conceito de desterritorialização<sup>6</sup>. A desterritorialização é uma das forças fulcrais do mundo moderno porque traz as forças dos trabalhadores para sectores da classe baixa e para o espaço das sociedades mais abastadas, ao mesmo tempo que cria, por vezes, um sentido exagerado e intensificado de crítica ou de apego à política na pátria de acolhimento (Appadurai, 1996:60). Nesta acepção, continua a reconhecer-se o mundo como um sistema capitalista global, perspectivando as forças económicas como estruturadoras dos fluxos da migração internacional, localizando as respostas dos transmigrantes a estas forças e as suas estratégias de sobrevivência, práticas culturais e identidades dentro de um contexto histórico mundial de poder e desigualdade diferencial (Schiller, Basch e Blanc-Szanton, 1999:33). A produção de identidades e as práticas dos sujeitos em resposta às forças económicas, ou no sentido de Appadurai, em resposta à localização dentro do sistema social da sociedade acolhimento, poderão ser negociadas em termos de classe, pertença racial, étnica, nacional, etc., no seio de processos de incorporação e diferenciação, entre os quais o processo de reinscrição dos espaços como hierarquicamente organizados à escala mundial e as construções culturais que estas reinscrições implicam. Como afirma Gupta:

*The changing global configuration of postcoloniality and late capitalism have resulted in the repartitioning and reinscription of space. These developments have had profound implications for the imagining of national homelands and for the discursive construction of nationalism. (...) we need to investigate process of place making, of how feelings of belonging to an imagined community bind identity to spatial location such that differences between communities and places are created. At the same time, we also need to situate these processes within systemic developments that reinscribe and reterritorialize space in to global political economy (Gupta, 1992:63).*

Por um lado, no decorrer deste processo histórico global de divisão e reinscrição do espaço, são as transformações da economia política global, como a reestruturação das indústrias nos países mais desenvolvidos, que deslocalizam os sectores de produção

---

<sup>6</sup> A desterritorialização como um conceito para analisar não só os sujeitos migrantes, mas também às multinacionais, mercados financeiros, ideias, imagens, grupos étnicos, movimentos separatistas ou formações políticas, etc. que transcendem as identidades e os limites territoriais específicos. (Appadurai, 1996:72).

para outros lugares, normalmente para países do terceiro Mundo. Os investimentos de grandes multinacionais nas indústrias de exportação desses países, a emergência de novos mercados mundiais, etc., criam uma grande pressão competitiva entre países e desestruturam, muitas vezes, as economias locais pouco capitalizadas, obrigando alguns destes países a contrair dívidas a instituições financeiras internacionais para as ajudas aos seus projectos de “desenvolvimento” (Schiller, Basch e Blanc-Szanton, 1999; Gupta, 1992:70). Estas transformações deixam muitos países mais vulneráveis ao controlo dos Estados-Nação capitalistas mais poderosos e reforçam as ligações económicas e políticas de interdependência vertical entre os vários países.

Por outro lado, e seguindo as propostas de Gupta, é na sequência dos processos de descolonização ou no período das lutas de libertação que, em muitos países, emerge o Estado-Nação como formação institucional distintamente moderna e ideológica. Apenas se poderia libertar a nação do poder colonial reconhecendo a entidade como tal, cuja existência concreta aguardava o surgimento. Neste sentido, existe uma disponibilidade discursiva sobre a geografia imaginada da nação que a faz surgir como entidade potencial e tornar-se uma forma de espaço organizado com legalidade política (Gupta, 1992:71). Os novos Estados, delimitados espacialmente por fronteiras, iniciam a escrita da sua história, formam projectos nacionalistas, criam metanarrativas para a formação da uma nova comunidade, adoptam modelos de desenvolvimento e modernização que solidificam o Estado moderno enquanto tal. Nesta mesma linha de interpretação, Bordonaro (2007), sugere que a ideia de modernidade tece uma linha de progresso, criando construções como desenvolvido e subdesenvolvido e localizando estas construções em diferentes espaços geográficos.

*A narrativa de modernidade produz um mundo de centros e periferias, criando uma teologia cuja última referência está em outro lugar, no mundo desenvolvido. Tornou-se também uma narrativa de marginalidade global e exclusão e uma ideologia de aspiração.* (Bordanaro, 2007:42,43).

As ideias deste autor encerram outras considerações. Esta ideologia de aspiração poderá ser perspectivada através do novo papel da imaginação na vida social dos indivíduos no mundo contemporâneo tal como proposto por Appadurai. Na óptica deste autor, a imaginação sai do espaço expressivo da arte, mito ou ritual para passar a fazer parte da actividade mental quotidiana das pessoas. As imagens, as oportunidades, os textos, os modelos, as narrativas que vêm de algures e são transportadas pelos veículos dos meios de comunicação de massas, tornam-se uma forma de negociação entre os

espaços de acção dos indivíduos e campos de possibilidade definidos globalmente (Appadurai, 1996:79). Poderá ser através daquelas representações imaginadas que a ideologia da aspiração é moldada e reinscrita numa escala global. Assim, no campo de representações sobre o real, as novas formas de experiência gráfica e imagética do global moldam distintamente as subjectividades dos actores contemporâneos e o entendimento sobre a sua localidade. Vão neste sentido as seguintes de Peters:

*(...) the diverse practices of mass media, wich we should not conceive as television, radio, newspapers, and magazines, or the various apparatuses of information, and entertainment, but also the practices of social envisioning, reporting, and documentation, including statistitics, accounting, insurance, census taking, polling, and the work of social services and the social sciences. Part of what it means to live in a modern society is to depend on representations of that society. (Peters, 1997:79)*

Estas novas dependências de representações da sociedade, difundidas pelo média, fornecem uma nova espécie de realismo à vida social. A interpretação da experiência é localizada pela comparação constante, através dos fluxos de narrativas, comodidades, bens, ideias de outros espaços globais, transformando e complexificando os processos conceptuais de construção do espaço.

Estes autores apresentam a complexificação contemporânea das dinâmicas de construção de lugar. Deveremos questionar como os transmigrantes interpretam a sua localidade e constroem culturalmente as suas histórias. Os processos de desterritorialização, dado o movimento existencial e a reinscrição em outro espaço, transforma as percepções e representações individuais da ideia de *home*<sup>7</sup>, onde os seus terrenos de representação passam a ser múltiplos, situacionais, individuais e mesmo paradoxais, localizados num conjunto de rotina de práticas, na repetição de interacções sociais habituais, nas memórias, mitos e histórias transportadas por cada um (Rapport, 2002: 158). Estas concepções de *home* estão embrenhadas e relacionadas com a experiência de cada indivíduo, mas este facto não nos permite negar as influências das inúmeras forças produtoras de uma nova ordem da diferença (Gupta, 1992: 76), a que estas concepções estão sujeitas. É o caso das reinscrições espaciais dos Estados-Nação e os seus sentidos de identidade como algo naturalizado e territorial, ou a própria inscrição dos sujeitos migrantes como força laboral e a sua posição dentro de sociedades mais abastadas, que fazem com que estas representações surjam como posicionamentos

---

<sup>7</sup> Utilizarei a palavra “*home*” em inglês pois este termo em inglês consegue armazenar uma multiplicidade de sentidos e significados, como lar, residência, casa, terra ou país de origem, etc., quase perderiam na tradução para o português.

do *self*, associados a discursos assentes em associações fixas de identidade, cultura e lugar, muitas vezes produzidos em contextos de dominação política e desigualdade económica (Clifford, 1991: 323). As ideias do transnacionalismo desenvolvem-se interrelacionando fenómenos múltiplos, mas a importância desta perspectiva prevalece pela forma como procura explicar as forças que moldam as práticas culturais e as subjectividades dos transmigrantes, sem deixar de pensar que os próprios sujeitos também moldam os contextos transnacionais onde decorrem as suas vidas.

### **Migrações Internacionais e Portugal**

Depois de apresentar uma perspectiva de análise dos movimentos migratórios internacionais, o transnacionalismo, torna-se agora necessária uma breve contextualização dos fluxos migratórios no contexto português. Jorge Malheiros apresenta uma ideia sistémica da posição de Portugal no contexto migratório internacional, procurando uma análise sobre a posição contemporânea do país no que denomina arquipélago migratório internacional (Malheiros, 2005:251). O autor apresenta diferentes fases do processo migratório – emigração, principalmente para a Europa Ocidental; imigração lusófona e a “nova” imigração, especialmente da Europa do Leste – pelas quais o país passou no período pós-guerra mundial.

Na primeira fase de emigração Portugal é essencialmente um país exportador de mão-de-obra. O seu início é delimitado nos anos 50 e o destino dos seus fluxos são principalmente o Brasil e, em menor número, os E.U.A, Canadá e França. A mudança nos destinos dos fluxos ocorre em meados dos anos 60, onde a mão-de-obra se destina principalmente para satisfazer a procura dos mercados de trabalho do Centro e Norte de Europa. A grande maioria parte para França e em menor número para Alemanha e Luxemburgo. O autor assume que a fase durou desde o início da década de 1950 até 1973-74. Esta época é estatisticamente mais significativa. Mas os fluxos não cessam, regista-se um aumento dos movimentos nos finais da década de 1980 e início da década de 1990 e a progressiva redução dos fluxos a partir desse momento.

Em 1974-75 Portugal tornou-se progressivamente um país de acolhimento de imigrantes. Nesta primeira fase de imigração os fluxos são basicamente compostos por pessoas oriundas dos países de língua oficial portuguesa (os PALOP) que chegam em número significativo no período de 1975 a 1977, seguindo-se os movimentos

migratórios associados à descolonização. Ana de Saint-Maurice (1998) observa um período particular em meados dos anos sessenta, em que o próprio governo português estimula a emigração de cabo-verdianos para trabalhar na construção civil devido às carências criadas pela guerra colonial e pelos fluxos para França. Após os anos oitenta a segunda vaga apontada por Malheiros acelera e apresenta tendências para a diversificação, visível no número crescente de brasileiros, chineses e indianos e pelo crescimento do número, entre os PALOP, de indivíduos de Angola e Guiné-Bissau. Esta diversificação e aceleração aponta, segundo outros autores (Baganha, Ferrão e Malheiros, 1999:149) para uma mudança na situação de Portugal no contexto das migrações internacionais, pelo papel mais significativo da procura do mercado português no processo de recrutamento de trabalhadores e para uma maior relevância dos segmentos não qualificados de serviços e da construção, sem deixar de considerar o papel das redes sociais progressivamente estabelecidas pelos sujeitos migrantes. Malheiros considera o período após 1998-1999 a segunda fase de imigração, que corresponde à mudança súbita e significativa associada à chegada de milhares de imigrantes oriundos da Europa do Leste, em particular da Ucrânia, Rússia, Moldávia e Roménia. Em cinco anos, a população ucraniana em Portugal tornou-se o terceiro maior grupo de estrangeiros, imediatamente a seguir à população cabo-verdiana há muito radicada no país e à população brasileira. Os processos migratórios continuam em aberto e podem, todavia, ocorrer recomposições significativas que apenas o tempo poderá definir.

Luís Machado analisa em particular os fluxos migratórios guineenses para Portugal, apontando para dois processos particulares desfasados no tempo e protagonizados por segmentos distintos da população guineense actualmente residentes no país: os guineenses de nacionalidade portuguesa, denominados pelo autor por luso-guineenses e os imigrantes propriamente ditos que constituem a larga maioria da população (Machado, 1999:11). A chegada dos luso-guineenses ocorre de forma mais concentrada nos anos imediatamente posteriores à independência, num contexto de transição política, até ao princípio da década de oitenta, movimento idêntico aos de outros luso-africanos. A imigração guineense laboral só a partir de meados de oitenta toma proporções consideráveis, consolidando-se na década de 1990. Machado aponta 1985 como o ano em que os imigrantes guineenses começam a chegar em número consideravelmente elevado. Estes novos fluxos migratórios intercontinentais dos anos

oitenta e noventa para Portugal não têm precedentes na história da Guiné-Bissau<sup>8</sup>, mas não constituem uma singularidade se relacionados com o conjunto de países da África Ocidental. Estes fluxos enquadram-se no que se tem designado por “sistema migratório oeste-africano”, em que o destino da migração são preferencialmente os países ex-colonizadores, entrando em jogo em lógicas de proximidade histórica e linguística. As deslocções para os países de destino nem sempre são directas, podendo incluir passagens por países terceiros, quer em África, quer no continente europeu (Machado, 1999:14) e a inclusão neste sistema não é exclusivo a todas as trajectórias migrantes, pois outros elegem outros destinos. No início dos fluxos migratórios a camada migrante guineense era maioritariamente jovem, masculina e sem família. A análise dos fluxos recentes aponta para uma composição sexual menos desequilibrada e a proporção de jovens menos elevada. Luís Machado propõe uma estimativa de 25000 a 26000 guineenses em Portugal em 1998, incluindo os sujeitos em posição irregular. Os últimos dados provisórios disponíveis no site do S.E.F. apontam para 24.513 pessoas com autorização de residência. Os guineenses tornaram-se uma das populações estrangeiras mais numerosas em Portugal, depois dos angolanos, ucranianos e finalmente depois das comunidades mais representativas, os cabo-verdianos (65.484 pessoas) e brasileiros (65.463 pessoas), constituindo cada uma 16% da população estrangeira fixada em território português.

### **A imersão no terreno e a metodologia**

Como já referi, iniciei a minha pesquisa num terreno politizado, o bairro das Marianas, onde conheci os três interlocutores cujas narrativas biográficas serão analisadas. As histórias dos sujeitos deslocalizam espacialmente o desenrolar das interacções para outros lugares, a própria temporalidade não é confinada ao passado, fala-se do presente, projecta-se sobre o futuro. As memórias pessoais atravessam disjunturas temporais e espaciais, entre o “aqui” e o “lá”, entre o passado, o presente e o futuro. O próprio movimento psíquico do investigador atravessa as disjunturas das narrativas dos sujeitos enquanto procura esquematizar e dotar de sentidos os discursos produzidos. Estes terrenos fluidos e múltiplos também emergem durante os períodos de

---

<sup>8</sup> Outros fluxos são apresentados como as migrações dos grupos étnicos manjaco e mancanha para França, mas cuja escala é bastante menor do que a apontada.

observação, os deslocamentos entre os vários espaços e tempos de interação em que participei limitam a definição do espaço do terreno. Desenrolou-se em Lisboa, Carcavelos, Oeiras, S.Domingos de Rana, Cabeça de Mouro e noutros locais onde fui conduzida e cujo nome não me recordo. Antónia Pedroso Lima e Ramón Sarró (2006) organizam uma compilação de textos de pesquisadores a trabalhar em terrenos metropolitanos. Este também é o meu terreno, escrito no plural pela pluralidade das realidades sociais que aí se inscrevem, e por não ser espacialmente ou socialmente estanque. A última descrição do presente texto sobre a minha primeira participação numa reunião da comissão de moradores data de Junho de 2006; retomei a pesquisa de terreno em Setembro de 2006 e encerrei o trabalho de recolha de narrativas em Fevereiro de 2007. O encerramento da investigação não foi completo: fui posteriormente convidada a participar numa celebração festiva de um dos interlocutores e necessitei marcar novos encontros para esclarecer algumas ideias; mantemos contacto telefónico frequente; encontramos-nos esporadicamente para almoçar em dias livres.

As reuniões de Comissão de moradores ocorriam no primeiro domingo do mês. Nesse início de Setembro o sol forte de meio-dia rompia sobre os corpos presentes. No final da reunião aborde Gastão pela primeira vez. Explico a minha intenção de realizar um trabalho sobre as histórias de vida dos membros da Comissão e se não se importaria que o entrevistasse. A sua resposta é positiva. Gastão passa a entrevistador e pergunta o que estuda a minha disciplina, apresentando a sua profissão de professor. Após a minha explicação fala-me de um antropólogo que estudou «*as tradições manjaco e os conhecimentos dos velhos*» na zona de Bassarel. Este antropólogo, quase de certeza Eric Gable, fora o primeiro a ter em sua casa um painel solar como fonte de energia eléctrica para ligar o seu computador. A apresentação da figura do antropólogo curiosamente entre as margens da tradição e da modernidade é apenas um pormenor. Retomemos o fio condutor da presente exposição. O bairro das Marianas tornou-se forçosamente um espaço e tempo de observação privilegiado do meu trabalho. Este dia das reuniões continha em si diferentes espaços e tempos. O tempo de acção da reunião, um tempo sério e formal, localizado no espaço exterior da casa da Filomena<sup>9</sup> ou num dos caminhos principais do bairro. E o tempo posterior à reunião, marcado pelo convívio entre as pessoas. Estas movimentavam-se pelo interior e exterior da casa de Filomena; fora da casa perto de Quinta, uma vendedora informal de cerveja e entremeadas, que se

---

<sup>9</sup> Em Setembro de 2006 a casa de Filomena era uma das três restantes que apenas são demolidas em Abril de 2007.

zangara com Filomena e deixara de vender no interior da sua casa. O processo progressivo de familiarização à minha presença não participativa e com um bloco de notas durante as reuniões não demorou. Na verdade os membros da comissão eram os elementos menos fluidos do grupo, mas mesmo assim o decorrer do tempo permitiu que associasse certos sujeitos a um rede de relações e outros a outra, e que tornasse a encontrar certos indivíduos em outros momentos e lugares de interacção. Eu própria passei por processos de familiarização, como o entendimento do crioulo da Guiné, a familiarização com os nomes mencionados, desde os funcionários a vereadores da Câmara, aos processos particulares nos quais se empenhava a luta colectiva. E, depois, os tempos da tarde, a chegada de pessoas, as conversas, os longos cumprimentos e a série de perguntas, a despedida de outras. E os sempre denominados outros, ou seja, os toxicodependentes que compravam a outros poucos indivíduos que permaneciam no bairro e por vezes até conviviam connosco. Nunca percebi quem efectivamente vendia, mas tão pouco tinha importância. Estes tempos, os espaços, as conversas, os movimentos lentos e os outros apressados são parte das possíveis observações e interpretações ocorridas no terreno do bairro das Marianas.

A recolha das entrevistas constitui-se como o momento privilegiado de conhecimento dos sujeitos. Não apenas pelo processo em si, mas também pelo antes e depois. Telefonava aos interlocutores e marcávamos, ou adiávamos, o encontro. Algumas vezes eles deslocavam-se a Lisboa, outras encontrávamo-nos perto das suas residências. As esplanadas foram os locais de encontro privilegiado, principalmente as do Martim Moniz. Cheguei a realizar duas entrevistas, uma com Gastão e outra com N'Duba, em minha casa. Realizei três entrevistas com Gastão e com N'Duba e duas com João Correia. As entrevistas biográficas são normalmente diálogos abertos, onde a função do entrevistador é estimular o sujeito analisado para que proporcione respostas claras, cronologicamente precisas, nas que se explicitem referências a terceiras pessoas, ambientes e lugares de forma ampla (Pujadas, 1990: 65). A minha primeira estratégia foi elaborar um esquema de ideias sobre as vantagens do método biográfico para perceber a experiência migratória. Posteriormente usei algumas dessas ideias, acrescentei outras, para apresentar aos entrevistados o sentido da entrevista. Apenas Gastão prestou alguma atenção a esta apresentação. A estratégia da primeira entrevista foi deixar fluir as ideias dos interlocutores. Os silêncios podiam ser prolongados até um limite pessoal imposto espontaneamente pela possibilidade dos sujeitos desistirem de narrar as suas histórias. Depois vinha o processo moroso da transcrição, relia as



entrevistas, sublinhava e no papel criava uma linha cronológica e escrevia uma série de factos que gostaria que me voltassem a contar. Nos encontros seguintes entregava as entrevistas transcritas e a maioria das vezes iniciava mencionando factos narrados na última entrevista. Numa fase de análise mais detalhada das entrevistas encontrava-me com os sujeitos sem gravador para procurar dominar a linguagem complexa do parentesco, para perceber os vários trabalhos que tinham tido no presente migratório ou para aprender a escrever nomes de lugares. Nesta fase tínhamos já passado por processos de auto-conhecimento, de construção de uma relação de confiança e intimidade.

O tempo teceu rapidamente a possibilidade de aceder a outro tipo de interações, como a festa de despedida de N'Duba antes de partir para a Guiné; ou uma reunião especial da Comissão de Moradores em casa de João, ou combinar almoçar durante a semana, nos dias destinados à burocracia; ou telefonemas no fim do trabalho para nos encontrarmos antes do seu curso de informática. Eu própria procuro provocar as possibilidades de encontro, propondo que me telefonassem quando viessem a Lisboa, ou telefonando para saber como anda a vida. A comunicação é gerida e mantida pelo telemóvel de forma a possibilitar os momentos de interação. Em terrenos metropolitanos somos condicionados, entre outras coisas, pela impossibilidade do encontro casual, pelas horas destinadas ao trabalho, pelas distâncias a percorrer.

Um dos instrumentos de trabalho privilegiado, além da recolha de entrevista e as notas de campo durante alguns momentos de observação, foi o diário de campo. Neste tempo de escrita tinha a possibilidade de fixar as memórias das observações. A forma de ordenação constituía-se pela construção de um fio narrativo que procurava pensar todas as horas passadas com os sujeitos e ordená-las através de um sequência temporal. Descrevia as observações: os ambientes, os movimentos das pessoas, alguns acontecimentos extraordinários, as interações, os participantes, os temas das conversas; as gestualidades. Analisando as notas reparo nos momentos particulares em que a descrição cessa e entram os comentários, as interpretações directas sobre os significados dos discursos e acções dos sujeitos, as relações construídas entre acções passadas e as presentes. Nesta forma de escrita surge a própria análise sobre o processo pessoal, os sentimentos gerados na interação, os desconfortos, o julgamento sobre alguns procedimentos pessoais, as palavras ditas, as projecções sobre o que gostaria de explorar.

Estes são algumas impressões sobre os tempos e espaços do trabalho de campo, sobre esta técnica que acede às dimensões das interacções quotidianas dos sujeitos, que se caracteriza pela presença e se torna a forma sobre a qual produzimos o conhecimento antropológico. Após esta perspectiva sobre a prática etnográfica avanço agora para produção literária da disciplina e o processo de observação.

## *Capítulo II*

### *Os tempos antes e depois da experiência: trajectos, trabalho e o bairro*

Este capítulo apresenta o início da trajectória migrante de cada um dos meus sujeitos em território português em articulação com os tempos anteriores a esta experiência. Posteriormente desenvolvo uma análise sobre a experiência do trabalho no contexto migratório<sup>10</sup>. Por fim, abordo os primeiros tempos no bairro das Marianas e o posterior engajamento político dos actores, ou seja, a participação na Comissão de Moradores do bairro das Marianas.

---

<sup>10</sup> A perspectiva do transnacionalismo, sobre um novo tipo de experiência migrante, não abandona a ideia de analisar os sujeitos como fornecedores de força de trabalho na produção capitalista da economia mundial embora sejam, simultaneamente, entendidos como actores sociais e políticos nas sociedades onde as vidas decorrem.

## Trajectos: o antes e o depois

N'Duba é um indivíduo baixinho. Os seus olhos rasgados marcam distintamente as feições da sua cara. Às vezes, quando N'Duba fala, parece tropeçar nas ideias perdendo o rumo das palavras. Mas da desordem gera a ordem sem perder o fio narrativo. Gosta de falar de si, dos filhos, da sua mãe e recorda muitas vezes o pai. N'Duba tem quarenta anos e está em Portugal há quase dez anos. Antes de partir N'Duba vivia em Bissau. A sua esposa e filhos vivem actualmente na sua terra natal, Cumura, sector de Prábis a oeste de Bissau. É de etnia balanta, a etnia mais representativa (27% da população) do território mas que, em Portugal, Luís Machado estima constituir apenas 6% do conjunto dos migrantes guineenses (1998:53). Este sujeito veio fazer um tratamento médico a Portugal. *«Eu vim para cá doente, vim para fazer tratamento. Acabei decidir ficar por causa de situação. Vi que se eu fico sou capaz de juntar alguma coisa para poder resolver problemas de meus familiares, dos que estão atrás, dos meus irmãos (...). Eu vim cá para Portugal em 1997. Fiz duas operações à parede abdominal e consegui ficar melhor quase em 2000.»*

Gastão é o segundo dos meus interlocutores. Aparentemente tímido, pois parece muitas vezes cabisbaixo, absorto nos próprios pensamentos, Gastão muda quando as conversas o interessam e torna-se uma pessoa muito expressiva pelo entusiasmo que coloca nas suas palavras. Este homem esconde muitas histórias para contar, como as do seu tempo do liceu marcado pelas revoltas juvenis, ou mesmo as da época do seu sindicalismo activo como professor. Gastão, cujas linhas da face são redondas e guardam uma bonita feição, tem 41 anos. A sua esposa e filhos vivem em Bissau. Tal como N'Duba, Gastão chega a Portugal por causa de um tratamento médico. *«Eu cheguei em princípio de 2000 para fazer um tratamento médico por causa de um acidente de trabalho. A minha empresa é que me enviou ali para fazer um tratamento mais especializado. (...) Eu levei aqui oito meses e depois voltei para a Guiné. Depois de um ano lá a empresa fechou (...). Voltei em 2002. A empresa comprou um bilhete para vir cá fazer aquele controle médico. Como estava encerrado fiquei por aqui a labutar, é dizer, a desenrascar, a trabalhar na obra para ganhar aquele pão de cada dia e assistir aquela família que está lá».*

Os deslocamentos de Gastão e N'Duba são consequência de problemas de saúde derivados de acidentes de trabalho. Estes factos apontam para um sistema nacional de saúde com graves deficiências estruturais. N'Duba sofreu graves ferimentos na parede

abdominal e Gastão, por seu turno, sofreu uma lesão ocular devido ao rebentamento de uma mangueira de soda caustica de uma das máquinas da fábrica de cerveja onde trabalhava. No caso de Gastão é a sua empresa que suporta as despesas inerentes à viagem e tratamentos, mas N'Duba, não tão afortunado, necessitou de pedir dinheiro a familiares, em particular à sua irmã Zinha migrante em Portugal, que possibilitaram o deslocamento efectivo.

Mas devemos ainda apresentar João. O terceiro interlocutor deste trabalho. João veste muitas vezes um fato preto e uma camisa branca. A calça e a camisa aos quadrados, bem passada são outras das indumentárias com se apresenta muitas vezes. João gosta de andar bem composto, mas o rosto da face deixa transparecer o cansaço das experiências de vida. João é um tipo sorridente e, simultaneamente, um observador distante dos factos que ocorrem à sua volta. João é um pouco mais velho que Gastão. Estes dois sujeitos são primos. São originários da região litoral norte da Guiné-Bissau, perto da fronteira com Senegal. No decorrer deste trabalho muitos factos apontarão para a permeabilidade destas zonas de fronteira visível nos fluxos constantes entre os dois lados. João, por exemplo, é dos três sujeitos o que menos domina o português. Quando fala sente várias dificuldades, misturando com frequência no seu discurso muitas palavras de francês e crioulo. João, antes de migrar, também vivia em Bissau. O projecto de migrar fazia há algum tempo parte dos planos pessoais deste sujeito, o único dos três que não é casado. João consegue alcançar o capital necessário para migrar principalmente pela ajuda de dois irmãos migrados, um em França e outro nos E.U.A. Após ter alcançado o visto na embaixada portuguesa em Bissau João chega a Portugal, via Dacar, em 2002.

Uma primeira observação transversal a todos os sujeitos é a residência em Bissau anterior à migração, mas esta é antecedida, primeiramente, pela migração das suas zonas de origem rural para este centro urbano. Estes fluxos não são unidireccionais como iremos compreender em alguns momentos do presente trabalho. Todos os sujeitos vão, após terminarem o ensino primário, pela primeira vez para Bissau, para estudar no liceu, mas os seus trajectos escolares divergem entre si. Depois, por diferentes motivos, regressam ao seu local de origem, trabalham em outros sítios, embora terminem por viver nesta cidade no período que antecede ao movimento migratório. Luís Machado aponta para um crescimento acelerado da população de Bissau, que num período de 13 anos (1979-1992) duplica a população de cerca de 100.000 para mais de 200.000 pessoas e de 13% para 20% do total de residentes no país, concomitante ao aumento de

30% da população do país no mesmo período (Machado, 2002:80). Este crescimento demográfico da cidade é também reflexo do crescente êxodo rural no interior deste país. Luís Machado apresenta alguns dados extraídos de um extenso inquérito realizado a guineenses migrados em Portugal que mostra como 80,2% dos inquiridos residia em Bissau antes de migrar e que 50,2% desses sujeitos tinha nascido fora da capital. Curiosamente as trajetórias de João, Gastão e N´Duba enquadram-se na tendência geral desses dados estatísticos.

Relativamente ao momento precedente à migração percebemos que a única exceção, em termos da necessidade de accionar um processo de acumulação de capital para suportar as despesas, é o caso de Gastão, cujas despesas ficaram a cargo da empresa. N´Duba recorre a alguns familiares e em particular à sua irmã migrada em Lisboa. João, por seu turno, é ajudado pelos dois irmãos migrantes. Luís Machado, mencionando o caso específico da migração guineense, explica como em relação aos processos inerentes à possibilidade de emigrar se interrelacionam dois tipos de capital: o capital económico, relativo às despesas inerentes ao processo, como o dinheiro da passagem de avião e para as primeiras despesas na sociedade receptora; e o capital social (quando não é também económico) que facilite, nos meandros da administração pública guineense e da embaixada portuguesa, a obtenção dos documentos, nomeadamente o passaporte e visto (Machado, 2002:108). Mas façamos uma breve imersão no percurso escolar dos sujeitos e nas actividades laborais exercidas antes da partida para percebermos um pouco das suas situações sociais particulares.

N´Duba, após terminar a escola primária, parte para Bissau para estudar no liceu, mas aos treze anos desiste da escola. O facto que impede a continuação do trajecto escolar de N´Duba é a morte do seu pai. Este sujeito regressa à tabanca de origem com apenas o quinto ano da escolaridade concluída. A Bissau regressará com vinte e um anos à procura de melhores oportunidades de trabalho; depois de vários pequenos trabalhos consegue um mais estável como ajudante de motorista de longo curso. *«Eu era ajudante de longo curso. Fiz a carta mas não consegui carro para trabalhar. Tive que conduzir para alguém, fazer de ajudante com outro motorista. Costumávamos ir para o Senegal, levar mercadoria para trazer para Bissau, ou buscar na Gambia para trazer para Bissau. Tecido, tabaco, várias mercadorias porque o pessoal não tem quase nada, tem que comprar lá para exportar para a Guiné-Bissau. Carregávamos várias mercadorias, tá a ver? Aí é que eu comecei a aprender a vida. (...) Na altura eu tinha quase 22 anos quando comecei. Nós às vezes ficávamos durante um mês na casa de um*

*familiar do nosso patrão. A gente vai lá na casa do familiar e ele nos segura até ao regresso».* N'Duba sofre o acidente em Bissau, enquanto descarrega mercadorias e o carrinho de mão que dirigia revira ferindo-o gravemente.

João Correia, como N'Duba, desloca-se para Bissau muito jovem para estudar no liceu. A sua trajectória escolar é também breve. João abandona o liceu, pois a família acaba por não conseguir suportar as despesas e João regressa à sua tabanca<sup>11</sup> natal para ajudar a família nas suas actividades agrícolas. João termina o 6º ano de escolaridade. João é o único que não executa um trabalho em regime de assalariado antes da sua partida para Lisboa. A sua principal actividade é o comércio transfronteiriço. *«Transportava algumas coisas que eu sei que a população queria comprar. Eu levo para o Senegal, deixo e compro as coisas que as pessoas precisavam na Guiné. Eu fazia vai e vem entre Senegal e a Guiné-Bissau. É com isso que eu trabalho. Eu trabalho sempre quando há um levantamento, um recenseamento. O organismo com que trabalho pagava-me ainda mais. Porque eu ia fazer esses contactos mas os trabalhos duram pouco tempo, quando acaba eu começo o meu trabalho.»* Os muitos familiares de João instalados em Dacar e alguns em Casamance (sul do Senegal) facilitam as deslocações deste sujeito entre estes países. João explica como intercalava esta actividade com outras, como é o caso dos recenseamentos para ONG's instaladas em Bissau. Outra das várias actividades exercidas por João é a ocupação dos trâmites legais para a obtenção de vistos e documentos para alguns familiares e conhecidos migrarem. João é o único dos três interlocutores que conhece a migração. Entre 1986 e 1988 trabalhou na Mauritânia, onde exerceu a profissão de pintor, a mesma que procura exercer em Portugal.

Gastão é o único dos três interlocutores que consegue terminar o liceu. Na Guiné-Bissau este grau de ensino permite exercer a profissão de professor. *«Eu dava aulas em ensino básico elementar. Até no meu passaporte está lá professor do ensino básico elementar. Essa é que é a minha profissão que está lá nos papéis. Logo de início dei aulas no interior. Eu andava a trabalhar na zona norte, porque sou natural de S.Domingos, zona norte da Guiné. Eu dei aulas dois anos ali em Bassarel.»*. Gastão depois volta a leccionar em Bissau e tira, paralelamente, um curso médio de contabilidade. A prática da profissão é descrita com bastante entusiasmo, mas os problemas que a envolvem provocam-lhe desilusão. Nesta profissão os salários são

---

<sup>11</sup> Tabanca significa aldeia em crioulo. Irei utilizar este termo ao longo do texto.

muito baixos e muitas vezes os pagamentos são congelados. Gastão procura uma solução e, quatro anos antes de vir para Portugal, consegue trabalho numa fábrica de cervejas na secção de refrigeração. *«Levei três meses na fase experimental. Depois de fase experimental trabalhei, começaram a gostar do meu trabalho, já estou responsável por uma secção, na preparação do trabalho. Sou convidado com os engenheiros para elaborar planos de trabalho porque eu gosto de aprender. Aqui em Lisboa é muito difícil porque andar nas obras também é um bocadinho duro também!»* Trabalha das sete da manhã às duas da tarde e durante a tarde ia ainda leccionar numa escola perto do local da fábrica. É durante a execução de um tarefa de trabalho que Gastão tem um acidente de trabalho, motivo da partida para Portugal.

Gastão diferencia-se de João e N´Duba pelo seu grau de escolaridade e por exercer, num dado momento, duas actividades profissionais que possibilitam um base económica estável à sua estrutura familiar. *«Quando eu trabalhava aqui na cidade comprava aquilo que é necessário, esse sabão, leite e pão para os meus filhos. Quando chegava a minha esposa estava chateada porque todo o indivíduo que passava ali pedia. “Arranja-me o sabão para eu lavar a minha roupa!” porque o pessoal me representava como pessoa com maior possibilidade de integrar porque trabalho, tenho condição de viver».* Gastão descreve como estas suas actividades profissionais o distinguem da sua rede de relações sociais próxima e como era, em certos momentos, solicitado enquanto pessoa com mais possibilidades. João e N´Duba, por seu lado, impossibilitados de continuar a estudar, exercem actividades económicas menos qualificadas que Gastão. N´Duba, embora trabalhe em regime de assalariado no sector de transportes de mercadorias, não vive uma situação de estabilidade económica, pois *«o dinheiro nem chegava ao fim do mês, mesmo com o dinheiro da venda de fruta de minha mulher».* João, por outro lado, é o único dos sujeitos que não recebia um salário mensal, mas este sujeito explica como este facto é na verdade uma estratégia económica *«Às vezes trabalha até fim de mês e recebe 15000 francos CFA e um saco de arroz é 15000 francos CFA. E com renda, coisas de sobreviver, não dá! Por isso eu tentava fazer essas trajectórias Senegal e Guiné-Bissau».* Embora pudéssemos esboçar um quadro geral de disposições e mecanismos que possibilitam a migração, a descrição dos processos particulares de Gastão e N´Duba, ou seja, os seus acidentes de trabalho e o facto de João e N´Duba terem recorrido aos seus irmãos migrados para obter o capital económico necessário para o movimento migratório basta para percebermos a



experiência particular anterior à migração e como foram importantes os recursos exteriores, ou seja, as remessas de outros familiares migrantes.

Esta última questão, a mobilização de recursos pela irmã de N'Duba e pelos irmãos de João, para efectivar o movimento migratório, descentraliza a análise das condições económicas dos sujeitos individuais para a necessidade de entender as estruturas domésticas nas quais se inserem os sujeitos. Neste ponto, a importância das redes familiares é evidente, e o mesmo sucede durante os primeiros tempos, após o movimento migratório, onde a importância da rede se estende a amigos dos sujeitos. N'Duba chega em 1997 e passa a viver em casa de Zinha, a sua irmã migrada a viver na altura no Fogueteiro, margem Sul de Lisboa. A experiência de N'Duba é delicada. Foi submetido a duas operações num processo de três anos e apenas recupera totalmente em 2000. No período de recuperação da primeira operação N'Duba trabalha nas obras da Expo98 e nesta época, através da sugestão do subempregado guineense para quem trabalha, vai viver para o bairro das Marianas. N'Duba retorna a viver com a irmã no período da segunda operação. Após a segunda recuperação volta ao bairro das Marianas. João e Gastão, embora tenham chegado em momentos diferentes, vão viver os dois para o mesmo local, para a casa de Farapenana, um primo de ambos também no bairro das Marianas. Na época em que chegam N'Duba, Gastão e João os fluxos migratórios guineenses tinham já se tinham consolidado durante os anos noventa. Luís Machado menciona uma compressão temporal do fluxo migratório e também espacial, pelo facto da maioria dos sujeitos viver antes em Bissau e se concentrar principalmente na Área Metropolitana de Lisboa (1998:23) o que facilita a formação de redes de interconhecimento e de relacionamento social entre o grupo migrante guineense, redes estas que, segundo o autor, em poucos anos estão aptas para fornecer aos recém-chegados apoio na primeira fase de inserção, em particular no que concerne a alojamento transitório e, no caso de homens, de encaminhamento para trabalho na construção civil. O alojamento transitório dos sujeitos é o bairro das Marianas. Passemos agora a perceber as dinâmicas da construção civil.

### **O trabalho nas obras**

A primeira pessoa que arranhou trabalho a Gastão foi um amigo de longa data, com quem vive actualmente num bairro de realojamento camarário. O trabalho era o

chamado *biscate*, durou apenas quinze dias e não se assinou nenhum contrato. Gastão trabalhou como servente neste pequeno trabalho de remodelação de uma vivenda. A primeira experiência de João não correu tão bem. Esteve dois meses sem conseguir trabalho até que um homem, parente *manjaco*<sup>12</sup> que mora no Prior Velho, o levou para um trabalho de *metragem*<sup>13</sup> numa obra. No fim de um mês de trabalho não lhe pagaram. João não tinha contrato nem documentos. A vulnerabilidade desta situação obrigou João a sujeitar-se sem poder reivindicar nada.

A relevância de analisar a inscrição dos sujeitos no sector é determinada por eles. Nas várias tardes passadas no bairro das Marianas pude observar os meus interlocutores a conversar com outros sujeitos. O trabalho era um tema recorrente: onde trabalhavam, com quem, que tipo de obra e que tarefas executavam, quem tinha ido para Espanha, irregularidades e injustiças que poderiam ter sucedido, se tinham contrato, etc. Os diálogos fluíam entre vários assuntos, desde a trocas de novos saberes à dicotomia legalidade/ilegalidade da situação laboral. Através destas conversas é possível perceber a centralidade da inscrição activa no mercado de trabalho. Dela depende o envio de remessas para a família no país de origem, o cobrir das despesas quotidianas, a relação com o seu estatuto legal dentro do país, entre outras coisas. Mas estes homens também têm que gerir a sua própria estabilidade laboral e todas as implicações que o contrário tenha nas suas vidas.

N'Duba, Gastão e João, nos vários anos que levam em Portugal, já trabalharam para diversas empresas e em vários locais. No início do trajecto dentro do sector da construção civil a relação com a clandestinidade e informalidade no trabalho é mais evidente. Gastão, por exemplo, antes de ter contrato em seu nome, passou por vários *biscates* e trabalhou regularmente com a documentação de outros guineenses. Gastão trabalhou na construção do estádio do Sporting com o nome de Alfredo; numa obra em Leiria com o nome de Samper Mendes; em Santiago do Cacém com o nome de César. Esta prática parece ser comum. Estes nomes são sujeitos com a situação legal regularizada que disponibilizam a documentação para que outros consigam um trabalho, neste caso, com contrato. Gastão explicou-me que alguns destes sujeitos se encontravam em Espanha a trabalhar mas como queriam pedir a autorização de residência em Portugal disponibilizavam os seus documentos a outros para que continuassem a efectuar os descontos e a pagar a Segurança Social, ou seja, parte dos trâmites para

---

<sup>12</sup> João usa esta denominação apenas para evidenciar que este homem é da sua etnia.

<sup>13</sup> Este trabalho é a medição dos metros neste caso de uma construção.

conseguir os documentos legais. Gastão não explorou muito mais esta questão, mas é possível que circulem documentos falsos e que certos indivíduos acumulem dois ou mais contratos no mesmo período. Não obstante, este mecanismo prolonga muitas vezes a clandestinidade das pessoas e dificulta o acesso a um contrato de trabalho. Analisando a lógica desta prática percebemos que mais facilmente ela é reproduzida no sector da construção civil. Segundo Pinto e Queiroz (1996) a construção civil é o ramo de actividade em que o peso de contratações a prazo no volume global de emprego atinge valores mais elevados (quer seja em relação ao peso de entradas, quer ao peso de saídas por motivo de cessação de contrato). Estes dados no seu conjunto indicam taxas elevadas de rotação de pessoal, o que torna mais fácil a incidência de estratégias individuais que procuram beneficiar com esta prática, ao mesmo tempo que contornam a precariedade desta relação. Os autores continuam a explicar que esta elevada rotação de pessoal, pelo menos nas categorias pouco qualificadas, ilustra o aparente paradoxo da construção que deriva de ela constituir como um retransmissor - a transição é tão rápida quanto a inserção - em que é menos difícil atrair a mão-de-obra do que fixá-la (Pinto e Queiroz, 1996:21).

O *biscate*, termo usado pelos três sujeitos para denominar uma situação de trabalho sem vínculo de contrato, e de duração mais limitada, pode ser mais extensa do que a que usualmente associamos a este termo. N'Duba num dado momento tem uma oportunidade de fazer um curso de especialização em canalização, através do Centro de Emprego<sup>14</sup>. Esta especialização transforma-se em conhecimento usado por N'Duba em diversos momentos. N'Duba vai, ocasionalmente, a casa de conhecidos fazer alguns trabalhos de canalização, a que denomina *biscate*. João também referenciou alguns trabalhos de *biscate*, a maioria quando descreve o seu percurso nos primeiros tempos. A questão que gostaria de sublinhar é a informalidade dos trabalhos sem vínculos contratuais ou, dito de uma outra forma, do trabalho ilegal. Castles e Miller (2003) consideram o trabalho ilegal como emblemático da corrente era da globalização. A precariedade destes trabalhadores, a ausência de direitos e flexibilidade responde às exigências das empresas na era de intensa globalização. Na mesma linha interpretativa Baganha, Ferrão e Malheiros, ao analisarem as motivações de empregadores e trabalhadores para se envolverem em actividades clandestinas, relacionam a economia informal como um segmento em expansão da economia, envolvendo tantos sectores e

---

<sup>14</sup> Note-se que N'Duba tem a possibilidade de ingressar neste curso após seis anos da sua chegada. Antes passou, como todos, por vários trabalhos antes de conseguir um contrato.

actividades económicas tradicionais como moderna. São acções económicas que evitam os custos e são excluídas da protecção das leis e das regras administrativas que as regulam (Baganha, Ferrão e Malheiros, 1999:162). Estas situações de informalidade, e a sua repercussão no ramo da construção, trazem vantagens imediatas não só aos empregadores públicos e privados (reduções de custos, etc.), mas também a alguns trabalhadores que possuam estratégias migratórias de curto prazo, como rápidas poupanças.

N'Duba trabalha em 1998, no fim da construção da Expo 98, para um subempreiteiro guineense. As entidades que executam as obras muitas vezes recorrem à subcontratação dos trabalhadores (Pinto e Queiroz, 1996: 16) o que garante uma vantagem de flexibilidade, com a correspondente redução de custos fixos, e, simultaneamente, a do acesso a mão-de-obra experiente e preparada. Muitas vezes esta subcontratação é levada a cargo por subempreiteiros. Os próprios migrantes têm colegas guineenses a exercer esta função como explica João «*Meu amigo César é subempreiteiro, tem empresa em seu nome, ele leva agora muitos para Espanha*». Esta é uma trajetória entre estatutos sociais característica dos activos do sector, mas pela qual nem todos passam.

*(...) uma nova figura de encarregado da construção civil desempenhada por indivíduos imigrados que não apenas assumem as tarefas correntes no estaleiro mais igualmente procedem à angariação, recrutamento, selecção e até pagamento da mão-de-obra.» (Freire, 1991:152)*

João Freire descreve estes indivíduos como sujeitos detentores de poderes sociais e profissionais. Podem contratar, despedir, premiar, etc., por meios normalmente informais. Estas práticas podem por vezes comportar mecanismos de exploração e de domínio intra ou inter-comunitárias. Foram-me relatadas algumas histórias diferentes. São comuns casos em que as pessoas são enganadas, pois alguns indivíduos, que subcontratam, dizem reter uma percentagem do salário para a segurança social, e muitas vezes as pessoas pensam estar a descontar e na realidade não o estão. N'Duba, por exemplo, parece não querer contar pormenores da sua relação com o subempreiteiro guineense que o alojou nas Marianas, apenas descreve que um dia ficou farto da situação e foi trabalhar com outro patrão.

No preciso momento em que escrevo estas linhas N'Duba trabalha em saneamento, numa obra pública. Esta é a área do seu curso de formação. N'Duba está à experiência e apenas depois deste período poderá ter um contrato laboral de seis meses.

Mesmo assim N'Duba diz estar contente por ser a área em que queria trabalhar e ser menos cansativo que o trabalho de servente. João trabalha na obra de um Hospital em Benfica como pintor profissional, uma profissão que já havia exercido em África e na sua experiência de imigração anterior. Quando trabalhava informalmente deambulava entre a tarefa de pintor e servente. João tem também um contrato até ao fim da obra. Conseguiu este trabalho através de uma empresa de trabalho temporário (mais uma forma de sub-contratação). Gastão trabalha numa empresa que coloca o chão de supermercados e grandes superfícies. Desloca-se frequentemente para novos locais de trabalho e, juntamente com os colegas, fica instalado em pensões. Está neste trabalho há quatro meses, mas já está a pensar em mudar, pois não está muito satisfeito com o ordenado recebido. As frequentes deslocações de Gastão, como assinala Luís Machado, espelham a mobilidade geográfica dos trabalhadores da construção civil, o que caracteriza o próprio funcionamento do sector (2002:195). O João trabalhou no Algarve; N'Duba esteve dois anos em Torres Vedras e também trabalhou em Mafra. Muitas vezes os trabalhadores vivem dentro dos estaleiros, em contentores adaptados a dormitórios. Estas deslocações afectarão os quotidianos dos sujeitos, tal como as constantes extensões das jornadas de trabalho. N'Duba e João executam tarefas que entendem ser melhores que anteriores. Mas esta aparente mobilidade terá que ter uma referência temporal mais alargada pois dada a instabilidade do sector e a precariedade dos seus vínculos contratuais não saberemos se se manterá uma lógica ascendente.

O tempo de trabalho na construção não marca apenas o quotidiano dos sujeitos, marca os seus próprios corpos. As mãos de Gastão são grandes e ásperas, os braços de N'Duba delineados e grossos, a cara de João marcada e cansada. Os corpos como instrumentos técnicos. Segundo Paulo Raposo, cada técnica corporal aprendida e transmitida funde-se num contexto particular, e também as concepções a ela associadas são enquadradas por este contexto (Raposo, 1991:34). Neste caso, o contexto é o trabalho na construção civil e a transmissão dos saberes ocorre nos processos quotidianos de interacção entre diferentes sujeitos. Todos os sujeitos passam por processos de iniciação e de transmissão. Em várias ocasiões enquanto caminhava na rua com N'Duba este parava, fixado a observar as obras ou as condutas de água, explicava-me o tipo de canos que conduzem as águas, os seus diferentes materiais, comparando com as canalizações internas e externas aos edifícios. N'Duba procura transmitir-me os seus saberes aprendidos no contexto de uma formação específica - a formação profissional em canalização - mas estes conhecimentos são fixados através da prática

corporal, através da sua repetição quotidiana. Em outra ocasião, Gastão valoriza directamente o processo de inscrição corporal de saberes. *«Eu quando chegar a Bissau já posso fazer a minha própria casa, tenho que ter atenção ao solo, faço as fundações, posso mesmo fazer os blocos de cimentos.»* Os corpos são objecto de treino, classificação e atribuição de qualidades e capacidades (Raposo, 1991: 40). Este sujeito reflecte sobre a diversidade de saberes que foram inscritos no seu corpo pela sua trajectória profissional durante a experiência migratória. A experiência quotidiana treina e aperfeiçoa, mas muitas vezes estes trabalhadores dependentes são sujeitos a constrangimentos impostos por terceiros. Surgem imposições aos seus limites pessoais, aos seus ritmos corporais como traduzem as palavras de Gastão. *«Estive a trabalhar em Torres Vedras há pouco tempo, mas estou parado neste momento. Não estou em condição de trabalhar com aquele gajo, época salazarista acabou, não trabalho com um chicote atrás. Tenho que trabalhar da minha forma, com o meu esforço, mas não um esforço de morrer (...) Faz mal porque não vou ter dinheiro para as minhas despesas, mas não vou submeter-me à escravatura, eu sempre reivindiquei isso, não vou submeter, não vou sofrer...».* Gastão menciona a manipulação externa ao seu corpo como executante de uma técnica particular e como esta aprendizagem é manipulada por terceiros de forma a rentabilizar o esforço para atingir determinados fins. Percebemos que Gastão resiste a estas imposições e desejando comandar o seu próprio corpo finda a relação de prestação. Este exemplo será paradigmático de muitas experiências de sujeitos que trabalham neste sector e é durante estes processos que os indivíduos vão construindo as suas identidades profissionais, resistindo às condições de um contexto e tempo particular, o tempo da experiência migratória.

### **O Bairro das Marianas**

N'Duba, Gastão e João Correia chegam ao bairro das Marianas em momentos diferentes. N'Duba instala-se no bairro pela primeira vez em 1998; Gastão durante o primeiro tratamento em 2000 permanece neste bairro e quando regressa definitivamente em 2002 também elege o bairro como local de residência; João em 2002 é levado directamente do aeroporto para o bairro das Marianas. *«Às vezes um africano chega aqui para trabalhar, tem uma vida normal e constroem aquela ideia, como eu também tinha, que era para vir conhecer a Europa. Do aeroporto até o bairro das Marianas eu*

*não sabia mais como eu podia fazer. Quem me foi buscar foi o meu primo Farapenana! Fui lá, eu não podia regressar! Na fase actual uma pessoa sai com bastantes expectativas, chega aqui fica empitado não pode regressar para a sua terra sem nada, ficas empitado! Ficou aqui, bom, pronto!»* João introduz-nos ao seu primeiro momento de desilusão, o momento em que chega ao bairro das Marianas. João explica que tinha criado uma série de expectativas em torno da ideia das condições de vida na Europa, mas a confrontação com as condições particulares do bairro das Marianas gera questionamentos sobre os sentidos da própria experiência migratória. Na casa onde se instala, a mesma de Gastão, vive Farapenana, Helena, Gaspar, Albert e um outro sujeito e a sua esposa. N´Duba vive, pela primeira vez, na casa do seu subempreiteiro, ocupada por outros homens trabalhadores sem a família. Estas casas habitadas por diversas pessoas são normalmente extensos corredores com vários quartos, um dos quais constitui uma cozinha<sup>15</sup>. Esta forma de distribuição do espaço no interior dos edifícios é um reflexo particular da forte densidade de ocupação das habitações neste tipo de bairros (Cardoso e Perista, 1994: 27).

A chegada e instalação no bairro das Marianas é conduzida, no caso de João e Gastão, por redes de relações familiares: é Farapenana, um primo de ambos, que nos primeiros tempos disponibiliza parte dos recursos necessários para os sujeitos se possam alojar nos momentos após a chegada. No caso de N´Duba este processo é conduzido por redes de conhecimento posteriores à migração. N´Duba, como já referi, instala-se em casa do subempreiteiro guineense para quem trabalhava na época. N´Duba conta como no momento que chega ao bairro reencontra muitos *patrícios*<sup>16</sup> que conhecia em Bissau. A deslocação para um bairro com estas características, ou seja, casas de auto-construção, com problemas de saneamento e de habitabilidade, não é apenas espelho dos mecanismos destas redes, mas também, segundo Malheiros (1998), da vulnerabilidade laboral da maioria dos imigrantes, do seu poder de compra limitado, dos mecanismos de funcionamento dos mercados habitacionais públicos e privados, nomeadamente o custo, a localização, as condições (e discriminações) de acesso, factores que contribuem para a concentração das comunidades imigradas em determinadas zonas da cidade e limita o acesso aos mercados formais de habitação (Malheiros, 1998:95).

---

<sup>15</sup> Não conheci em particular estas casas, mas outros com estas mesmas características, ou seja, a habitação partilhada por pessoas não familiares, no bairro do Fim do Mundo, Cascais. Todas tinham esta base arquitectónica.

<sup>16</sup> N´Duba usa sempre este termo para se referir aos guineenses.

Há, todavia, uma estratégia individual na escolha de permanecer a viver nestes bairros, como explica Gastão. *«Aqui não pagava luz, não pagava água, não pagava renda, para viver é só arranjar de comer, por isso é que a gente vivia aqui. Sabes que na imigração primeira, aqueles que imigraram em oitenta e tal, tinha mais capital, mais dinheiro em comparação com actualidade. Tinha mais dinheiro como? Aqui viviam na barraca, ninguém tinha despesas, se você trabalha ganha o seu ordenado que é para comer e para subsistir a família lá fora»*. Além da curiosa diferenciação de possibilidades de acumulação de capital demarcada pelo momento de chegada do fluxo migratório, a opção habitacional apontada por Gastão corresponde a uma estratégia de poupança de gastos ou, dentro de uma outra perspectiva, corresponde a uma estratégia de maior acumulação de capital durante o processo do projecto migratório. Uma outra questão inerente a esta estratégia é que através da contenção de gastos os sujeitos podem contornar alguns problemas relacionados com a instabilidade laboral, como explica João *«(...) trabalhas x tempo, paras, toma aquele dinheiro que tinhas depositado, utilizas todo e começas de novo a trabalhar, trabalho não corre bem! Apesar disso essa é que era a vantagem do bairro das Marianas, também não paga luz, não paga água. Uma coisa tem vantagens e tem desvantagens!»*

A concentração residencial neste tipo de bairros não é transversal a todos os guineenses migrantes. Luís Machado propõe um padrão residencial mais disperso do que concentrado, uma vez que a composição demográfica da comunidade guineense é predominantemente composta por homens activos sem família, os quais se podem associar para pagar rendas em apartamentos, partes de casas, anexos, etc., estando em vantagem em relação às famílias migrantes com crianças e outros membros não activos (Machado, 2002:49) Mas concentremo-nos em N'Duba, Gastão e João que viviam uma experiência de concentração residencial no bairro das Marianas. Estes sujeitos não faziam parte das mesmas redes de interconhecimento e de sociabilidade quotidiana. Um dos factores apontados pelos próprios sujeitos é a diferenciação étnica, N'Duba é balanta e João e Gastão de etnia manjaco. As suas sociabilidades passam a ser cruzadas a partir do momento de um grande reunião entre vários moradores do bairro. Mas façamos um breve ponto da situação.

O bairro das Marianas, dadas as suas características, foi alvo, em 1993, de um Programa Especial de Realojamento, que visava a destruição completa do bairro e o realojamento das pessoas que aí habitavam. A execução deste programa por parte da entidade competente, a Câmara Municipal de Cascais, tardou. Fez-se um levantamento



das pessoas residentes no ano de 1993. O processo de demolição foi sendo gradual e em 2004 ainda residiam bastantes pessoas no bairro. A própria Câmara quando realojava algumas famílias, não demolia as casas e estas eram ocupadas por outras pessoas. Se pensarmos no aumento do fluxo migratório na década de noventa descrito por Luís Machado e o papel das redes de relacionamento no apoio nos primeiros tempos, parte do qual é o próprio alojamento dos sujeitos, percebemos que durante este período chegavam ao bairro das Marianas muitos indivíduos de nacionalidade guineense. Todos estes sujeitos chegados após 1993 não teriam direito a um realojamento num bairro camarário onde pagariam uma renda compatível com os seus rendimentos, segundo os parâmetros da Câmara. As demolições graduais decorriam e várias vezes se levantaram entre os habitantes sobre a discriminação e injustiça deste processo.

N'Duba tem um primo jurista que em Agosto de 2004 participa num seminário em Lisboa. Quando conversavam N'Duba relata a situação do bairro ao seu primo. Este incentiva-o para a necessidade da organização das pessoas e que contactasse uma associação, *Solidariedade Imigrante*, para estudarem formas de se organizar. N'Duba decide conversar com vários moradores, explicando que se deveriam organizar para reivindicar os seus direitos. Muitos recusaram esta iniciativa e recusaram participar. Segundo Luís Machado (1999:63), as precárias condições de vida, e sobretudo a clandestinidade em que se encontram, colocam muitos imigrantes aquém da possibilidade de mobilização, convidando-os, pelo contrário, a uma atitude de retraimento público e político. Alguns moradores decidem finalmente realizar uma reunião em Novembro de 2004. Decidem constituir uma comissão de moradores e fazer um levantamento das pessoas que habitavam o bairro. Os actuais membros desta comissão são N'Duba, João, Alberto, Gastão e Filomena. Esta constituição não é a original, as pessoas foram integrando a comissão aos poucos, com o decorrer do tempo e o desenvolvimento do processo que denominam de “luta”. «*Começámos a formar aos poucos poucos. Eu penso é que depois é que apareceu essa força de movimento, naquele dia que começámos a reunir com Solidariedade Imigrante*». A participação desta organização veio, até certo ponto, equilibrar a relação assimétrica com a Câmara Municipal e criar possibilidades reais de reivindicação. A comissão organizou várias acções como reuniões com o gabinete do PER (Programa Especial de Realojamento) instalado no bairro, cartas ao presidente da Câmara de Cascais, reuniões com o vereador da habitação, concentrações junto das casas que iriam ser demolidas, participação em

Assembleias Municipais, uma manifestação em Setembro de 2005<sup>17</sup> em frente à Câmara Municipal de Cascais, juntamente com população do bairro Fim do Mundo, um outro bairro do concelho em vias de ser demolido, etc.

Descrevo brevemente um processo que tem início no ano de 2004 e que todavia mantém uma reunião mensal, embora o bairro tenha sido demolido na sua totalidade em Abril de 2007.

### *As reuniões*

Na primeira reunião, em 19 de Novembro de 2004, participaram trinta homens e três mulheres. A grande maioria era guineense<sup>18</sup>. A partir de Setembro de 2006 comecei assistir às reuniões mensais da comissão. A participação nesse momento era exclusivamente guineense e o número de mulheres era muito reduzido. Esta predominância masculina espelha alguns dados já referidos, como a composição maioritariamente masculina deste grupo migrante. Uma das várias questões que se debatia era a discriminação que pendia sobre estes homens que tinham vindo sozinhos para Portugal. O conceito usado era o mesmo que o da Câmara Municipal: os homens e mulheres isolados. O uso deste conceito por parte da Câmara parecia materializar as percepções do estatuto em que se moviam na sociedade de acolhimento. As diferenças de possibilidades de acesso eram materializadas nas desigualdades de acesso ao mercado de trabalho, nos espaços marginalizados onde habitavam, neste caso, o bairro das Marianas, e materializado também nas políticas que (não) eram alvo. A noção de homem isolado representava o homem sozinho, sem a família, estrangeiro, equivalente a uma noção presença temporária (Sayad, 1999: 145), de alteridade dentro da sociedade maioritária.

Nas reuniões colectivas dos moradores do Bairro das Marianas os sujeitos procuravam interpretar os processos a que estavam ou que haviam sido sujeitos e a dotá-los de um sentido de forma a dar coerência às experiências vividas. A experiência temporal da imigração e, neste caso particular, a experiência das demolições, cria nos sujeitos noções de reconhecimento de ruptura (ou descontinuidade) em relações às expectativas iniciais dos significados que haviam edificado em torno do seu trajecto e

---

<sup>17</sup> Nesta época eu não conhecia este processo de luta particular.

<sup>18</sup> A forte participação de guineenses é reflexo dos relacionamentos intra-étnicos característicos dos primeiros momentos do fluxo migratório; outro factor é que as comunidades que habitavam o bairro, quando começam a chegar os primeiros contingentes de guineenses (maioria comunidade cigana e cabo-verdiana), tiveram direito a realojamento.

obriga-os a gerar alternativas de entendimento destes processos de marginalização que viveram. Os sentidos da experiência eram tecidos ao redor de um série argumentos contra-hegemónicos: «*Eles fazem-nos o mesmo que faziam aos portugueses que moravam nas barracas em França*»; ou «*A gente trabalha, tem que ter sempre todos os papeis em dia, paga isto e tudo, mas na hora de igualdade fogem da responsabilidade*» ou ainda «*Tiveram no nosso país, colonizaram o nosso povo, usavam os nossos recursos e agora não nos querem na sua terra*». Estas frases foram retiradas do processo de observação das reuniões. Segundo Pina-Cabral, as noções de marginalidade experienciadas por um agente social é partilhado, por um lado, por outros agentes sociais em condições semelhantes, e por outro, percebido dentro dos termos de referência do mundo moral dominante. Estes grupos em desvantagem simbólica vêm-se confrontados com uma enorme necessidade de construírem discursos de valorização pessoal que, pelo menos parcialmente, contrariem as desvantagens simbólicas a que estão sujeitos (Pina Cabral, 2000:890). Nestes momentos particulares e situacionais, o as reuniões da Comissão, estes agentes partilham a mesma experiência, embora isso não signifique que todos partilham os mesmos significados; recorrem ao processo de construção de argumentos com bases distintas, mas simultaneamente criam sentidos colectivos para a experiência vivida.

É necessário talvez reforçar a análise dos processos de «violência institucional» a que estiveram sujeitos estes indivíduos. A Câmara Municipal demolia gradualmente o bairro. Enquanto o fazia não procedia directamente à limpeza dos escombros das casas, muitas vezes rompendo com canalizações, que desaguavam a céu aberto. O bairro foi lentamente piorando as condições habitacionais e os sujeitos confrontavam-se diariamente com este processo de deterioração do local onde viviam, pois eram os últimos. Os últimos a chegar, e por isso não tinham direito a realojamento, e os últimos a permanecer, porque não tinham alternativas viáveis de encontrar uma habitação.

Uma outra forma de violência experienciada por alguns foi, durante o processo de demolição, ter de mudar constantemente de casa; ou seja, partiam uma casa, e os sujeitos procuravam dentro do bairro uma alternativa de habitação. A alternativa proposta pela Câmara é a inscrição no PER famílias, ou seja, a compra a custos controlados de um apartamento nos bairros de realojamento. Esta proposta não é viável para a esmagadora maioria dos sujeitos, pois dada a instabilidade da sua situação - estatuto de clandestinidade, vínculos contratuais precários, instabilidade do mercado de trabalho, etc. - não conseguiriam um empréstimo num banco. Alberto, membro da

comissão de moradores explica como têm dificuldades em alugar uma casa: «*Hoje você trabalha três dias, e se parar 4 ou 5 meses como aconteceu comigo no ano passado? No ano passado fiquei 5 meses sem trabalhar. Imagina lá, se eu tivesse aventurado a comprar uma casa ou a alugar uma casa, quem seria eu? O proprietário, o senhorio ou a senhoria iam me levar para o tribunal. O problema é esse!*». A resposta da Câmara é a impossibilidade de poder solucionar todos os casos das pessoas chegadas que não haviam sido recenseadas, principalmente no que concerne aos homens isolados. A Comissão conseguiu, através de alguma pressão, que algumas mulheres com filhos tivessem direito ao realojamento. O caso de maior persistência, e resistência, foi o caso de Filomena, membro da comissão, cuja casa foi a última a ser demolida.

Este programa PER que visava fundamentalmente a erradicação dos bairros por, na perspectiva de Gusmão (2004:271), entendê-los como espaços de segregação étnica - guetos estigmatizados e núcleos geradores de marginalidade e violência, tem como base, ainda na perspectiva da autora que cita Malheiros, uma perspectiva integracionista, dotada de um sentido único, ou seja, o de integrar os que aí habitam na denominada sociedade portuguesa. Este processo de fixação das minorias migrantes etnicamente diferenciadas (Machado, 2002:389) e antes desta a própria imigração em si é um momento em que os próprios Estados começam a interpelar os seus fundamentos e mecanismos internos de estruturação e funcionamento. As ideias de Estado-Nação associado a representações hegemónicas de identidade espacial (Basch, Schiller e Blanc, 1994) continuam a ser as ideias primárias dos estados modernos; este patamar de fixação (as políticas de realojamento) das minorias migrantes questionam os Estados-Nação sobre a implicação das suas políticas de imigração, pois a sedentarismo destes grupos minoritários transferem estas questões para a necessidade dos estados criarem políticas específicas de “integração”. A questão aqui, sem questionarmos a ideologia integracionista do próprio programa, é que a Câmara não conseguiu fazer face aos contingentes de pessoas chegadas após 1993, pelo atraso do realojamento em si e pelos procedimentos aplicados e, desta forma, adoptou uma política de distanciamento e de desresponsabilização, argumentando com a ineficácia dos mecanismos de regulação político-institucionais de imigração, que não antecipam estes fluxos de pessoas; e, finalmente, aplica critérios de distinção de permanência temporal para a aplicação das suas políticas.

É neste quadro de interacção que se movem os sujeitos, conceptualizando quotidianamente as suas noções de diferença face ao grupo maioritário, num quadro de

representações que os grupos interactuantes constroem quando se confrontam. A Câmara interpreta o seu estatuto como provisório, não aplica medidas para a sua “integração”; os sujeitos interpretam os seus estatutos numa lógica de liminarietà em relação aos padrões hegemónicos da sociedade onde se movem. O bairro das Marianas transformou estas relações interactuantes em situações de conflito cognitivo, por parte dos sujeitos, que se tornaram uma face visível do conflito social como resultado das iniquidades sociais e económicas da sua posição como sujeitos migrantes.



### *Capítulo III*

#### ***Transmigrantes: mobilidade existencial e reterritorialização das práticas***

A perspectiva do transnacionalismo sustenta as interpretações propostas no presente capítulo. Primeiramente procuro explorar como a migração, antes de ser um movimento efectivo, é representada subjectivamente como um forma de mobilidade psíquica, na qual os sujeitos se movem dentro de percepções de possibilidade social e representações de lugar, reinscrevendo os espaços dentro de um economia à escala global. Depois trabalharei como no processo migratório os sujeitos desenvolvem e sustentam múltiplas relações entre dois ou mais Estados-Nação, envolvimentos estes que complexificam as representações que fazem de si e os significados que atribuem à experiência.

## Migração e mobilidade existencial

Gastão não permanece em Portugal após o tratamento relativo ao acidente de trabalho que sofrera, embora durante estes breves meses tenha trabalhado em alguns *biscates* na construção civil. Gastão regressa a Bissau e ao seu trabalho na fábrica e de professor. Mas a situação inesperada do encerramento da fábrica, por motivos de falta de pagamento a fornecedores, condicionaram fortemente a sua situação económica em Bissau. Sabia que deveria regressar a Portugal para o controle médico final, mas questiona-se; várias dúvidas atravessavam os seus pensamentos, não saberia se deveria permanecer, pois esperava que fábrica onde trabalhava reabrisse e com ela novas possibilidades. Comentara as suas dúvidas com a sua irmã que vive em França. Explicamente, um pouco indignado com as reacções da irmã, que considerou absurdas as suas indecisões, pois «*quem faz o esforço para vir para Europa não vale a pena pensar em regressar*».

N'Duba deslocara-se a Portugal pelos mesmos motivos que Gastão. Descreve recorrentemente a experiência do seu acidente e os longos tempos no hospital. N'Duba já antes pensara como seria a sua vida se emigrasse, mas foi durante o período no hospital, aguardando o desenrolar da transferência do seu processo clínico, que imaginou as possibilidades que surgiriam se permanecesse em Portugal. Permanecer constituía-se como uma oportunidade de «*resolver os problemas dos meus familiares, dos que estão atrás*». O movimento objectivo de migrar dos dois sujeitos, ou seja, o de se deslocarem de um espaço físico para um outro, constituía-se como movimento subjectivo antes de o ser como movimento efectivo. Gastão, confrontado com o encerramento da fábrica, questionava-se como iria ser a sua vida vivendo apenas com um salário de professor; N'Duba teria que procurar um outro trabalho assalariado num contexto de instabilidade laboral como o de Bissau; Portugal constituía-se como um lugar de novas oportunidades, embora a reticência de Gastão em partir se baseasse, em parte, na breve experiência anterior, mas outro tipo de constrangimentos fazem com decida permanecer. Os actores sentem-se condicionados na prática quotidiana e a movimentação subjectiva que procurei definir anteriormente, o da ideia de migração, torna-se uma importante representação existencial para os indivíduos, ou melhor, uma forma viável de representar o desenrolar do seu “*becoming*” social (Vigo, 2006: 101) relacionado com projecções e idealizações sobre o seu futuro. Hage procura mostrar como os seus migrantes libaneses se engajam nesta mobilidade psíquica antes da sua



mobilidade efectiva, quando começam a pensar num outro espaço geográfico como a solução para os “selves” existenciais.

*(...) listening to people's own evaluation of what makes them migrate, one feels that there is an inverse relation between migration, this all-important physical mobility, and existential mobility. Migratory physical mobility is only contemplated when people experience a crisis in their sense of existential mobility. Or, to put it differently, it is when people feel they are existentially “going too slowly” or “going nowhere”, that is, that they are somehow “stuck” on “the highway of life”, that they begin contemplating the necessity of physically “going somewhere”. (Hage, 2005:471)*

Assim, a noção de migração torna-se um dos discursos de viabilidade constituídos ao redor do tema de futuro, uma projecção sobre a sua mobilidade existencial. Recuperando e revendo alguns dos discursos dos três sujeitos, João, Gastão e N'Duba constata-se que apresentam desta mesma forma as suas representações do que significaria para eles migrar, relacionando este acto com um novo campo de possibilidades para si próprios e para os seus familiares que se teceria e solidificaria no futuro, como podemos perceber nas palavras de N'Duba «*Se eu viesse podia ajudar os meus que ficam atrás, os filhos podiam completar a escola e ter aquelas possibilidades*».

### ***Inscrições de sentidos de Nação***

João não quer revelar-me a sua idade. Justifica-o explicando que quando nasceu nem todos registavam as crianças e por isso mesmo desconhece a sua idade. Poderia ter dito a idade que consta no seu bilhete de identidade, esta nova forma burocrática de representação pessoal, mas João prefere explicar-me que pertence à mesma classe de idade de Gastão, seu primo. Gastão, por sua vez, refere orgulhosamente a sua data de nascimento pela curiosidade dos números. Nasce no dia seis, do mês seis, de mil novecentos e sessenta e seis. Tem actualmente quarenta e um anos e N'Duba quarenta. Poderemos segmentá-los dentro da mesma geração, crianças durante a guerra de libertação e no período de pós independência. Gastão e João, como já referi, são de etnia manjaco e durante a luta armada toda a população que vivia nas suas tabancas deslocou-se para região de Ziguinchor, Senegal. As famílias de João e Gastão passaram a viver na mesma tabanca que deveria fornecer alimentação às tropas de libertação que combatiam do outro lado da fronteira. Com o cessar do conflito, parte destas populações foram regressando gradualmente à zona norte da Guiné-Bissau, outras, como explica Gastão, decidiram permanecer no Senegal. A guerra de libertação do poder colonial marca as

trajectórias familiares destes sujeitos. Este processo histórico particular, a luta de libertação e o período pós-independência, é marcado, como explica Gupta no primeiro capítulo, pela constituição da Guiné-Bissau enquanto Estado-Nação, e pela adopção de projectos nacionalistas que optam por modelos de desenvolvimento para solidificar a sua ideologia nacional.

Gastão e João frequentaram um semi-internato militar do PAIGC, localizado em Sedengal, uma povoação situada na região de S.Domingos, norte da Guiné-Bissau. Gastão frequentou esta instituição desde o primeiro ano escolar até à quarta classe. João, regressado do Senegal após ter completado aí dois anos de escolaridade, é obrigado a iniciar novamente a escola primária na Guiné. *«Lá é que entro na escola e começo a aprender crioulo e escrever o português. Eu escrevia só o francês.»*. Permanece em Sedengal até o fim da quarta classe. Ambos regressavam às suas casas no fim de semana. *Andámos nessa escola, é um semi-internato. Aqui há luz, há água, tomamos banho nos chuveiros e tem uma central que dá alimentação de luz. Mas nesse momento, depois da independência somos poucas crianças..., chamavam-nos de cretas porque somos os mais pequenos, os mais jovens. Só tínhamos que nos dedicar ao estudo e fazer aquele teatro. Eu fazia aquela dança de balanta, porque sabe depois de independência o PAIGC dizia unidade nacional, não há manjaco, não há balanta, somos guineenses. Não se usava a palavra manjaco, nem mancanha, não há fula, somos guineenses. À noite entrávamos num refeitório grande, fazíamos aquelas peças de teatro, dança de balanta, de bijagós, de manjaco, tudo tem que aprender.»* (Gastão).

Esta experiência pessoal de Gastão dentro desta estrutura institucional, o semi-internato, espelha uma das múltiplas formas de penetração da ideologia deste novo Estado que, utilizando a óptica de Gupta, inscreve a diferença nas narrativas nacionalistas, ou seja, estas narrativas muitas vezes reconhecem outras comunidades, religiões, grupos étnicos de forma a que cada um sinta ter um papel no projecto nacionalista, celebrando a diferença e criando posições subjectivas, ao mesmo tempo que as incorpora e homogeneiza no interior da narrativa nacionalista (Gupta, 1992:72). Gastão fala de uma unidade nacional e parece entender o sentido destas *performances* de incorporação. Enquanto as crianças e jovens do semi-internato aprendiam as danças das diversas etnias do território guineense, celebravam as diferentes expressões performativas como parte de um projecto nacionalista que se tornava simultaneamente homogeneizador.

A deslocação para o Senegal como consequência da guerra e o início do percurso escolar nesta escola militar do PAIGC de João e Gastão são acontecimentos que condicionam e marcam a trajetória pessoal destes dois sujeitos. Estes factos tiveram um efeito real, material e simbólico na sua vida, produzindo simultaneamente um sentido de “nação” (Hall, 1997: 55), visível nos discursos de apresentação das suas experiências. Esta é apenas uma localização de uma forma de inscrição pessoal a um Estado-Nação; em outros momentos do presente texto localizaremos outras formas de posicionamento dos sujeitos, outras bases de identidade distintas. Mas assinalar a importância da inscrição destes sujeitos a um Estado-Nação específico permite-nos pensar como constroem noções de lugar e projectam para uma escala global as representações de campos de possibilidade. O projecto nacionalista e a sua intrínseca relação com uma narrativa da modernidade produzem inevitavelmente envolvimentos específicos num sistema de espaços hierarquicamente organizados.

### ***Representações de mobilidade existencial***

Uma das outras formas de representação do campo de possibilidades à escala global, são as conexões transnacionais que entrecem a vida dos sujeitos mesmo antes de migrarem. N’Duba tem um primo migrado há algum tempo nos Estados Unidos da América. A sua irmã Zinha também conseguira viajar e permanecer com o seu marido em Lisboa. João e Gastão, por sua vez, têm um grande número de familiares em França e um irmão de João vive nos Estados Unidos: «*Nós em França somos muitos, uns doze e eles têm muita força*». Esta força a que João alude poderá ser interpretada pelas relações de dependência geradas pelas remessas. João, antes de migrar, ocupava-se do processo burocrático para conseguir vistos para alguns dos seus familiares migrarem. O primeiro visto foi o do seu irmão mais novo para os Estados Unidos. Após a conclusão deste processo é a esposa do seu irmão mais velho e posteriormente os seus sobrinhos que conseguem «*filtrar para França*»<sup>19</sup>. Enquanto permanece entre o Senegal e a Guiné-Bissau é João quem gere as questões familiares e a aplicação do dinheiro enviado pelos irmãos. Os seus irmãos migrados distribuem recursos para sustentar vários familiares que permanecem *atrás* e, simultaneamente, cresce o seu estatuto social e mesmo o seu poder de influência. João não chegou a explicar bem como os seus familiares migrados induzem essa força aos que permanecem, mas as relações de

---

<sup>19</sup> Este é o termo utilizado por João para descrever o movimento migratório.

obrigação dos migrantes ganham um carácter recíproco, mesmo que a troca seja através de um tipo de obrigação moral. A dependência das ajudas dos familiares migrados reitera a construção de um outro espaço geográfico como um local de maiores possibilidades, enquanto são espectadores da mobilidade social local dos sujeitos migrantes, e projectam imaginativamente ideias sobre a vida “lá fora”.

Estas representações de mobilidade existencial, figurada na ideia de migração, poderão estar relacionadas com o processo da criação do Estado-Nação da Guiné-Bissau no período da pós-independência e a sua inscrição numa economia à escala mundial; ou através do novo papel da imaginação na vida social actual, em que os indivíduos através das imagens, notícias, ou outros fluxos de formas culturais, criam uma percepção do mundo interconectado, imaginando outros espaços geográficos como lugares de maior possibilidades económicas e sociais para as suas vidas; ou mesmo através das conexões transnacionais em que as suas vidas e dos seus familiares beneficiaram directamente com o deslocamento físico de indivíduos.

As representações de mobilidade existencial são também visíveis em histórias do passado familiar dos sujeitos. Quando N´Duba me fala da sua tabanca, onde vive uma parte da sua família, relata-me a história de seu pai, N´Dama. O seu pai não era originário de Cumura, migra para este lugar onde já se encontrava o seu irmão mais velho, professor primário na escola local. N´Dama permanecera em Buquepam, Bula, na morança<sup>20</sup> dos seus tios. Sem perspectivas de herdar alguma porção de terra, migra primeiramente para Bula em busca de trabalho e casa. Já casado parte para Cumura, procura um terreno e assim funda a morança de N´Dama N´Baná.

João e Gastão pensam a migração como algo que os manjacos conhecem desde há muito tempo, apresentando a identidade do grupo dispersa geograficamente. O seu avô comum foi obrigado a migrar para outro local, optando por resistir às obrigações para com o régulo<sup>21</sup>, procurando outras possibilidades numa terra mais afastada da soberania deste, como relata entusiasticamente Gastão:

*«Os régulos eram as pessoas mais determinantes, as suas palavras que são as mais ouvidas numa crise. Por exemplo, na época colonial, os régulos, eles é que mandavam. Os régulos têm os seus supaios. Os régulos para os colonialistas fazerem o seu trabalho bem têm que estar ao lado dos régulos, em contacto directo com esses régulos. Sabes o que o Sr. Régulo faz? O Sr. Régulo está em sua casa e sua gente, por*

---

<sup>20</sup> Morança é o conjunto de casas onde vivem os vários indivíduos de uma mesma família.

<sup>21</sup> Clara Carvalho explica como todas as populações que se identificam como manjaco se organizam tradicionalmente em pequenos chefados ou regulados. Estes chefados ou regulados eram chefiados por um régulo, um soberano que centralizava todo o poder, e as populações eram normalmente obrigadas a trabalhar para este chefe (1998: 81).

*exemplo, tem que praticar a agricultura, a lavoura, o arroz, tudo aquilo para a sua sustentabilidade. Esse régulo chega ali na minha casa “Ó Gastão hoje tem que ir trabalhar para mim!” Não posso recusar! Tenho que fazer obrigatoriamente o trabalho daquele régulo. Depois se eu contar, por exemplo, a história de minha dona, aquela que pariu o meu pai. Se você tinha trazido a mapa, ia-te explicar onde se situa Bachil, onde nasceu essas donas, nós dizemos para avó. Porque é que, por exemplo, o meu avô não fixou nessa área, se houvesse o mapa eu ia-te explicar porque é que não viveu na zona de Cacheu, na região de Cacheu. Porque é que não permaneceu a viver ali? Porque ele recusou aquela situação de obrigatoriedade de régulo. Tem que fugir e mudar para outra área. E fugiu para a zona de S. Domingos e arranjou aqui uma tabanca e povoou aqui. Ali é que nasceram os meus pais e viveram lá e já se casaram ali, depois de casar nasci eu também ali, porque o meu avô não aguentava aqueles abusos de régulo e foi povoar para outro lado.»*

A emigração em si existe como um facto histórico. No período entre 1948 e 1950, muitos manjacos da zona de Cacheu migram para a zona da Senegâmbia. Esta migração abrange cerca de 15 a 20% da população desta zona, e muitos dos estudos guineenses da época colonial chamam a atenção para a antiguidade da migração manjaca e mancanha da zona de Cacheu, norte de Bissau, para Casamance, no Senegal. Segundo Machado (2002:77), estes movimentos migratórios intensificam-se a partir de 1920 e entre os anos anteriormente mencionados. Outros autores, como Gable, apresentam dados sobre a migração manjaca desde o princípio do século XIX<sup>22</sup>.

Gable e Machado referem que a migração para França é habitualmente mediada por passagens por Dacar. Machado conclui que apesar da escassez de estudos sobre a tradição migratória dos manjacos, esta migração vem pelo menos dos anos de 1930 e uma das formas de chegar ao destino era o ingresso na marinha mercante. Esta associação entre a vida marítima e a migração é também descrita por Gastão.

*«Os primeiros emigrantes que emigraram para França são os manjacos porque... não conheço bem a história, mas sei que os primeiros emigrantes são os manjacos. Sabes que os manjacos em princípio são navegantes. É a etnia manjaco Bessisse, uma ilha na Guiné. Mas essa é a sua profissão no início, são barqueiros e trabalham na vida marítima. E que, por exemplo, os primeiros meios para chegar à Europa não eram muito os aviões, eram os barcos. Sabes disso? Os meios aéreos eram*

---

<sup>22</sup> «Nevertheless Manjaco also recognized that emigration had (as far as anyone could remember) always been a crucial part of local life. (...). As early as the mid-nineteenth century young Manjaco men were travelling for days thought often hostile territory to farm peanuts for cash along the Casamance in Senegal, in Gambia, and in the Southern quadrant of Guiné-Bissau. Thousands more spent months in Senegalese forest gathering “red rubber” when this crop enjoyed a boom in the early twentieth century. Manjaco were also early immigrants to emergent urban centers. Young man and women worked in coastal ports as stevedores. (...) By the mid-1950s roughly a third of the Manjaco men our women in any given year were either permanently or temporally “across the river” in Senegal. Largely they went for experience of (as they used to put it) “seeing France”- becoming cosmopolitan in the eyes of the stay-at-homes and their peers.» (Gable, 2001: 196)

*poucos, os barcos é que andavam muito, e eles são que se dedicavam à navegação. Eles chegaram à Europa muito cedo a França, e é por isso que há lá muito os manjacos, já estão ali a viver uns que já tem avós aí. A minha prima irmã que está lá é da idade de qual? Eu falo com ela muito bem, já é velha, ela já levou muitos anos em França.»*

Para Gastão a oportunidade histórica dos manjacos emigrarem para França deve-se aos atributos e capacidades de navegação. A sua especialização permitiu que acessem as rotas marítimas que os transportariam a França, distinguindo-se dos demais grupos étnicos da Guiné. De facto, o discurso de Gastão marca um posicionamento e, simultaneamente, representa imaginativamente o seu grupo étnico.

Estas representações sobre os diferentes grupos étnicos são narradas de diversas formas, muitas das histórias definem noções de comunidade como localmente enraizadas. Representam cada etnia como detentora de chão, *tchom di manjaco*, *tchom di balanta*. Embora existam locais onde as diferentes etnias coabitam, o chão pertence a alguma delas<sup>23</sup>. Os sujeitos contam e recriam histórias de deslocamento, ligando os membros da comunidade a movimentos. Estes movimentos são impulsionados pelo comércio, pela participação em colheitas<sup>24</sup> em outros locais, pelos deslocamentos forçados como a guerra ou a fuga do avô de Gastão e João, a oportunidades históricas como a migração para França dos manjacos. Mas é claro que no processo histórico actual, de condições cambiantes de comunicação, globalização e pós colonialismo (Clifford, 1994: 223) os circuitos pelos quais se deslocam os membros das comunidades, étnicas ou Estado-Nação, são reestruturados de acordo com dinâmicas internas ou externas, consoante os graus de possibilidade real para sua movimentação existencial.

### **Transnacionalismo presente**

*João e eu conversávamos sentados num banco da Praça do Rossio. O “sítio dos fulas” é como o João chama este espaço da cidade. É onde se encontram vários grupos de guineenses e onde muitas vezes combinamos por ser um local central. O telemóvel toca e João atende. Fala durante mais de 10 minutos, enquanto me distraio a observar as pessoas que passam. «Era meu irmão mais velho que vive em França». João faz*

---

<sup>23</sup> Estas análises sobre o *tchom* são interpretações pessoais a partir dos discursos dos informantes. Já tive várias explicações, mesmo de outros guineenses, que me explicavam dando exemplos de Portugal. *Imagina que tu és das Beiras e vens para Lisboa morar, tens alguns costumes diferentes, mas no fim damo-nos todos bem* (Armandinho)

<sup>24</sup> Uma vez em conversa este Armandinho e Gastão contavam como os manjacos e papéis muitas vezes partiam para Casamança para participar em colheitas de arroz e algodão.

*questão de me relatar parte da conversa que tivera com o irmão. Falavam da construção da casa em Bissau do seu irmão mais novo que vive nos Estados Unidos. João tinha já contribuído com dinheiro para parte do cimento da obra. Quem se encarregará da empreitada da casa é o irmão mais velho de Gastão. Combinavam os últimos detalhes necessários para o início da construção. João explica como nesse mesmo dia iria contactar o outro irmão para conversar sobre o assunto. Aproveito a situação para perguntar a João como organizam os telefonemas. João explica que não há uma regra, mas que normalmente quem telefona mais vezes são os seus irmãos que estão numa situação financeira melhor, mas que ele, justificando-se, de certa forma, desta desvantagem, inúmeras vezes telefona para as irmãs e sobrinhos que vivem uns na Guiné-Bissau outros no Senegal.*

*Diário de Campo, 12 de Dezembro de 2006*

Este fragmento de um momento passado com João é paradigmático da experiência quotidiana dos novos migrantes contemporâneos. João, estabelecido em Lisboa, fala no mesmo dia com os seus dois irmãos migrantes em diferentes países. A comunicação via telefone resolve situações pendentes na Guiné-Bissau. João, Gastão e N'Duba são efectivamente transmigrantes e os seus laços e relações pessoais permanecem, todavia, muito vinculados à família que permanece na Guiné-Bissau. A esposa de Gastão e os seus filhos residem em Bissau; Helena, a esposa de N'Duba vive em Cumura, com a mãe deste, os seus filhos e outros familiares; João, como não tem actualmente uma esposa, parece depositar nos seus irmãos de pai e mãe, ambos migrados, os vínculos afectivos mais significativos, mas relacionando a Guiné-Bissau como o lugar de encontro simbólico para a reunião familiar e concretização de projectos.

A manutenção activa e efectiva das relações com as pessoas que permanecem atrás, ou mesmo com outras localizadas dentro de outras fronteiras geográficas, é essencial para as vidas destes sujeitos. Quer seja interpretada a níveis afectivos, pois como descreve N'Duba «*um homem não pode viver longe dos seus*», e os sentimentos e angústias pessoais derivadas da distância são compensados por telefonemas recorrentes, ou cartas, em que ambos os comunicadores ficam ao corrente dos eventos e acontecimentos mais significativos da experiência pessoal; ou a níveis práticos, como reflecte o telefonema de João, em que se resolvem problemas pendentes ou se tomam decisões. Passo a introduzir estas ideias observadas durante a prática etnográfica.

Terminada a reunião da comissão de moradores do bairro das Marianas procuro falar com Gastão para marcar mais uma entrevista. Antes de mencionar o assunto, entabulo a conversa com as perguntas habituais. Como vai a vida, o trabalho, a família,

uma panóplia de perguntas característica da *mantanha*<sup>25</sup> guineense. Gastão parecia não estar tão bem disposto como o habitual e reparo em alguns sinais de ausência e distração durante o decorrer da reunião. Estávamos em meados de Outubro e Gastão não conseguira enviar, todavia, todo o dinheiro necessário para a inscrição dos seus filhos na escola, a compra de materiais, além do que o avizinhar da época natalícia lhe causava preocupações adicionais pois, como me explica, esta época acarreta um conjunto maior de despesas. Para além da festa do Natal em si, realizam-se nas tabancas, neste mês e meses seguintes, algumas cerimónias tradicionais, como o Toca Chora<sup>26</sup> de alguns familiares. Irei debruçar-me mais sobre as relações familiares destes sujeitos no próximo capítulo, mas este exemplo ilustra como as obrigações do envio de remessas, enquanto ligações económicas vital entre os dois campos de acção destes indivíduos, o do país de origem e do país de migração, são centrais no quotidiano dos sujeitos. Podemos interpretar a preocupação de Gastão como uma pressão psicológica pessoal, pois ele mesmo se posiciona como o responsável da manutenção económica da sua unidade doméstica nuclear, constituída pela sua esposa, os seus quatro filhos e uma outra sobrinha que a sua esposa recolhera para cuidar. Isto levanta para uma questão imediata: a manutenção das relações familiares dos sujeitos, e as obrigações inerentes, não fomentarão uma constante interpretação pessoal do próprio estatuto dentro da unidade doméstica, gerando algumas pressões e mesmo angústias quando as acções se tornam limitadas pela experiência quotidiana?

Outras questões se irão colocar relativamente a este tema. Proponho uma concentração nas propostas de análise dos fluxos, económicos e culturais, que se movem dentro dos campos sociais transnacionais destes sujeitos transmigrantes. Como vimos, Gastão envia recorrentemente dinheiro para a família na Guiné e, tal como N'Duba, as remessas são enviadas principalmente para uma unidade familiar nuclear, embora as obrigações se estendam, como mais tarde se verá, à família alargada. João já me explicara como divide as despesas com os outros dois irmãos migrantes. Vão alternando mensalmente a responsabilidade do envio de dinheiro. João prefere enviar dinheiro em vez artigos de qualquer outro tipo; apenas compra telemóveis, no Rossio, pois vêm já desbloqueados e com cartão da empresa de telemóveis operante na Guiné

---

<sup>25</sup> Mantanha significa cumprimentos ou saudação em crioulo da Guiné e Cabo Verde. A mantanha normalmente implica uma série de perguntas seguidas sobre a vida quotidiana. Curiosamente, a primeira pergunta em crioulo da Guiné-Bissau é «como vai de corpo?».

<sup>26</sup> Toca Choro é uma cerimónia de celebração do aniversário de uma morte. Normalmente são os familiares que acarretam com as despesas relacionadas com esta celebração.



ou no Senegal, consoante o familiar a que se destine o artigo. Roupa não compra, pois «*as pessoas lá tem gosto diferente, depois chega lá e não gosta!*». Os artigos mais valorizados por João são os artigos tecnológicos. Quando Filomena, uma moradora do Bairro das Marianas, parte de visita à Guiné João pede que leve consigo alguns objectos e dinheiro para entregar a familiares.

Do conjunto dos três sujeitos é N'Duba o que menos se inibe ao expressar os seus sentimentos. Este homem reflecte, recorrentemente, sobre a sua condição de ausente. «*O que quero realmente saber é como está a minha mãe, os meus filhos, e como ela está. A Helena diz-me sempre “tá tudo bem, tudo bem” mas eu sei vida é muito dura lá. Um homem não pode viver assim...*» N'Duba não consegue falar com os seus filhos pelo telefone, diz preferir que a mulher lhe relate alguns episódios das suas vidas. Parece não conseguir suportar o que o seu estatuto de ausente possa causar na vida dos seus filhos. Helena e N'Duba contam histórias um ao outro sobre a vida de cada um, trocam ideias, tomam decisões sobre os rumo das suas vidas em comum. N'Duba telefona pelo menos uma vez por semana a Helena; esta prática permite que reconfigure o espaço, de forma a compensar a sua ausência, procurando que a sua experiência presente se vincule aos que aí permanecem através duma permanente presença ausente, materializada através dos seus telefonemas.

Retomemos o fragmento etnográfico em que João comunica com os seus dois irmãos migrantes em diferentes locais. Esta família constitui-se como uma rede de grupos ligados, distribuídos em diferentes locais, que maximizam as oportunidades económicas, por acrescentos mútuos e deslocamentos múltiplos (cf. Bash, Schiller e Blanc-Szanton, 1994:28/29). A construção da casa do irmão mais novo é um exemplo paradigmático desta situação. Estes três irmãos entreejudam-se na realização de projectos individuais, nomeadamente a construção de casas. Hage (2005), apresenta o conceito de famílias extensas transnacionais para percebermos este tipo de situações. Embora espalhados, os seus membros formam comunidades familiares concretas; os sujeitos estão ligados por relações de sustento mútuo e os seus campos de relações constituem-se como um terreno de possível mobilidade social, emocional e psíquica para os seus membros. (Hage, 2005: 468). João, por exemplo, já esteve oito meses em França. Decorriam os primeiros tempos da sua experiência migratória e João não conseguia suportar algumas condições de trabalho a que estava sujeito. Decide *dar o*

*salto*<sup>27</sup>. Mas retorna devido ao início de um processo de legalização. Os tempos em França foram passados na casa de seu irmão. Esta família extensa transnacional move-se dentro de teias relacionais subordinadas não apenas às oportunidades económicas individuais, mas também ao conjunto de obrigações familiares. Estes sujeitos, por exemplo, também se encontram, passam férias juntos, como é o caso da sobrinha mais nova de João que veio passar dois meses no Verão, circulando entre as várias casas de familiares estabelecidos em Portugal, como é o caso de Gastão e uma outra prima que vive no Barreiro. A sobrinha passa as férias em Lisboa enquanto que o seu irmão parte para os Estados Unidos ao encontro do seu outro tio.

Neste sentido, estes sujeitos comunicam, em diferentes tempos, com vários familiares estabelecidos em diversos locais. N´Duba, Gastão e João sentem uma necessidade de se conectar com os outros dispersos entre o “aqui” e o “lá”, que partilham as mesmas raízes e rumos (Vertovec e Cohen, 1999: 17). Esta comunicação ocorre e é mantida, seguindo a perspectiva dos mesmos autores, pois os actores estão cientes da sua multilocalidade e as representações que edificam em torno desta multilocalidade fornecem uma “coerência imaginativa” à experiência migratória.

O consumo de um determinado tipo de artigos provenientes da Guiné-Bissau é uma das formas destes indivíduos experienciam a sua transnacionalidade. No mesmo dia em que me encontro com João no largo de S.Domingos, no Rossio, ele levanta-se e dirige-se a um senhora que estava ali sentada, comprando-lhe um saco de castanhas caju que ambos consumimos enquanto conversamos. Em outras ocasiões almocei, umas vezes com N´Duba e outras com Gastão, num dos recentes restaurantes africanos situados perto do Rossio, nas proximidades do hospital de S.José. «*Então gostas da comida da nossa terra?*», era uma das perguntas recorrentes, conjuntamente com algumas afirmações, em particular de N´Duba, de como sabia agora preparar a comida típica da sua região, enaltecendo as suas qualidades enquanto cozinheiro «*...pois agora não tenho ninguém que cozinha para mim, tem que fazer na mesma*». No processo de interacção com a investigadora, através do consumo de produtos originários do seu país de origem, estes sujeitos reterritorializam e reconfiguram as suas formas de consumo alimentares de forma a ligar a sua experiência anterior à actual, gerando, num certo sentido, uma continuidade com o local durante o presente migratório. Muitas vezes

---

<sup>27</sup> *Dar o salto* é aqui usado na acepção mais conhecida da experiência migratória portuguesa, pois João foi até Amarante e pagou a um passageiro para o transportar ilegalmente para França, como ocorria durante as migrações dos portugueses para este país.

estes produtos não são comprados em Portugal, mas sim transportados da Guiné-Bissau por amigos ou familiares, tornando esta ligação, com o local, mais efectiva e, talvez, mais afectiva.

### **Reterritorialização das práticas e identidades.**

As reuniões da Comissão de Moradores do bairro das Marianas decorriam pelas onze horas da manhã do primeiro domingo de cada mês. Esta hora servia de referência e os participantes, na sua maioria homens, iam chegando em pequenos grupos ou sozinhos, permanecendo em frente à casa de Filomena. O bairro era agora um extenso terreno de terra batida com três casas que resistiam e aguardavam alguma solução da Câmara Municipal de Cascais. Diferentes grupos de pessoas deambulavam por este terreno. A entrada habitual, mais próxima da estação de comboios de Carcavelos, era um estreito caminho, ladeado por vivendas, onde restavam alguns toxicodependentes que buscavam o seu alimento e aí permaneciam para o consumir. Outros grupos, maioritariamente guineenses, vinham, pelo menos ao domingo, consumir as entremeadas grelhadas por Quinta, uma comerciante, e beber cerveja barata, permanecendo uns toda a tarde, outros apenas umas horas, para depois partirem para outros encontros ou afazeres. Mas o primeiro domingo de cada mês estava destinado à reunião, para se porem ao corrente das negociações, ou não negociações, com a Câmara Municipal. Num desses domingos, antes do início da reunião, alguns homens conversavam entre si. N´Duba estava presente. Começaram a discutir os preços actuais das passagens para a Guiné. Estávamos em Dezembro, não era uma boa época para comprar bilhetes, avizinham-se as festas e os preços aumentavam. Outra solução seria comprar a passagem por Dacar e depois fazer o caminho por estrada até à Guiné. A maioria dos homens conhecia bem este trajecto. N´Duba também, desde os tempos em que trabalhava como ajudante de camionista e se deslocava para o Senegal, chegando muitas vezes a permanecer semanas em casa de familiares do seu patrão. Nesse momento a conversa repartia-se, formando pequenos grupos. Todos pareciam querer partilhar as suas experiências do Senegal, muitas vezes relativas a familiares aí estabelecidos; os fluxos que ocorrem entre a fronteira destes dois países e a sua relação histórica desconstrói a univocalidade geopolítica das linhas de fronteira (Lavie e Swedenburg, 1996: 17) e o seu processo intrínseco de fixação cultural. A conversa

passa por várias relações, descrevem-se mesmo alguns episódios com a polícia senegalesa. N'Duba relata uma situação em a carrinha do seu trabalho foi revistada e ele foi preso com o seu colega, permanecendo na prisão durante uma semana. «*Conseguem ser pior que a nossa polícia...*», comenta; e o grupo manifesta concordância. Da conversa sobre a polícia passa-se à situação política na Guiné-Bissau, e neste ponto as opiniões ramificam-se, emergindo várias vozes de discordância, até que alguém decide pôr um ponto final na situação, assinalando o início da reunião da comissão de moradores.

Este excerto presta-se a diferentes interpretações. A primeira discussão prende-se com o desejo efectivo de ir, de férias ou definitivamente, à Guiné-Bissau. A mobilidade geográfica inúmeras vezes mencionada, dos novos transmigrantes deve ser desconstruída pela análise das condições de vida destes indivíduos. N'Duba, por exemplo, apenas regressa à Guiné oito anos após a chegada a Portugal; João nunca regressou e Gastão apenas o fez durante o tratamento médico. Desde que conheço Gastão, pelo menos há um ano e meio, já me descreveu pelo menos duas datas possíveis para uma viagem de férias ao seu país, mas não conseguiu, todavia, realizá-la. Na verdade, estes indivíduos estão sujeitos a inúmeros constrangimentos que limitam a sua mobilidade. Os vínculos laborais precários, e a consequente instabilidade laboral, a necessidade de permanecer para a obtenção de visto, são o tipo de factores que condicionam os seus movimentos e esta ideia de mobilidade surge mais como um desejo, do que uma possibilidade concreta. No momento da observação, os preços das viagens pareciam ser a justificação para a sua limitada mobilidade efectiva. O desejo de voltar, principalmente durante esta época festiva está associado às obrigações perante família que permanece atrás. E a discussão transforma este tempo simbólico num tempo lembrado conjuntamente, ao qual estão associadas experiências passadas subjectivas e particulares que são reconfiguradas durante os seus presentes migratórios.

As experiências relatadas sobre as deslocações e conexões com o Senegal, para além de serem formas de apresentação do *self*, dada a confrontação das várias experiências pessoais, são, e talvez seja este o sentido que me interessa, formas de lembrar lugares (Gupta e Fergurson, 1992) que dão expressão e servem, muitas vezes, de âncoras simbólicas a comunidades de pessoas dispersas. O lugar lembrado neste contexto não é directamente o Senegal, enquanto país delimitado territorialmente. É a relação psíquica que é projectada para este espaço: os diferentes sujeitos narram memórias pessoais, geradas em tempos diversos, partilham experiências passadas que,

no presente, dão sentido à experiência do deslocamento, construindo imaginativamente o seu mundo vivido.

Esta experiência de deslocamento não significa um total desenraizamento das práticas culturais, mas sim um processo particular em que os sujeitos dão lugar à continuidade através da reterritorialização das práticas no decorrer da experiência migratória. Mas a descrição impõe-se para percebermos estas sugestões. A mãe de N'Duba faz parte de um movimento religioso balanta Kiyang-yang que surge em 1984 e re-pratica de modo diferente a prática ritual balanta, a relação com os espíritos dos ancestrais e a instituição divinatória (Callewaert, 2000:272), questionando a liderança gerontocrática em favor de competências de liderança das mulheres e dos jovens. Este movimento segue a profecia da sua líder fundadora, Ntombikte.

*«(...) ela proclamou que fora apanhada por Nhaala, o Deus único balanta, guiado pelos ancestrais, que incarnaram nela para descobrir o caminho de Nhaala, fora dos imperiosos deveres de uma sociedade baseada no parentesco, cujo bem-estar é construído sobre a relação com os ancestrais através das oferendas e cerimónias libatórias dos anciãos. Ela quer fugir ao controle do mundo dos cujos agentes destrutivos são feiticeiros. (...) Quer confiar unicamente em Nhaala, e considera que recebeu esta missão para todos os Balantas: a cura da doença não pode ser realizada através de contrato com os espíritos e oferendas aos ancestrais, mas através da oração e da medicina revelada por Nhaala» (Callewaert, 2000:273)*

Em meados de Dezembro de 2006, durante a época de pesquisa deste trabalho, N'Duba desloca-se à Guiné-Bissau, após oito anos de ausência, e permanece aí por três meses. Durante a sua estadia continua o processo de iniciação das práticas religiosas e rituais da sua mãe. Este sujeito já me explicara esta situação *«(...) eu que vim aqui vou ser mais tarde como ela, eu tenho um bocado de notícia para pôr na cabeça. Mais tarde eu tenho que ser curandeiro!»*. A complexidade deste fenómeno religioso e o facto de após o seu regresso eu ter já decidido encerrar a recolha de narrativas impossibilitam uma análise muito detalhada. N'Duba vive um processo particular. Além de ter continuado a iniciação ritual desta prática religiosa, este sujeito deve passar uma etapa de aprofundamento do conhecimento das ervas medicinais e as suas aplicações. Este movimento baseia-se também na comunicação directa dos sujeitos com os ancestrais e Nhaala, o Deus balanta, de forma a que sejam eles quem lhe comunica profeticamente a cura das doenças.

Nesse domingo especial chego pelas oito da manhã a casa de N'Duba. Este é um dia. Na cozinha está já Laurinda, uma amiga, cozinhando as entranhas da primeira galinha sacrificada. Assisto aos seguintes dois sacrifícios. N'Duba e Laurinda seguram a

galinha, degolam o pescoço, o sangue é depositado num frasco e disposto no chão juntamente com os outros objectos, uma garrafa de aguardente, velas e papéis escritos em caracteres árabes. N´Duba prossegue com uma oração e posteriormente escreve compulsivamente sobre os papéis. Mais uma vez as galinhas são retiradas e cozinhadas. Após cozinhadas as entranhas dos animais sacrificados são também dispostas sobre o chão. Durante essa manhã chegam várias pessoas. Num dado momento, N´Duba juntamente com Zinha a sua irmã, Laurinda, Quinta a vendedora de cervejas do bairro das Marianas, e outras duas mulheres, todas de etnia balanta participam numa oração conjunta, envolvida em cânticos que termina numa espécie de convulsão colectiva. Após esta prática ritual entram outros sujeitos de etnia balanta que oram com N´Duba e terminam conversando a sós com este. Não questiono N´Duba sobre este processo ritual. Em outras ocasiões ele explica-me como deve cuidadosamente praticar esta sabedoria. Vive num outro território e deve conhecer os espíritos deste chão particular, o chão português, tal como suas ervas que poderá utilizar. Este será um território interessante a explorar, ou seja, perceber como esta prática religiosa é transformada durante o processo migratório.

### ***Nacionalismo à distância***

Este dia prossegue com a celebração festiva deste processo ritual. Chegam os companheiros do bairro das Marianas, como Gastão, João e os seus companheiros de casa, todos de etnia manjaco. Alberto, o outro membro da Comissão de Moradores também estão presente e outros sujeitos cujas feições desconhecia até então. Durante a manhã são as mulheres quem prepara a refeição festiva na cozinha do apartamento. Cozinha-se arroz e a galinha sacrificada momentos antes. A cozinha é o território das mulheres enquanto que na sala os homens esperam ansiosos pela comida. Os espaços de sociabilidade não são completamente exclusivos a cada um dos sexos. Muitos dos homens fazem questão de, no momento em que apanham mais uma cerveja, ou um sumo, meter conversa com as mulheres, através de temas múltiplos, mas sempre ocasionadores de uma boa risada, dada a atmosfera festiva que reinava neste dia. O mesmo acontece com as mulheres, que se aproximam da sala, para fazer alguns comentários, ou permanecem entabulando alguma conversa. Mas estes espaços também estão demarcados durante o momento da refeição. As mulheres levam grandes travessas para a sala e os vários homens, entre eles João e Gastão, sentam-se ao seu redor e comem todos juntos. «*É assim que se come na nossa terra!*», comentam uns para a

observadora. As mulheres degustam a refeição no espaço da cozinha. Após o momento da refeição os homens assistem na sala a vídeos de um dos senhores que vivia na mesma casa com N'Duba. O primeiro vídeo era de uma festa no extinto bairro das Marianas. O vídeo era longo e continha o registo de um convívio de várias pessoas após o funeral de alguém. Enquanto visionavam os participantes iam comentando quem era fulano, o que fazia nesse momento, se tinha voltado para a Guiné, entre outras coisas, e as mulheres iam entrando, permanecendo também a observar. A atenção durante o visionamento não é total; outras conversas surgem pelo meio, cruzando-se com outro tipo de comentários. Alguns evocando com nostalgia o tempo vivido nesse bairro de casas auto-construídas. Naquele momento este bairro, estava a ser lembrado e evocado como um lugar de experiências significativas para os sujeitos presentes. A maioria dos presentes tinha passado nas Marianas os primeiros tempos da experiência migratória e, tal como descreve N'Duba, ai reencontraram colegas de Bissau, ou da sua terra, com quem tinham partilhado mesmo experiências da juventude. Foi também durante estes tempos que neste espaço se construíram novas amizades, como é o caso de N'Duba, Gastão e João porque como explica João «*A gente não conhecia N'Duba porque N'Duba é balanta!*». Esta afirmação reflecte um posicionamento identitário étnico por parte de João, justificando, de certa forma, as redes de interconhecimento desta comunidade migrante. Neste caso, a observação conjunta das imagens evoca um tempo passado, decorrido já durante a experiência migratória, vinculado a um espaço concreto. A vivência num bairro de casas auto-construídas logo nos primeiros tempos da experiência migratória faz parte de um processo de ajustamento às circunstâncias iniciais que é, simultaneamente, diferenciador por relação à população geral e gerador um certo sentido de experiência partilhada. O reencontro de pessoas conhecidas e o estabelecimento de novas amizades ajudam a sustentar uma ideia de comunidade em diáspora, que se identifica com um passado comum, a ligação a um território que se constitui como Estado-Nação, e com o presente, o da experiência migratória. Esta ideia de comunidade em diáspora se entende mais facilmente se a pensarmos como comunidade de experiência (Vigh, 2006:20), a experiência partilhada como um ponto de referência, posição e história em comum, noções sob as quais se constroem as identidades do grupo migrante.

A celebração ritual de N'Duba é bastante prolongada e após o almoço os participantes continuam a assistir à televisão. A televisão é um instrumento interessante para a prática etnográfica, pois em frente ao aparelho nascem conversas e tecem-se

comentários que se podem tornar figurativos de algumas opiniões dos próprios sujeitos. Durante a tarde assistem ao segundo vídeo<sup>28</sup>. Trata-se de um registo de um conjunto de notícias que passaram na televisão portuguesa durante o conflito de 1998 na Guiné-Bissau. Durante aqueles instantes a audiência presta uma atenção diferente, os silêncios surgem quando o interlocutor é de maior interesse, alguns locais são reconhecidos, histórias são narradas e muitos dos sujeitos localizam o decorrer da sua experiência nesse tempo de conflito. N'Duba, por exemplo, já estava em Portugal. Gastão e João tinham voltado para as suas tabancas de forma afastarem-se dos locais de maior conflito. Mais uma vez são retomados temas como a situação política na Guiné-Bissau. Esta temática de conversa foi por mim presenciada em inúmeras situações. Estes indivíduos muitas vezes promovem as suas ideias sobre o Estado-Nação pela crítica, mas estão, inquestionavelmente, a aceitar a Nação (Schiller e Fouron, 2001:18). Há uma diferenciação entre a identificação com um Estado existente e o desejo de constituir um novo estado, mas mesmo assim a ideologia nacionalista persiste e é legitimada pela identificação a este território, a Guiné-Bissau, através das suas representações constantemente contestadas, redefinidas e reconstituídas. Esta audiência assiste a um noticiário que representa um conflito muito próximo temporalmente e muito marcante nas trajectórias de vida de cada um dos sujeitos e na própria história do seu território nacional. Este acontecimento, vinculado a um lugar, está a ser consumido figurativamente e literalmente, durante o presente migratório, através de um meio visual, a televisão. Os discursos produzidos naquele momento são semantizados em torno da representação da nação (reflectindo os sentidos que esta produz), influenciando a concepção que os sujeitos, que assistem às imagens, têm de si mesmos, enquanto membros de um Estado-Nação particular, e cuja particularidade é que este discursos estão a ser produzidos no decorrer dos seus processos de desterritorialização.

Para além do consumo televisivo durante este contexto festivo, João, Gastão e N'Duba são consumidores activos dos telejornais diários, dos canais portugueses e, principalmente, do jornal RTPAfrica, uma forma de se porem ao corrente dos acontecimentos passados na Guiné-Bissau. Inúmeras vezes presenciei a exposição do conhecimento de acontecimentos políticos recentes, quer estivessem relacionados com a Guiné-Bissau, quer fossem sobre a aplicação de certas medidas políticas em território português, entre outros. Um dia N'Duba telefona-me, entusiasmadíssimo, para que

---

<sup>28</sup> O segundo vídeo tem a curiosidade de ser gravado de uma câmara de vídeo directamente para a televisão.



assista a um programa que passava naquele momento sobre o trabalho de umas freiras católicas na sua terra natal, Cumura di Padre.

A reterritorialização das práticas dos sujeitos migrantes também pode ser exemplificada pelo envolvimento político destes sujeitos na sociedade de acolhimento. Basch, Schiller e Blanc-Szanton (1994) exploram como os imigrantes, neste caso haitianos, não necessitam de regressar para viverem uma larga influência política no país de origem. Estes migrantes estão envolvidos num campo político transnacional e tomam acções, envolvem-se em actividades e organizações, que influenciam e transformam simultaneamente os dois países, o de origem e o país no qual estão estabelecidos, num processo de continua construção do Estado-Nação desterritorializado (Basch, Schiller e Blanc-Szanton, 1994: 123). É o caso da participação de João e Gastão numa associação denominada *Associação Filhos e Amigos de Bachil*. Bachil é uma localidade no norte da Guiné-Bissau mas, curiosamente, João e Gastão não são originários desta povoação, apenas o seu avô comum, o já mencionado fugitivo das obrigações do régulo. Este tipo de associações de carácter mais informal, estão mais preocupadas com actividades direccionadas para os seus membros e para a sociedade de origem, como explica Machado:

*Estas estão mais viradas para dentro do que para fora, mais ocupadas com a gestão do quotidiano ou com a reprodução das práticas culturais específicas do que propriamente com acções visando a participação social e política na sociedade mais ampla. (Machado, 2002:424).*

Gastão ocupa o cargo de tesoureiro nesta associação. Encontram-se mensalmente, numa localidade da margem sul, um local de forte concentração habitacional de guineenses (Machado, 2002:63). Os seus membros são, na sua maioria, de etnia manjaco e visam a construção de infra-estruturas nesta localidade, Bachil. Neste momento congregam esforços e recolhem fundos para a construção de uma escola para a localidade.

*«Aqui em Portugal temos uma associação, que aglomera, que congrega todos os emigrantes que saíram da Guiné, mas não são todos. São de etnia manjaco, quase totalmente de etnia manjaco que pertencem a uma povoação que se chama Bachil. É no lado Norte, antes de chegar de Cacheu. É uma associação que chama AFAB, Associação dos Filhos e Amigos de Bachil. Aqui fizemos uma associação, em que a cotização mensal é 5 euros. É uma associação que deve tratar de integração aqui em Portugal. Temos vários associados que já construíram...têm família aqui, mulher, tem filhos aqui.... Tem principalmente muitos que moram ali para a zona do Vale de Amoreira, do outro lado do rio. O nosso presidente inclusive mora naquele lado. Até naquele dia que eu o vi na televisão o gajo estava numa reunião com o presidente do ACIME. »*

Há um certo reconhecimento, nas palavras de Gastão, do estatuto social do presidente, enquanto líder político desta associação. Podemos identificar a importância projectada através da relação com outra figura pública, o presidente do ACIME. Outro dos factos mencionados por Gastão foi a festa anual desta associação que decorre em Agosto. Gastão descreve-a como uma festa de grandes dimensões, onde se juntam muitas pessoas originárias da Guiné-Bissau e onde participam alguns funcionários do ACIME e o Presidente da Câmara da localidade. A associação convidou alguns membros da embaixada, mas ninguém compareceu. Este tipo de práticas, no qual estão engajados os sujeitos durante o processo migratório, mostra que há formas de ligações e obrigações contínuas a localidades dentro do Estado-Nação em que se inscrevem. O envolvimento neste tipo de associações é representativo das ligações diaspóricas, descritas por Inda e Rosaldo. Os migrantes contemporâneos, ao envolverem-se em teias de laços culturais, políticos e económicos abrangem múltiplos terrenos nacionais (Inda e Rosaldo 2002: 28). Desta forma, durante o presente migratório, os sujeitos criam expectativas, tomam acções, envolvem-se em projectos que, de certa forma, influenciam a construção de um Estado-Nação desterritorializado, dentro de um campo político transnacional.

#### *Capítulo IV*

#### ***Segurar atrás***

Neste capítulo analiso, num primeiro momento, o cálculo quotidiano dos sujeitos sobre os seus rendimentos, despesas e as remessas para enviar aos familiares e como, inúmeras vezes, se sentem condicionados pela obrigação de auxiliar os familiares que permanecem *atrás*. Depois imergimos nos universos familiares dos sujeitos de forma a percebermos as suas estruturas familiares concretas

## O cálculo quotidiano e as relações familiares

No último encontro com Gastão esclareço algumas das relações familiares que não entendi ao transcrever as entrevistas. Gastão mostra-se interessado nas explicações dos enredos genealógicos e a conversa flui tomando várias direcções. Enquanto elucida as minhas dúvidas refere quais os familiares auxiliados de forma mais regular, embora estas ajudas se estendam a outros sujeitos. Nesse momento há um silêncio breve. Gastão inquieta-se, move-se de forma brusca na cadeira e desabafa o facto de, ultimamente, pensar em mudar de número de telemóvel para limitar as solicitações. «*Os gajos telefonam a qualquer hora, pensam que uma pessoa não precisa de descansar*». Gastão refere um caso particular. Desde há uns tempos, certos familiares da sua esposa pedem-lhe dinheiro de forma insistente. «*Não se consegue ajudar todos ao mesmo tempo, ou manda dinheiro para um e só depois pode mandar para outro*». A inquietude de Gastão reflecte a experiência da obrigação filial e a impossibilidade de responder a todas as demandas. O confronto quotidiano com uma série de solicitações leva-o a questionar a assistência a certos parentes, argumentando com a invisibilidade da sua experiência migratória, ou seja, com o facto dos condicionalismos e dificuldades a que está sujeito não serem visíveis para os que permanecem atrás. «*Se fosse como aqui, só tens pai, mãe e filhos e mais nada, não tens que ajudar a todos, porque eles nem imaginam o esforço que um gajo anda cá a fazer*». Outro entendimento tácito sobre as palavras de Gastão é a disposição calculadora (Bourdieu, 2000) que orienta as suas práticas quotidianas na sociedade de acolhimento, tal como a de outros transmigrantes. É o próprio Gastão quem me fala do *belan*, a equação quotidiana dos rendimentos, despesas e remessas a enviar à família. O *belan* submete-se a diferentes variáveis inscritas em espaços e tempos diversos, como a gestão da estabilidade e instabilidade laboral, diferentes necessidades de poupança, o alojamento, que se interseccionam com os pedidos de auxílio mais esporádico, o envio de dinheiro mensal para os familiares mais próximos como a esposa e filhos, épocas de maiores despesas, etc., disposições calculadas no quotidiano dos indivíduos equacionadas perante condições económicas e sociais de possibilidade e impossibilidade (Bourdieu, 2000:20). N'Duba, por exemplo, quando volta à Guiné por três meses teve uma série de encargos e despesas a suportar. Este migrante prepara a viagem vários meses antes. Compra antecipadamente os diferentes bens que deseja levar, paga a viagem a prestações, envia menos dinheiro à sua esposa e durante a permanência na Guiné e é Zinha, a sua irmã migrada em Lisboa,

quem se encarrega das despesas da sua estadia. Perante condições de impossibilidade N'Duba acciona mecanismos de entreajuda intrafamiliar possíveis devido à condição migrante da sua irmã.

Retomemos a interpretação dos motivos da inquietude de Gastão. A sua inquietude é gerada pela impossibilidade concreta de accionar os mecanismos de ajuda necessários face aos pedidos dos seus familiares, naquele caso parentes directos da sua esposa; esta inquietude é também reflexo da consciência do sujeito do dever de entreajuda dentro das redes familiares. A inquietude corporal de Gastão é representada nas palavras de N'Duba por um sentimento de frustração. *«A maioria dos imigrantes frustram em pensamentos. Não é que não estamos a ter dinheiro, porque o nosso dinheiro fica aqui na Europa, pois de hoje a uma semana esse dinheiro acaba. E a família está a ligar. “Eu quero isto, manda-me assim...”. Tu não pode ter dinheiro e um familiar estar a passar mal. Por isso um imigrante acaba por arriscar, e não consegue resolver o problema dele.»*. Por um lado, a atitude calculadora necessária no processo migratório, de forma a fazer face aos constrangimentos das condições sociais e económicas presentes; por outro, esta atitude contraria os sentidos de obrigação dentro da esfera familiar, pois a moralidade que rege as relações familiares parece estar afastada do motivo de lucro (Schiller e Fournon, 2001:77), embora contenha a sua própria dinâmica de cálculo. Bourdieu analisa os desfasamento entre disposições de cálculo dentro das relações familiares em sociedades “pré-capitalistas” e o cálculo obedecendo a um principio económico de aptidão e propensão para economizar.

*Submeter todos os comportamentos da existência à razão calculadora, como quer a economia, é romper com a lógica da “philia”, de que falava Aristóteles, quer dizer da boa fé, da confiança e da equidade, que deve reger as relações entre parentes e que repousa sobre o recalçamento ou, melhor sobre a denegação do cálculo.* (Bourdieu, 2000:19)

Embora as noções de confiança e equidade de Bourdieu, neste caso, possam reduzir interpretações sobre relações de desigualdade existentes dentro dos sistemas familiares (Yanagisako, 1979:193), são estes os sentidos que parecem conduzir os deveres de solidariedade entre os membros de um grupo familiar. Gastão explica não conseguir auxiliar todos ao mesmo tempo. Desta forma, este sujeito não recusa directamente a assistência a estes familiares. Mas a pressão de auxílio constante limita as práticas dos transmigrantes de economizar para aspirações pessoais e futuras. A observação de Gastão sobre as condições de possibilidade existentes nas estruturas familiares nucleares da sociedade de acolhimento, ou o *«Por isso um imigrante acaba por arriscar e não*

*consegue resolver o problema dele»* comentado por N´Duba, reflectem as limitações sentidas pelos sujeitos no que concerne à realização e execução de projectos pessoais. Para N´Duba este problema de responsabilidade interminável perante os familiares que permanecem atrás seria solucionado através da vinda da sua esposa e filhos. «*Se Helena viesse pode ganhar pouco, mas ao menos ajudava a pagar as despesas ou outra coisa e assim também estava comigo»*. A sua vinda significaria mais uma forma de rendimento, mas também o aumento de despesas, como o alojamento, as despesas escolares, de alimentação, etc., e conduziria ao afastamento da esposa das redes familiares mais próximas e da sua função directa de prestar apoio material aos parentes. O aparente paradoxo discursivo de N´Duba de, por um lado, desejar o agrupamento familiar e, por outro, mencionar a obrigação de assistir os familiares que permanecem na Guiné, transparece a justaposição muitas vezes sentida entre a necessidade de ajustar as suas vidas às exigências quotidianas e as implicações morais tecidas nas relações familiares.

### **Histórias pessoais: imersão dos sujeitos em redes familiares**

*N´Duba* tinha treze anos quando o seu pai faleceu. Nessa época vivia na casa de familiares em Bissau, enquanto estudava num dos liceus da cidade. Esta morte força N´Duba a abandonar a escola e voltar à morança<sup>29</sup> da família, em Cumura, Prábis, a oeste de Bissau. «*Quando o meu pai faleceu tive que voltar para tabanca ajudar a minha mãe porque não posso abandonar a minha mãe. A minha mãe não tinha ninguém para a segurar...*» A responsabilidade de N´Duba perante a sua unidade doméstica é acrescida, em relação à dos seus irmãos, devido ao seu estatuto de filho homem mais velho. Os direitos de residência desta unidade familiar ocorrem por via masculina. Todas as irmãs de N´Duba casadas passam a viver com o grupo familiar do marido. Este facto reflecte um padrão virilocal de residência pós-marital. «*As filhas não têm direito à casa do pai, quando estão à porta do casamento. Se não está casada depende do pai. E se a mulher estiver a passar mal tem a porta aberta para voltar*». A

---

<sup>29</sup> Segundo Clara de Carvalho as moranças «são unidades sociais onde coexistem direitos de residência herdados por via patrilinear ou matrilinear (...) Todas as casas representam, por seu lado, uma organização económica e produtiva e, por outro lado, a ligação a antepassados e um pólo de identificação dos seus habitantes» (Carvalho, 1998:102). Lorenço-Lindell, por seu turno, descreve a morança (“Compound”) como grupos residenciais e cooperativos baseados na linhagem dos seus membros com chefe comum, cuja autoridade é reconhecida por todos os membros. Dentro destes grupos há uma hierarquia social que corresponde a um conjunto de deveres e direitos institucionalizados. (Lorenço-Lindell, 2002: 188)

permeabilidade desta prática é visível no último comentário de N'Duba, pois se o casamento da mulher não correr bem, ela pode sempre voltar à sua estrutura familiar directa.

A morte do pai de N'Duba é marcante no processo de incorporação do seu estatuto de futuro chefe da morança. A ruptura com a escola, o regresso à participação nas actividades produtivas da morança, ou seja, a agricultura de plantação e o facto de anos mais tarde trabalhar em regime de assalariado de forma a prover um rendimento fixo externo às actividades produtivas da morança são experiências narradas por N'Duba significativas no seu posicionamento dentro da unidade familiar. Mas N'Duba está ciente de não ter atingido todavia esta posição, pois ainda não passou todas as fases do seu estatuto de homem adulto.

*Eu estou circuncidado, eles... no tempo passado utilizavam esses métodos muito feios, mas agora um miúdo de 14, 15 anos já pode fazer no hospital (...). Eu já fui, mas eu tenho que ir fazer o uso, ir lá e fazer aquela cerimónia, Eles fazem aquela cerimónia para poder ser já um homem completo, para poder fazer todas as cerimónias de acordo com lei de terra, que é a lei tradicional. Se tu não foste nesse sitio, fazer esse uso, tu podes ser uma pessoa grandiosa, que na fase de adolescência foi circuncidado no hospital ou por outra etnia, mas eles não te tomam em conta como uma pessoa de respeito, continuas a ser ignorado por algumas partes, pois não fizeste essa cerimónia grande de morança. Morança é tabanca. Assim é que são essas coisas na nossa etnia, é bom! Vais receber outro conselho, já é a mudança de fase, para outra fase da adolescência. (...) Eu não tenho ainda aquela fase de tabanca. Não recebi ainda aquele conselho dos velhos da tabanca. (...) Eu tenho um dia que segurar a morança! Não quer dizer que eu tenho força de fazer tudo, mas é preferível porque o meu pai ele é que fundou aquela morança e tem que ter uma pessoa para continuar aquela morança para não...em crioulo diz? Para não “capajigar”, para não espalhar não é? Porque uma coisa que está tipo monte e se não tem quem vai segurar esse monte, que é tipo areia, o vento acaba por levar tudo e fica sem nada, assim é que é, está a ver? Não sei mais tarde se eu, N'Duba o teu amigo, tem que voltar e ir na tabanca e cumprir aquela ordem de tabanca, o respeito de minha etnia...*

Neste sentido, o sujeito projecta na sua trajectória pessoal a carga de um posição que irá herdar e nas suas descrições é a figura da mãe uma das responsáveis pelas decisões e orientações da morança. N'Duba descreve a mãe como uma pessoa muito conhecida na região. Parte deste reconhecimento surge das suas práticas de curandeira, pois muitas pessoas deslocam-se até à sua morança para serem tratadas. «A minha mãe é uma pessoa muito simpática, ela é conhecida em toda a região de Prábis, seja manjaco, seja fula...ela também era do Comité de Tabanca». Durante o período da pós-independência foram estabelecidos estes Comités de Tabanca, um sistema regional administrativo que fortalece as próprias instituições a nível local através deste processo

de localização (Forrest, 1987: 110). Segundo Forrest, estas formas de governância estão muitas vezes ligadas a formas tradicionais de poder; com o decorrer do tempo estas organizações foram ficando mais afastadas do poder central do Estado. A mãe de N'Duba ocupava o cargo de bacateira «...como para vocês é ser presidente de tribunal daquela secção. Quando uma pessoa tem problema vem fazer justiça. O meu irmão<sup>30</sup> que faleceu também era do Comité. Toda a pessoa vinha fazer justiça na casa de meu pai, pessoas da tabanca toda» N'Duba alude à reputação e prestígio local da sua mãe. Apresenta a sua participação anterior no Comité de Tabanca e a sua prática enquanto curandeira como estatutos privilegiados dentro de sistemas de prestígio social local. A mãe de N'Duba faz parte do movimento religioso balanta, Kiyang-yang, mencionado no capítulo anterior. Dificilmente poderia desenvolver aqui uma interpretação aprofundada sobre a prática religiosa da mãe de N'Duba dada a impossibilidade de realizar uma etnografia multisituada. N'Duba é muito reservado nas descrições sobre as experiências relacionadas com a sua prática religiosa. «Como minha mãe eu procuro a sabedoria da cura e adivinhação». Este sujeito desde muito cedo observa e interioriza os sentidos e significados das práticas rituais de sua mãe. A sua iniciação anterior à experiência migratória, a continuidade das prescrições cerimoniais iniciáticas durante o regresso após oito anos de ausência reflectem uma dinâmica processual de aquisição, desenvolvimento e inscrição corporal destas práticas rituais e sociais que, simultaneamente, são constituintes de uma posição identitária deste sujeito. «Eu nasci num sítio de reino, a minha mãe é chefe! Eu tenho há muito tempo sonho de um dia vir a chefiar pessoas».

Na morança de N'Duba vive a sua esposa, respectivos filhos, a mãe e três crianças que esta acolheu, para além dos seus dois irmãos homens e respectivas esposas (ver anexo I) e a sua madrasa<sup>31</sup>. «Sabe que africano vive em comum, tem lá a minha mãe, minha mulher, minha madrasa, tudo...» Quatro mulheres, esposas do seu falecido primo-irmão, viveram em tempos com os seus filhos na morança. Apenas resta N'Sabá, mãe de Carlitos Fanda N'Baná, estudante de Direito em Bissau. Durante o regresso à Guiné-Bissau os familiares de N'Duba querem que este case com Quinta, a esposa mais jovem de seu primo. Quinta vive actualmente na zona de Bula, localidade de onde é

---

<sup>30</sup> Este irmão é filho do irmão mais velho do pai de N'Duba. O termo de irmão é utilizado num sentido classificatório, de pertença ao mesmo grupo de idade.

<sup>31</sup> Madrasa é o termo usado por N'Duba para denominar as esposas dos familiares falecidos que vivem na morança. Neste caso é a esposa do irmão mais velho do pai de N'Duba com a qual este último teve duas filhas, ambas casadas e ausentes da estrutura domestica.



originário o pai e a mãe de N'Duba e onde estão estabelecidos outros familiares desta unidade familiar. N'Duba recusa esta proposta, argumentando não ter possibilidade económicas de suportar mais uma esposa. Este sujeito confessa saber que Helena, a sua esposa, iria ficar muito triste com a situação. Na época do seu pai apenas existia uma casa dentro da morança. *«Eu tive que construir três casas, e tenciono também fazer o meu projecto, construir uma casa porque eu em 2000 já comprei terreno de 500m<sup>2</sup> junto da morança. Quero pôr telhado de zinco em todas as casas»*. Nesta morança existem ainda três cozinhas. Dentro deste aglomerado residencial parece existir uma distinção entre os diferentes grupos domésticos, simbolizada através da preparação dos alimentos em diferentes espaços. Mais uma vez o entrave da impossibilidade de uma etnografia multisituada, pois estas divisões de espaços dentro de um aglomerado residencial de pessoas que partilham laços de parentesco serão palco de relações de cooperação entre os diferentes grupos domésticos, mas também de conflito apenas observáveis localmente.

Uma única situação de conflito entre as pessoas da morança, descrita por N'Duba, é relativa às terras de cultivo. Relembremos que os membros desta morança se dedicam à agricultura de plantação<sup>32</sup>, cujos principais produtos são o arroz e o amendoim. Helena, por exemplo, desloca-se a Bissau vários dias durante a semana para vender alguns dos alimentos da sua produção. Neste sentido, a produção não é colectiva e os problemas surgem pela divisão dos terrenos. *«Eu fiz a coisa como os brancos fazem aqui. Dividi tudo bem dividido, teve reunião colectiva e deixámos tudo escrito em acta. Também deixei um pedaço chão para quem vier a nascer. Terreno fica lá para quem tiver mais força»*. N'Duba não deixa transparecer se a distribuição interna dos recursos gera algumas desvantagens para certos sujeitos em relação a outros, ou se as suas decisões são conduzidas sob uma atitude autoritária de forma a imperar a sua opinião. Embora N'Duba não tenha ainda recebido, como ele próprio diz, os conselhos do grupo de anciãos da tabanca, o seu estatuto de homem adulto, futuro titular da morança e possivelmente a sua posição de único sujeito migrante, distribuidor de recursos dentro deste agregado doméstico, conferem a N'Duba uma posição de autoridade, decisão e controle perante os assuntos familiares, confirmado e legitimado colectivamente em diversos momentos, como no processo anteriormente descrito. Entretanto N'Duba

---

<sup>32</sup> Alguns filhos das madrasas da morança estudam em Bissau. Normalmente quando algum membro se desloca para estudar em Bissau é apoiado por redes familiares que vivem na cidade.

nomeou Carlitos N'Baná, o seu primo-irmão estudante de Direito em Bissau, para ser o responsável das questões dentro da morança enquanto ele está ausente.

*Gastão* nasce em Sidina, «*uma tabanca com manjacos e balantas*», em S.Domingos, norte da Guiné-Bissau. A sua esposa e os seus filhos vivem actualmente em Bissau. Este centro urbano marca profundamente a trajectória pessoal deste indivíduo. Gastão desloca-se para esta cidade quando inicia o liceu e permanece até à conclusão do 11º ano. Durante este período Gastão vive em casa de Henrique Pereira de Carvalho, um filho de um primo da sua mãe «*Depois aqui fiquei na casa daquele primo. Como ele já andou na escola, quem passou na escola percebe...este indivíduo tem que ser alfabetizado! Para compra de material não há dificuldade, paga matricula, paga as propinas e tudo! Sou bem servido ali porque estou a dar também resultado. Todos os anos eu passo, ele ficava muito alegre comigo*». Há uma relação entre dever e sentimento nas palavras de Gastão, o dever de ser bem sucedido na sua trajectória escolar e a apreciação dessa experiência, valorizada enquanto estratégia e investimento familiar de possível mobilidade social, confirmada no estatuto privilegiado de Henrique, um funcionário bem sucedido dos correios nacionais da Guiné-Bissau, segundo as palavras de Gastão. Neste contexto Henrique preenche as funções materiais, é entendido como um actor privilegiado dentro da estrutura de parentesco vasta, neste caso, a rede familiar da mãe de Gastão. As descrições da relação com este indivíduo são investidas de bastante carga afectiva. «*Ele tratava-me muito bem, tava sempre preocupado comigo, perguntava se tudo está a correr bem, levava-me ao futebol...*». O período de convivência quotidiana é bastante extenso e talvez Gastão projecte nesta figura masculina alguma compensação emocional pela ausência do seu pai. «*Eu sou o..., em crioulo nós dizemos koda, o último que o pai deixou na vida. Quando meu pai morre eu ainda andava de quatro patas, nem tenho uma fotografia, tudo ardeu quando pegou fogo a casa.*».

Gastão casa no final do seu liceu. Conhece Elise em Dacar enquanto passava férias em casa de familiares. Estes dois sujeitos não são familiares consanguíneos. Elise, também de etnia manjaco, é filha da irmã da esposa de um irmão mais novo do seu pai. «*Quando caso estou a estudar em Bissau e a minha esposa fica a cuidar da minha mãe. Nas férias vou para lá, depois volto para o meu serviço, Depois de fazer aquele 11º ano em 85, leccionei em Bassarel, mas muito distante da tabanca onde nasci. Depois pedi transferência. Fui trabalhar onde nasci. Já estou com a minha mãe e com a minha*

*esposa. Depois transferi para Bissau. Quando estava a trabalhar em Bissau a minha mãe me diz “leva a sua esposa para a cidade para ficar com você”. Eu disse “você já está velha tenho que deixar a minha esposa a cuidar de si”». Em 1995 a mãe de Gastão morre. «Depois dela falecer eu já levei a minha esposa para Bissau, já formamos ali a família. Estou a viver juntamente com minha esposa». Gastão, a sua esposa e filhos regressam à tabanca durante o conflito armado de 1998. Após restabelecida a paz esta unidade doméstica nuclear regressa a Bissau procurando ajustar de novo os seus quotidianos às actividades anteriormente exercidas.*

Retomemos alguns factos que possam escapar à interpretação. As férias passadas na casa de familiares em Dacar reflectem as migrações internas da estrutura familiar de Gastão. Como podemos observar no anexo II, o pai de Gastão pratica a poligamia. Este sujeito, Vicente Correia, teve duas esposas, Atina e Tá Vaz. A mãe de Gastão, Tá Vaz, teve 5 filhos, três homens, o mais velho já faleceu, Gastão e um outro, David, que vive actualmente em Sidina, juntamente com a sua esposa e filhos. David vivia em Dacar, mas regressa para assumir as responsabilidades sociais e rituais da morança deixadas pelo seu antecessor, o seu pai, respeitando a regra de senioridade dentro do grupo de irmãos (Carvalho, 1998: 163). Dentro desta unidade social, a morança, os direitos de herança e residência ocorrem por via patrilinear. Neste sentido, podemos observar como as duas irmãs de pai e mãe se deslocam para a estrutura doméstica dos seus maridos após o casamento. Tomácia vive em Susana, uma localidade da secção de S.Domingos e Marlem em Ziguinchor, Senegal. A outra irmã de pai estabeleceu-se em Dacar, como os dois filhos homens deste outro casamento, falecidos há não muito tempo. Actualmente dois dos filhos de um destes irmãos, Claudino Correia, vivem na Mauritânia e os outros dois em Dacar, o único filho de Djonbico Correia vive em Dacar. Dificilmente poderia localizar os processos sociais e motivações que geram as migrações familiares, apenas podemos perceber como este fenómeno molda a vivência desta estrutura familiar e a relação com esta localidade. *«Hoje tem reunião, vão reunir hoje em Dacar, para preparar cerimónia dos meus dois irmãos que faleceram (...). Em principio tenho que realizar um Tocachoro dos meus irmãos que faleceram. Um pessoa morre, é enterrada, depois organizam e preparam um dia para fazer a cerimónia desse indivíduo. Fazem a cerimónia, já é tipo uma festa, mas é obrigatório fazer. Se não fizer há uma coisa que não está feita. Todos os familiares têm que vir assistir à cerimónia na tabanca».* Sidina

é a localidade de encontro desta rede de parentesco extensa<sup>33</sup>. A morança destes sujeitos já não representará a base de organização económica e produtiva de outrora. Os residentes da morança são o irmão de Gastão, Daniel, a sua esposa e filhos, os filhos do irmão de pai e mãe falecido e a sua esposa, além da madrasa de Gastão, Atina. Esta unidade doméstica dedica-se, como a morança de N'Duba, à agricultura de plantação. Os restantes descendentes vivem espalhados em diferentes locais, sendo o local mais representativo o centro urbano de Dacar, local onde desenvolvem as suas actividades económicas. Não obstante, a tabanca continua a ser o pólo de identificação para estes sujeitos dispersos por diversos espaços. A reunião em Dacar de preparação do ritual fúnebre, o Toca Choro, pode ser interpretada como uma forma de experiência que conecta estas pessoas dispersas ao lugar; o lugar como espaço de contextualização da história familiar e cujas motivações para a participação na reunião estão relacionadas com as obrigações familiares tecidas dentro do sistema linhagístico, mas também com a identificação familiar muitas vezes vocalizada, legitimada e incorporada durante a participação neste tipo de rituais. Clara Carvalho refere como a preocupação ritual central da emigração são os ritos fúnebres. Estes ritos figuram como uma passagem essencial para o estatuto de antepassado, realizável apenas no local de origem falecido reinserindo-o, de certa forma, no seu grupo de filiação (Carvalho, 1998:212). Assim, a participação nestes rituais reitera a continuidade da morança, através do reencontro dos seus descendentes, os actuais ocupantes e entre os vivos e mortos, expresso nestas actualizações rituais.

O entendimento desta estrutura familiar tende a circunscrever a análise filial apenas a este grupo de descendência organizado patrilinearmente. Por outro lado, relação de Gastão com Henrique, o homem que o acolhe em Bissau, alarga o entendimento das concepções pessoais de parentesco do próprio sujeito. Segundo Gastão, ele tem as mesmas obrigações perante a unidade doméstica deste sujeito, que perante a filiação patrilinear. *«Como ele já faleceu, por exemplo, um filho dele que está na Guiné é minha responsabilidade integrar esse filho também. Tenho que recompensar aquilo que o seu pai me fez. Essa é a obrigação dos africanos»*. As palavras de Gastão parecem transparecer uma obrigação de reciprocidade generalizada, ou seja, as trocas mantidas por estes laços familiares têm uma expectativa de retribuição da assistência

---

<sup>33</sup> Limitei o esboço da estrutura de parentesco à geração dos irmãos de Gastão. Todos os seus irmãos têm filhos, alguns dos quais quase da mesma idade de Gastão, pois o nosso sujeito é o mais novo e muitas vezes dentro dos grupos poligâmicos as diferenças de idade entre irmãos de pai é muito grande.

prestada estendida por um longo período (Lourenço-Lindell, 2002:173). A extensão temporal da contraprestação poderá ser considerada pelos sentimentos de afeição projectados nesta relação e por sentidos de obrigação de assistir esta esfera familiar, deixando transparecer a própria elasticidade das concepções pessoais de parentesco.

*João* é primo de Gastão porque «nas famílias africanas há sempre a família dos mais velhos e a família dos mais novos», ou seja, na verdade João é primo do pai de Gastão, sendo este último filho de um irmão do pai de João. João e Gastão consideram-se primos directos pois pertencem ao mesmo grupo etário dentro da mesma grande família. Alguns factos faltam mencionar. João e Gastão partilham o mesmo avô fugitivo do poder do régulo de Bachil. Este indivíduo desloca-se da região de Cacheu para S.Domingos onde funda, em Sidina, a sua própria morança, «em manjaco diz “kató”, que quer dizer casa». Muitos dos descendentes desta primeira morança, fundam a sua própria casa distribuindo-se entre diferentes aldeias muito próximas de Sidina, como Gonde e Bangonbecan. João nasce em Bangonbecan. Algumas destas casas continuam a identificar-se como linhagem ou grupo de descendência por via agnática do primeiro migrante, o avô fugitivo, que se estabelece no actual território. Estes diferentes grupos domésticos partilham uma identificação comum representada pela história do avô, veículo da relação tutelar ao território (cf. Carvalho, 1998:165). Partilham também obrigações, como a de participação nas celebrações importantes realizadas em cada morança, pois «todos têm de participar e vêm de diferentes lugares». Dificilmente poderia estender estas interpretações. As observações baseiam-se em explicações narradas pelos dois transmigrantes. Não obstante, ambos os sujeitos descrevem as relações entre as duas estruturas familiares como muito próximas, visíveis nos significados de atribuição classificatória da sua relação de parentesco. Clara Carvalho descreve como as concepções de classes de idade incluem os diferentes grupos de pares em sistemas de valores e gestos comunitários, como as obrigações de entreatajuda, cerimónias de iniciação, participação em trabalhos colectivos, etc., integrados numa representação de uma hierarquia geroncrática presente no interior das moranças. «Nós vivemos em conjunto! O teu pai vai coordenar, vai ver como tu te comportas, porque tu és novo e tens que manter a calma e o bom comportamento com os demais. Porque há poligamia e às vezes tu chegas num determinado sitio e tem mais de dez pessoas, irmãos, primos, tantos primos que diz que nós somos irmãos, não tem que haver distinção, nós temos que ter as mesmas igualdades.». João retrata o controle e

obrigação de submissão às ordens do pai como um aspecto presente na organização da unidade doméstica. Esta representação da hierarquia gerontocrática fora já introduzida pelo actor na sua distinção entre os dois tipos de família, a família dos mais velhos e dos mais novos. Mas talvez seja interessante notar como a irmandade entre pares referida por João, regida por um ideal de igualdade, parece contrabalançar as diferenças dentro da hierarquia da morança.

João e Gastão partilham muitas histórias comuns, como o exílio das suas famílias no Senegal, a escola primária no Semi-Internato do Sedengal ou a deslocação para Bissau para estudar no liceu. Quando João estuda em Bissau permanece em casa de uma irmã da sua mãe. Durante as férias João desloca-se à tabanca para participar nas actividades agrícolas *«Eu faço tudo, subo às arvores para apanhar fruta, planto, faço vinho de palma...»* A experiência de viver em casa da tia não é muito positiva, pois, segundo João, o marido desta mulher tratava-o muito mal. João suporta esta situação durante dois anos quando finalmente consegue viver na casa da sua irmã mais velha, casada em Bissau, cujo marido e filhos não conhece devido ao período de ausência no Senegal. João não fica muito tempo em casa desta irmã. As dificuldades económicas experienciadas pela família na altura obrigam-no a abandonar a escola e a regressar a Bangonbecan. *«Com o decorrer do tempo, com a carência da vida em Bissau, a situação tornava-se cada vez mais pior, não havia mais maneira de sobreviver e andar na escola. Tive que não continuar na escola. Fiquei no 6º ano. Uma pessoa não pode ficar parada, ao mesmo tempo o salário na Guiné até à fase actual é muito rudimentar e nós somos nascidos numa família tão vasta.»* Durante esta época o irmão mais velho de João vivia já no Senegal. Quando era mais jovem este irmão passa férias na casa de um irmão da mãe de João e aprende com este a profissão de alfaiate. Este irmão da mãe é um sujeito muito apreciado por João, pois é o primeiro na família a conseguir *filtrar* para França e a levar mais tarde a sua família para este território europeu. O irmão de João exerce, todavia, a profissão de alfaiate em França. Consegue migrar em meados dos anos 80, mas antes desta experiência estivera a trabalhar na Costa do Marfim, num barco mercante. João, por seu turno, poucos anos depois do regresso à tabanca, retorna à casa da irmã em Bissau. Nesta cidade exerce diversas actividades como a de pintor, levantamentos da população para uma ONG Internacional, comércio transfronteiriço entre a Guiné, Gâmbia e Senegal, chegando mesmo a migrar para Mauritânia.

*«Eu já foi emigrado em 87 na Mauritânia. Eu fazia a pintura. Em Mauritânia estava lá há um ano e tal, mas havia o conflito entre Senegal e Mauritânia. Fiquei lá bloqueado*

*até que consegui ir para Dakar. Depois dos conflitos, regressei à Mauritânia. Os meus irmãos disseram-me para regressar porque a terra não tinha ainda estabilidade. Para regressar, naquela altura era 89, tinha que ter dinheiro. O meu irmão enviou-me, mas o meu cunhado conseguiu comer o dinheiro todo. Como é o sistema tradicional entre nós, os manjacos, os parentes mais velhos disseram-me para deixar estar aquele dinheiro. Deixei estar e depois o meu irmão enviou-me mais dinheiro. Eu estava à um ano e tal em Dakar, um ano e tal..., fiz uns negócios com o meu irmão mais novo que está ainda no Senegal - eu estou a tentar mandar vir cá -, mas depois um carro atropelou os seus dois filhos e morreram ao mesmo tempo».*

No relato deste transmigrante podemos perceber como João, nesta época, depende da redistribuição de recursos que ocorrem dentro da unidade familiar para assegurar a sua segurança material. O episódio do seu cunhado descreve uma tensão gerada em torno da redistribuição. Este indivíduo, membro da rede familiar, usufrui de forma plena os recursos e as acções deixam um outro membro em desvantagem e numa situação subordinada, dependente do desenrolar dos acontecimentos. Embora João expresse uma vontade de confrontar o outro sujeito perante a situação, a ordem inter-geracional a que está sujeito condiciona as suas acções. João menciona os conselhos dados por parentes mais velhos que intervêm no processo, cujas opiniões ou decisões são acatadas. Embora estes sujeitos não sejam os distribuidores do capital económico, dado que é o irmão migrante, eles figurem como actores privilegiados dentro da estrutura familiar extensa, privilegio este demarcado pela sua senioridade.

Na morança de João em Bangonbecan vivem, actualmente, apenas mulheres. Duas esposas de um irmão mais velho de pai e mãe, uma esposa de um irmão de seu pai que este “herdou”<sup>34</sup> e a sua mãe. «*O meu irmão que vive em França construiu uma casa com 10 quartos*». Este quadro de residência feminina para além de ser um reflexo da intensa migração no seio desta estrutura familiar, retrata a posição de dependência de certas mulheres, como as esposas do irmão falecido, dentro dos domínios domésticos, pois são dependentes do parentesco masculino para aceder a meios de produção de alimento (Lorenço-Lindell-, 2002:198). As regras de herança destituem as mulheres de qualquer direito, como o direito à terra, etc.. A sua subsistência é garantida pela reconhecida obrigação moral do parentesco do marido ser o responsável pela assistência material destas mulheres. João, por exemplo, envia todos os meses algum dinheiro para a morança, tal como os seus irmãos migrados. Os restantes membros desta unidade familiar vivem em outros locais. Os descendentes dos irmãos falecidos vivem em

---

<sup>34</sup> Esta prática de herdar as mulheres viúvas dos irmãos é normalmente classificada como levirato (Goody, 1976:83)

Dacar, como os irmãos de pai (ver anexo III) e os dois irmãos de pai e mãe são os sujeitos migrantes em França e E.U.A. Mais uma vez a morança torna-se o espaço simbólico de representação familiar para indivíduos espalhados por diferentes locais.

### «Segurar atrás»

Os factos de os três sujeitos ocuparem diferentes posições dentro das estruturas familiares alargadas, reflecte-se nas obrigações diversas que cada um deles afirma ter para com os que ficaram atrás. N´Duba é o irmão mais velho dentro de uma unidade doméstica que se constitui como um grupo residencial. N´Duba estende a apresentação da sua estrutura familiar às suas irmãs, uma migrada em Lisboa e as outras a viver com os seus maridos. Mas a obrigação de assistir os familiares é localizada, ou seja, a sua obrigação está vinculada à morança familiar e aos membros aí residentes que se dedicam à agricultura de plantação como principal fonte de rendimento. As remessas de N´Duba assistem, de forma continuada, os diferentes membros da morança, embora Zinha, a irmã migrada em Lisboa também contribua para a economia familiar. O envio de remessas destina-se também ao investimento escolar dos seus membros. N´Duba suporta as despesas escolares de Carlitos N´Bana, estudante de Direito em Bissau, para além de pagar a escola primária privada dos seus filhos. As percepções de N´Duba sobre a obrigação de auxiliar os familiares são inscritas num campo de identidade, de como este sujeito se define enquanto homem, membro de uma família alargada «*Eu sou hoje homem, tenho 39 anos, vou fazer 40, eu devo assumir a minha responsabilidade, porque sabe africano vive em comum!*». Este sujeito define a sua posição dentro da análise da sua estrutura familiar, através do modelo hegemónico de masculinidade. N´Duba sabe que não acedeu ainda ao estatuto de *homem completo*, ainda não passou pelos conselhos da tabanca, mas as suas reflexões sobre a sua identidade pessoal e sobre as suas acções incluem o entendimento dos sistemas de práticas que representam esta posição.

As estruturas familiares de João e Gastão são marcadas pela migração dos seus membros para centros urbanos. Pelas descrições destes dois sujeitos percebemos como estes novos cidadãos, embora afastados do seu meio de origem, tecem laços orgânicos entre os dois pólos, entre a sua vida na cidade e as obrigações linhagísticas que os ligam ao lugar de origem. Estas estruturas familiares parecem constituir-se como redes sociais



de vasto alcance geográfico e a mobilidade dos seus membros alarga os seus campos de possibilidade. Pensemos na trajectória escolar de Gastão e como durante este tempo foi assistido por um primo da mãe. A mãe de Gastão accionou um sistema de apoio dentro da rede familiar extensa de forma a alargar a oportunidade da continuação da trajectória escolar do seu filho. Gastão, por seu turno, reconhece esta forma de assistência prestada e é através dela que inúmeras vezes retrata a obrigação de auxiliar outros parentes «*Eu agora também tenho em casa as filhas de um primo meu que estudam no liceu em Bissau, eu também fui ajudado para continuar a estudar. É assim, africano tem que ajudar uns aos outros!*». Gastão ocupa uma diferente posição no interior da estrutura familiar alargada. Gastão é o irmão homem mais novo e é David, o mais velho, que assume as responsabilidades de *segurar* a morança da família. No entanto, Gastão envia dinheiro de forma regular aos filhos dos seus irmãos falecidos e estenda a assistência aos seus outros sobrinhos, filhos das suas irmãs. Tal como N'Duba e João, estes indivíduos estão inseridos em estruturas familiares patrilineares (que decorrem das relações sociais tecidas no interior da morança), os direitos de herança traduzem uma lógica linhagística patrilinear, mas as formas de assistência estendem-se também aos membros femininos, pois as condições económicas e políticas espoletam formas de auxílio que escapam a esta lógica linhagística.

João partilha, com os seus outros dois irmãos de pai e mãe, a responsabilidade de auxiliar os diferentes membros da sua estrutura familiar. Os sentidos de obrigação perante os familiares não é descrito através do seu posicionamento dentro da estrutura familiar, João não é o irmão mais velho, mas sim através da situação de migrante. João partilha com os seus irmãos migrados a obrigação de fornecer capital económico, não só aos familiares residentes na tabanca de origem, mas a diferentes parentes a viver em contexto urbano. João explica «*(...) eu tenho a dívida em mim por mim próprio*», para descrever como auxilia uma irmã residente em Dacar, viúva e com seis filhos a cargo. O seu estatuto de irmão homem migrado obriga ao processamento de formas de assistência contínuas à vasta rede familiar, mas também cria graus de diferenciação dentro das redes familiares, como descreve João através das afirmações de um irmão de pai, que se queixa por ainda não o terem ajudado a migrar, justificando que estes três irmãos de pai e mãe se favorecem entre si, discriminando os restantes membros da estrutura familiar.

Os sentidos de obrigação perante os restantes membros que permanecem *atrás* são entendidos através das percepções da estrutura familiar alargada. As formas de

assistência processadas no interior destas estruturas reflectem situações económicas instáveis que obrigam os diferentes familiares a preencher funções materiais específicas e a desenvolver formas de cooperação que asseguram as condições de vida dos seus membros. No caso de Gastão, N'Duba e João, o seu estatuto de sujeito migrante reforça a sua obrigação de assistir os familiares, pois o entendimento sobre as suas vidas processa o outro espaço geográfico como um lugar de melhores oportunidades.

## *Capítulo V*

### *O presente quotidiano e o futuro como projecto.*

Neste capítulo analiso as redes de relações sociais dos sujeitos (re)estabelecidas na sociedade receptora e dou a perceber como a manutenção destas ligações são importantes no presente quotidiano, pois estas redes desenvolvem, muitas vezes, mecanismos de entreaajuda entre os pares sociais em diáspora. Analisarei ainda alguns momentos de sociabilização entre os sujeitos e algumas interacções com estruturas institucionais. Por fim, procuro analisar como os indivíduos projectam os seus futuros no decorrer da experiência migratória, imaginando as suas possibilidades e trajectórias futuras.

### **Sociabilidades: entre deslocamentos e a gestão de relações.**

A segunda entrevista com Gastão ocorre num domingo de sol do mês de Novembro, numa esplanada do Martim Moniz, pelas onze da manhã. Gastão aparenta ser um indivíduo calmo e tímido. A sua postura nas reuniões da Comissão de Moradores é ponderada, escutamos as suas palavras apenas nos momentos em que sente necessário intervir e a sua retórica parece ser sempre reflectida antes de exposta. Mas durante as entrevistas a sua postura transforma-se e fala mais do qualquer outro interlocutor. Gastão relata com entusiasmo as suas histórias, deixando a investigadora inúmeras vezes expectante pelo fim do enredo. As horas passam e são já duas e meia da tarde. Despedimo-nos. Gastão tem ainda alguns afazeres durante esta tarde. Irá participar na reunião da sua associação *Amigos de Bachil*, desta vez a acontecer em Tercena, na casa de um associado. Após este encontro visitará Filomena, no bairro das Marianas, para ver se encontra algum dos seus amigos da Comissão de Moradores ou outros conhecidos. Até este momento não tinha atribuído grande importância ao facto destes indivíduos ocuparem um vasto número de horas em deslocamentos durante os seus períodos de descanso. Estes deslocamentos são, de algum modo, uma das formas de manutenção das redes sociais que estes indivíduos estabeleceram, ou que se desterritorializaram, durante o período migratório. Passemos a analisar algumas das relações sociais mais significativas destes transmigrantes.

Gastão vive actualmente com um amigo de longa data, no bairro dos Navegantes, um bairro camarário em Porto Salvo, concelho de Oeiras. Este amigo *segurou* Gastão a partir do momento em que a sua casa é demolida nas Marinas. É também este indivíduo, há muito estabelecido em Portugal, que consegue os primeiros trabalhos do nosso interlocutor na construção civil. A sua relação de amizade vem desde os tempos do liceu em Bissau. Outras das pessoas sempre presentes nas explicações de Gastão são os filhos de Henrique Pereira de Carvalho, o primo da sua mãe que o acolheu em Bissau, como vimos no capítulo anterior. *«Fiz o meu estudo na casa desse senhor e como ele faleceu, por exemplo, um filho dele que está na Guiné a minha responsabilidade é integrar esse filho também. Tenho que recompensar aquilo que o meu pai me fez. Essa é a obrigação dos africanos.»* Para além deste filho em Bissau, dois filhos deste senhor migraram para Portugal. Embora não sendo sobrinhos de Gastão, estes tratam-no por tio. Gastão passa muito tempo com eles. Durante o decorrer da nossa entrevista um destes sobrinhos telefona a Gastão sugerindo vir buscá-lo de

carro a Lisboa para que passem o domingo juntos. Gastão desculpa-se, mas esse domingo está já preenchido com a entrevista e outros compromissos. Outra das pessoas referidas por Gastão e João, reflectindo um relacionamento próximo, é a prima de ambos que vive no Barreiro. Para além destas relações, as amizades estabelecidas nos primeiros tempos do bairro das Marianas são centrais no quotidiano de Gastão, como é o caso de N´Duba e Alberto, outro membro da comissão de moradores que Gastão conhecia já desde os tempos do semi-internato do Sedengal.

A rede de familiares de João fixadas em Portugal é pequena se comparada com a vasta rede estabelecida em França. Em Portugal, Gastão e a prima, conjuntamente com o seu marido e filhos, representam os seus familiares mais próximos de João. Este transmigrante mantém uma relação muito estreita com os seus companheiros de casa. Quando João deixa o bairro das Marianas aluga uma casa em Oeiras com mais seis colegas, todos de etnia manjaco, quatro dos quais conhecia, dada a proximidade da zona de origem, S.Domingos, e a posterior residência em Bissau. Para além destes companheiros João mantém uma forte amizade com Albert, um senegalês, filho de pais guineenses também de etnia manjaco, que reencontra nos primeiros tempos das Marianas. Outros dos círculos de amizade são os já mencionados Alberto e N´Duba, para além de Filomena, a moradora membro da comissão, cuja casa resistiu à demolição até ao fim do bairro e que servia de ponto de encontro para estes indivíduos.

Zinha, a irmã de N´Duba, actualmente separada do seu marido e residente em Rio de Mouro, Sintra, é o familiar mais próximo deste sujeito. N´Duba desloca-se muitas vezes à casa da irmã, mesmo no fim das jornadas de trabalho onde se encontra com a sua sobrinha, a sua secretária oficial, como gosta de referir, pois esta ajuda-o em tarefas práticas, como dactilografar cartas no computador, normalmente cartas para o Serviço de Estrangeiros, Embaixada, ou para os assuntos da Comissão de Moradores; esta sobrinha auxilia-o com outros trabalhos técnicos como introduzir as fotos no computador, da máquina fotográfica que N´Duba está sempre pronto a disparar, mas cuja linguagem digital ainda não domina plenamente. N´Duba mantém também uma relação muito estreita com Alberto. Estão muitas vezes juntos no fim de semana, e vivem actualmente no mesmo bairro, Cabeça de Mouro, um outro bairro camarário do concelho de Cascais. N´Duba tem ainda relações de amizade muito fortes com algumas mulheres de etnia balanta, como é o caso de Quinta, a vendedora de cervejas nas tardes de domingo no bairro das Marianas e Laurinda, uma também ex-residente deste bairro,

a quem N´Duba chama de parente<sup>35</sup>, pois como explica ficaram amigos desde o principio da sua chegada ao bairro. Estas duas mulheres estavam sempre presentes nas festas em que participei em casa de N´Duba.

Esta manutenção efectiva e quotidiana das relações familiares poderá ser uma forma de compensar a ausência da família nuclear, para além de reforçar o estatuto de prestígio enquanto fornecedor activo de capital económico e social dentro das unidades familiares. Retomemos as anteriores palavras de Gastão relativas à sua obrigação de apoiar a integração dos seus sobrinhos, filhos de Henrique, o homem que o apoiou durante os seus tempos de liceu. Para além da obrigação moral de ajuda, anteriormente trabalhada, as palavras de Gastão parecem descrever que a ajuda é realmente efectuada, confirmando o sucesso da sua trajectória de migrante, dentro das estruturas familiares que permanecem atrás, através das remessas que alteram as possibilidades reais dos sujeitos a quem se destina o dinheiro. Por outro lado, esta forma de assistência confirma perante os seus sobrinhos residentes em Portugal o estatuto de Gastão como indivíduo mais velho, responsável pelo apoio económico aos membros da unidade familiar que entende serem a sua família. O facto dos pares familiares em diáspora, durante os tempos de sociabilidade, se porem ao corrente das transacções económicas que todos accionam, é uma forma de confirmarem e legitimarem, colectivamente, o seu estatuto de prestígio dentro das redes familiares.

Talvez seja um pouco redutor permanecermos apenas com a análise da legitimação colectiva do estatuto migrante durante os tempos das sociabilidades familiares. A compensação afectiva pela ausência dos membros mais próximos, como as esposas e os filhos de Gastão e de N´Duba, é notória na necessidade de N´Duba, por exemplo, visitar recorrentemente a sua irmã. A carga afectiva que este sujeito projecta na figura da sua sobrinha, através das descrições entretecidas com palavras de carinho e orgulho «*Aquela é uma bandida, consegue fazer tudo naquele computador (...), e tem boas notas na escola*», reflectem uma relação quotidiana e uma compensação emotiva dada a ausência dos seus filhos. Se pensarmos que N´Duba esteve oito anos sem ir à Guiné-Bissau e que o seu filho mais novo, Wilson, tinha apenas um ano quando este partiu, percebemos que o acompanhamento do crescimento desta sobrinha e o investimento afectivo depositado na relação procura contrariar a ausência dos seus

---

<sup>35</sup> O uso do termo parente, por parte de N´Duba, reflecte o que nos explica Lourenço-Lindell (2002), ou seja, que o conceito de parentesco é uma categoria vaga atribuída a parentes consanguíneos ou por afinidade.

filhos. Dentro das redes familiares migrantes são também accionadas outras formas de solidariedade entre os seus membros. É o caso do episódio sucedido com João quando teve que se ocupar, juntamente com a sua prima do Barreiro, da transladação do corpo de um familiar morto em Itália e cuja esposa não tinha possibilidades económicas de suportar todo este processo. Mais uma vez as famílias extensas transnacionais desenvolvem relações de sustento e apoio mútuo. Todos contribuíram monetariamente, incluindo o irmão estabelecido em França, para que o corpo pudesse chegar a Bissau.

Mas voltemos às redes de amizade destes sujeitos. A partir da observação continua das reuniões no bairro das Marianas e as descrições dos sujeitos das amizades (re)estabelecidas neste espaço durante os primeiros tempos do processo migratório, percebemos a centralidade analítica deste espaço para o entendimento dos relacionamentos sociais dos sujeitos. A maioria dos relacionamentos de amizade descritos perduram desde o tempo de residência no bairro, como é o caso dos companheiros de casa de João ou a amizade de N'Duba com Laurinda. As relações de amizade não serão analisadas como forma de compensação simbólica da ausência da família. Não obstante, estas relações constituem-se como redes de solidariedade e assistência entre pares sociais. Este conceito de pares sociais faz todo o sentido se pensarmos como engajam em actividades económicas similares e vivem condições materiais idênticas (Lorenço-Lindell,2002) durante os seus processos de migratórios. As práticas de assistência accionadas dentro destas redes de amizade tomam diversas formas, mas uma das mais comuns é o empréstimo de dinheiro. A já mencionada instabilidade laboral a que estes indivíduos estão sujeitos, e a obrigatoriedade do envio de remessas, são factores para o desenvolvimento de círculos de empréstimo informal entre amigos. Segundo Bourdieu, o empréstimo pressupõe uma relação de confiança. Não se pedem empréstimos a quem não se considere estar em condições de corresponder à expectativa (Bourdieu, 2004:23), ou seja, ser membro de um grupo no interior do qual exista uma forma de solidariedade para que o crédito seja pedido a quem tenha condições e obrigação de concedê-lo. No decorrer de uma entrevista N'Duba recebe um telefonema. Telefona um primo que trabalha nesse momento em Espanha. O primo do nosso interlocutor pede-lhe algum dinheiro. Quando termina o telefonema, N'Duba exprime um certo desagrado nesta atitude. No princípio da sua estadia este primo recusou emprestar-lhe dinheiro preferindo, segundo N'Duba, gastá-lo com os amigos. A atitude de recusa poderá advir do entendimento situacional da realidade, de uma análise sobre as condições sociais e económicas de N'Duba de

possibilidade e impossibilidade de retribuição do empréstimo, rompendo, desta forma, com o comportamento de solidariedade entre pares. N´Duba, por seu lado, não iria recusar o empréstimo. A obrigação moral e dever de auxiliar o primo pesam mais do que o acontecimento passado de ruptura com este ideal hegemónico de solidariedade entre pares. Neste sentido, as relações de empréstimo orientam-se por este ideal hegemónico, mas contêm dinâmicas próprias de cálculo conduzidas por uma racionalidade (de análise das condições de possibilidade e impossibilidade) que concede, ou não, o empréstimo entre sujeitos. É este cálculo atento dos retornos que diferencia a quem assistir. O próprio N´Duba questiona a concessão do empréstimo. Na base das suas interrogações está o episódio passado com o primo e o facto de três colegas lhe deverem ainda dinheiro. Mas N´Duba sabe que deve participar nesta lógica de solidariedade, pois ele próprio num outro momento, pode necessitar aceder a este quadro de reciprocidade. Além do mais, ao ceder o empréstimo este sujeito exhibe uma força material que lhe confere por si só um estatuto de actor privilegiado dentro de um quadro partilhado de representações sobre a experiência migratória.

Outro tipo de assistência entre pares sociais é o alojamento. Gastão foi apoiado pelo amigo de longa data após a demolição da sua casa. Embora a sua residência seja neste apartamento Gastão dorme algumas vezes na casa de João. *«Tinha o dinheiro contado, como nesse mês não tinha passe de transporte porque estava a trabalhar fora fico na casa de João que é mais próxima da estação de comboios»*. Esta racionalidade implica a gestão do dinheiro dentro de variáveis de poupança, mas que apenas poderão ser accionadas se contar com a assistência dos seus pares sociais. As descrições do tipo de solidariedade poderão ser variadas, mas terminemos com um exemplo dentro da relação de N´Duba e Laurinda. No fim de uma tarde, passada em casa de Filomena, N´Duba pergunta se não quero ir jantar a casa de uma amiga. A minha resposta positiva faz com que telefone a Laurinda. Vamos de táxi até sua casa e aí jantamos. Em sua casa estava uma outra vizinha que janta antes de nós a comida já preparada. Laurinda não se senta connosco, espera o namorado para jantar. A relação entre os dois é muito próxima e familiar. N´Duba move-se entre os diferentes espaços da casa familiarizado com todos os cantos, acende e apaga a televisão, brinca com o filho pequeno de Laurinda que grita a rir *«Tio pára com isso!»*. N´Duba parece procurar na relação de amizade com Laurinda os tempos e espaços domésticos, a comodidade do alimento cozinhado no momento. O uso de termos de parentesco *«Eu já conheço Laurinda há muito tempo, ela já é minha parente»* é usado para explicar a relação entre ambos, tecendo nestes laços a



implicação de uma lógica de reciprocidade, incorporada em laços de solidariedade, preceitos morais e sentimentos de afeição (Lorenço-Lindell, 2002:194). Depois do jantar passamos na casa de um amigo a quem N'Duba tinha telefonado para que me levasse à estação de comboios mais próxima, pois dado o tardio da hora seria difícil conseguir um autocarro até à estação. Passamos este fim de tarde em deslocamentos precedidos de telefonemas que asseguram a realização dos encontros. Mais uma vez se percebe a centralidade do uso do telemóvel na gestão e manutenção das relações sociais dos transmigrantes; neste caso, as relações não se estendem num espaço transnacional, mas sim em diferentes espaços da sociedade de estabelecimento. O telemóvel é instrumentalizado de forma a reconfigurar os tempos e os espaços das suas relações sociais.

A demolição total do bairro implicou uma deslocalização espacial destas redes de relacionamento. Muitos dos sujeitos foram habitar os bairros de realojamento camarário em casas de colegas que tiveram direito a uma habitação. O processo de realojamento enquanto prática institucional encoraja, mais uma vez, a segregação residencial. Espalhados em diversos locais, muitos dos indivíduos que habitavam as Marianas deslocam-se entre os diferentes bairros camarários para participarem em sociabilidades rituais, como as cerimónias fúnebres, festas de celebração várias (partidas para a Guiné, obtenção de vistos de permanência, etc.) ou simplesmente para visitarem os colegas e conviverem durante os seus tempos de lazer.

### ***Djumbai e o outro valor do dinheiro*<sup>36</sup>.**

«*Djumbai*» em crioulo da Guiné-Bissau significa convívio entre duas ou mais pessoas. O uso corrente do termo no vocabulário dos meus interlocutores faz com que adopte o termo para descrever os tempos de sociabilidade partilhada que pude observar durante a pesquisa de terreno.

Terminada a reunião da Comissão de Moradores muitos participantes partem para outros locais, enquanto que outros permanecem para descontraír do tempo formal da reunião. O corpo hierárquico da Comissão, ou seja, N'Duba (presidente), João (vice-presidente), Gastão (tesoureiro) e Alberto (porta-voz), resta habitualmente na sua totalidade, além de outros amigos comuns, como Sérgio, um ex-militar balanta. As

---

<sup>36</sup> «O outro valor do dinheiro» é título de uma secção do livro de Miguel Vale de Almeida “Senhores de Si”. A necessidade de interpretar de uma forma diferente o valor dado ao dinheiro e apoiando-me nas linhas interpretativas do mesmo autor opto pelo mesmo título dada a sua riqueza da sua sugestão.

primeiras discussões geram-se em torno da questão de quem irá pagar a primeira rodada de cervejas. Solucionada a questão, e sem terminar todavia a primeira, surge já a segunda cerveja para ser consumida. O ritmo de consumo estonteia a observadora que recusava as seguintes ofertas. Muitas das vezes alguns indivíduos não têm dinheiro para pagar, mas o consumo não lhes é recusado. A fraca participação de mulheres nas reuniões já fora antes mencionada. Os *djumbai* observados eram constituídos maioritariamente por homens, e as mulheres ocupavam a posição de fornecedoras de cerveja e alimento, como é o caso de Quinta, e por vezes Filomena que também optava pela venda informal. Uma outra mulher habitualmente presente era Denise, a companheira de Sérgio.

Um dos meus primeiros questionamentos quando confrontada com esta prática de pagar cervejas de forma contínua era a negação do cálculo que estava por detrás destas acções. Os sujeitos não racionalizavam “economicamente” durante este processo de distribuição de bebidas. Alguns pagavam continuamente as rodadas de cerveja. Mas os questionamentos das primeiras observações eram desconstruídas pela contínua observação, ou seja, pude observar como a retribuição da cerveja oferecida ocorria em outros momentos, numa lógica de reciprocidade diferida. Vale de Almeida trabalha as trocas ritualizadas que ocorrem nos cafés entre os homens de Pardais, entre as quais a troca de bebidas alcoólicas.

*A bebida só raramente é paga pelo próprio e por ele consumida a solo. Mas pagar aos outros e com eles beber vai mais além do cálculo individual e da reciprocidade (...). Exprime ainda um ideal político que é o da igualdade fundamental dos homens: como comunidade, como grupo social (trabalhadores), como género; (...) Só que a ideia de igualdade implica tanto a comunhão como a competição, a amizade como a rivalidade. (...) Assim, o jogo de beber continuamente, de pagar e ser pago, cria superioridade e inferioridade em constante rotação entre iguais relativos. (Vale de Almeida, 2000: 187/188)*

Neste sentido, as interacções que observo são palco de sociabilidades masculinas e os sentidos que os actores parecem dar a estas trocas rituais inscrevem-se em sistemas complexos de valores de construção de masculinidade negociados e manipulados nas conversas e posturas corporais. A minha posição impossibilitava a penetração nestes jogos; esta impossibilidade é camuflada pelos diálogos em crioulo e por mim contornada através de conversas com as mulheres presentes. Quando tentava pagar alguma cerveja, ou o posterior almoço, a minha intenção era travada. «*As mulheres na nossa terra não pagam!*». O espaço público é interpretado como um espaço de domínio masculino, tal como a gestão da comensalidade que ocorre nesse espaço-tempo,

substituindo a incapacidade social de um homem oferecer alimento cozinhado, ao contrário da mulher (Vale de Almeida, 2000:186).

Num desses dias de intensa observação permaneço apenas com N'Duba e Alberto em casa de Filomena. Nesta tarde a entrada e saída de pessoas é constante. Diferentes grupos de homens, alguns acompanhados por mulheres, permanecem dentro ou à entrada da casa. Alguns dos visitantes são guineenses que em tempos habitaram o bairro das Marianas, mas que foram realojados num bairro camarário. Estas pessoas parecem conduzidas por um sentimento nostálgico dos tempos vividos neste bairro que os obriga a visitar este local esperando o conseqüente encontro com alguns conhecidos. Normalmente quem entra conhece algum dos presentes e, desta forma, a conversa é imediatamente entabulada. As redes de interconhecimento entre sujeitos parecem ser muito extensa e densa. Os temas das conversas são vários. Muitas vezes procuram saber notícias de certos sujeitos, enquanto que são também veículos de informações sobre a vida de outras pessoas. Estas trocas de informação são constantes, mesmo se os temas mudam do trabalho para o alojamento, notícias sobre a Guiné-Bissau, etc. O jogo de pagar e ser pago mantém-se e todos os presentes têm direito a uma bebida. Alguns dos homens vêm de fim-de-semana dos seus trabalhos em Espanha. Este novo lugar de ascensão do estatuto de trabalhador da construção civil cria alguma diferenciação entre os presentes que permanecem a trabalhar em Portugal. As histórias sobre as condições de trabalho, sobre os salários auferidos pesa nas expectativas e interesses dos sujeitos de um dia conseguirem trabalhar nesse país. Avelino, um desses migrantes em Espanha, nessa tarde paga as bebidas de forma continua a todos os presentes, exibindo o dinheiro como o símbolo do produto do seu trabalho (cf. Vale de Almeida, 2000:178). Este acto negocia simbolicamente entre valores da comensalidade e poupança e sobre estratégias de ascendência pessoal que, perante os seus pares sociais em diáspora, é conectada a possibilidades reais de ascensão dada a mobilidade geográfica a que este indivíduo acedeu. Mas, no decorrer desta interacção alguns indivíduos presentes manipulam e contrariam estas negociações, usando uma retórica mordaz visível no regozijo colectivo que se instala na sala, nos momentos em que Avelino narra alguns eventos ou cria situações possíveis de serem ridicularizados. Os estados já um pouco embriagados prolongam estes jogos pelo tempo, contrabalançando a desvantagem simbólica que têm perante este e outros pares a trabalhar em Espanha. Estes e outros jogos cessam quando reparam nas horas tardias e os corpos cansados decidem rumar a casa. N'Duba e Alberto acompanham-me à estação. Ainda têm que apanhar um autocarro que os conduz

a casa para depois descansarem pois avizinhava-se mais uma semana de pesado trabalho.

### ***Relações institucionais***

N'Duba, quando chegou pela primeira vez ao aeroporto da Portela, em Lisboa é retido pela Policia de Serviços e Fronteiras das vinte horas à meia-noite. O documento da Junta Médica de Bissau que transporta consigo não é reconhecido pela policia e é necessário esperar a troca de turno para que um dos policias examine o seu ferimento da parede abdominal e finalmente o acompanhe até à sua irmã que aguarda todas essas horas. Esta foi a primeira experiência de N'Duba com a Policia de Serviços de Estrangeiros e Fronteiras. Como N'Duba optou, desde o inicio, por regularizar a sua situação legal para poder aceder a um estatuto de trabalhador migrante, dentro de um sistema de direitos e deveres, a familiarização e entendimento das lógicas de funcionamento desta e outras entidades foi sendo gradual à medida que o seu tempo de residência se prolongava. Mas pensemos na situação de retenção pela qual passou este transmigrante. Pina Cabral (2000) explica-nos como Victor Turner relê e aplica a estrutura tripartida de VanGennep de interpretação dos ritos de passagem e desenvolve uma nova concepção do conceito de liminariedade, não aplicando o conceito apenas a processos de transição mas também a formas de conceber os fenómenos marginais ou mesmo anti-estruturais (Pina-Cabral, 2000: 827). A ideia de que a condição liminar está ao mesmo tempo dentro e fora do tempo, dentro e fora da estrutura social, é um fenómeno recorrente na atribuição simbólica das características de marginalidade. Imaginemos a experiência de N'Duba à espera numa sala de policia num aeroporto. Os questionamentos pessoais, as dúvidas e medos e a justaposição do seu estatuto de estrangeiro e o desejo de permanecer a trabalhar. Este espaço e tempo de espera como uma fase liminal, em que o sujeito retido está dentro e entre o passado e o futuro. Para além da confrontação com diferentes códigos referenciais, esta retenção opera ao nível simbólico e como processo de categorização. Na verdade o acesso ao novo estatuto de N'Duba não lhe é negado, é-lhe sim representado e apresentado o seu novo lugar dentro da estrutura social a que a acedeu.

Kearney estuda grupos de mexicanos que procuram passar as linhas de fronteira que dividem este país e os Estados Unidos, analisando a área de fronteira, neste caso terrestre.

*This incongruity of cultural and political space makes of the “border area”, aptly named as such, an ambiguous zone. It is in this border area that identities are assigned and taken, withheld and rejected. The state seeks the monopoly on the power to assign identities to those who enter this space. (Kearney, 1999:545)*

Neste sentido, um dos efeitos mais importantes das áreas de fronteira ou mesmo as políticas de imigração é a própria consciência do migrante enquanto tal (Castels, 2003: 132). Estes processos interactuantes de classificação produzem efeitos reais nos entendimentos dos sujeitos acerca das suas posições sociais e nas suas acções e decisões, pois são referências operantes nas vidas dos sujeitos e moldam as suas identidades pessoais. Estas experiências decorrem no fluxo temporal do trajecto migratório, são acontecimentos que criam unidades de significado e que os indivíduos conjugam como referentes identificatórios para pensar a sua experiência presente.

A legalidade da sua situação e estatuto migrante é uma preocupação para os três transmigrantes desde o início da sua estadia. No princípio vivem bastante limitados pelas condições de trabalho, pois apenas um contrato de trabalho ou o regime de trabalhador independente permite dar início ao processo de legalização. Quando finalmente conseguem um contrato os sujeitos experenciam um processo de familiarização com os processos institucionais através do contacto directo com as entidades a que devem recorrer (ex.: Serviço de Estrangeiros e Fronteiras, Direcção Geral de Impostos, Segurança Social, Embaixada da Guiné-Bissau etc.) ou através da troca de conhecimentos entre colegas e recorrência a associações de migrantes (ex.: Solidariedade Imigrante). A sucinta descrição poderá sugerir uma facilidade e fluidez em todo o processo e entendimentos sobre as relações institucionais em que se vêm envolvidos. Essa não é a realidade. São vários os constrangimentos, exigências e dificuldades no decorrer destas relações formais: entender linguagens diferenciadas, tempos burocráticos como a espera de documentos, dinheiro despendido, deslocações constantes, envolvimentos com advogados e as consequentes despesas, etc. Para além de certos contratemplos que surgem no decorrer dos processos. João, por exemplo, num dado momento reunia todas as condições para dar entrada no seu processo de residência quando é despedido pelo patrão. Este último indivíduo consegue alegar justa causa e todo o processo permanece em estado de espera até que João consiga um novo contrato. Neste caso, o contratempo surge no contexto de trabalho, reflexo da precariedade e informalidade do sector da construção civil. O engajamento nos processos de legalização e a justaposição dos constrangimentos informam quotidianamente os

sujeitos da sua localização à margem do sistema de direito e deveres (Machado, 2002:297), enquanto que os indivíduos procuram, no decorrer destas relações, contestar os significados e a própria identidade enquanto sujeito migrante. Um dos outros momentos importantes de criação e luta por significados ocorre durante as interações entre pares sociais, como pude assistir numa conversa com N'Duba e Alberto. Alberto estava um pouco desconfortável durante a discussão, uma vez que está ilegal. «*A comunicação social não fala nada de positivo sobre o que o imigrante faz de bem para o país! Só fala mal e o governo está a encher os cofres à custa dos imigrantes. Um gajo para renovar um visto de permanência é mais fácil encontrar um lobo branco do que conseguir os documentos em Portugal.*».

Nas palavras de insatisfação de Alberto é visível a reutilização do que este sujeito entende serem os significados projectados sobre a categoria de migrante, através dos média, do que talvez entenda ser a “opinião pública”. Esta reutilização de significados projectados é instrumentalizada por Alberto como forma de demonstrar o poder simbólico exercido sobre as suas posições subordinadas dentro da estrutura social, reflectida na negação de certos direitos enquanto trabalhadores. Mais uma vez os discursos referem sentidos liminares de estar “dentro e fora”, tal como os sentidos experienciados por N'Duba durante a sua retenção.

### **Sentidos de modernidade e tradição**

*Hoje foi curioso como N'Duba se distraiu tanto tempo a conversar comigo sem prestar a mínima atenção às conversas que ocorriam entre os seus companheiros. N'Duba anda ansioso. Está quase a partir para a Guiné e afinal os oitos anos de ausência geram bastantes expectativas, dúvidas e receios que deve gerir. Não falou de outra coisa. Já prepara esta viagem há algum tempo e finalmente avizinha-se a partida. Neste dia explica como comprou a passagem de avião há seis meses atrás para poder pagá-la em prestações, para além de outros objectos que deseja levar consigo como a aparelhagem de música de 700 euros e alguns telemóveis para oferecer. Faltam os presentes para os filhos, um par de ténis para cada um e uns brincos fantasia para a filha. N'Duba lembra-se dos brincos fantasia quando Filomena comenta que gostaria de comprar uns brincos de ouro «As mulheres na minha terra gosta muito de ouro!» Sinto que critica Filomena pelo desejo de posse sobre estes objectos, mas mesmo assim N'Duba parece contrariar-se pois comprou uns brincos de ouro para oferecer a Helena. Na próxima semana comprará as duas arcas frigoríficas onde guardará roupa. E no domingo antes da partida vai matar um cabrito para o “djumbai” em casa, pois esta viagem parece merecer uma celebração à altura do acontecimento.*

*Diário de Campo, 3 de Dezembro de 2006*

Este episódio remete-nos para um tempo particular da experiência migrante de N'Duba, o aguardado regresso a casa após oito anos de ausência. Recordando este tempo penso como as minhas interpretações se teciam em torno dos estados emocionais do sujeito pois, de certa forma, era conduzida pelas expectativas e receios que N'Duba me confidenciava. Uma das ideias principais que tecem a perspectiva sobre a experiência migratória no presente trabalho é que este movimento existencial constitui-se primeiramente como um movimento subjectivo. A migração seria a forma viável de superar os condicionalismos da prática quotidiana, projectando nesse movimento as possibilidades futuras do desenrolar das suas vidas. Mas estes sentidos produzidos arrastam consigo a imaginação de novas formas de viver, ideias trabalhadas no primeiro capítulo, iminentemente ligadas aos fluxos de imagens, ideias e oportunidades transportados pelos veículos de comunicação de massa como descreve Appadurai (1996:79). Esta imaginação de novas formas de viver também se relacionam com novos padrões de comodidade e consumo. No fragmento etnográfico de N'Duba podemos perceber a selecção dos bens de consumo e como estes englobam, para além de outros significados, sentidos particulares de modernidade. A aparelhagem comprada por N'Duba é o primeiro artigo que este sujeito deseja adquirir para poder no futuro montar um local em Bissau, com música e projecção de cinema. «*Você ainda tem que me ajudar a arranjar aquela coisa para passar cinema*». Este é apenas um projecto de N'Duba, em outros momentos podemos perceber que se contradiz no que concerne às suas ideias pessoais futuras. Não obstante, este investimento particular está directamente ligado a aspirações pessoais (e indirectamente familiares) futuras e apropria-se dos materiais simbólicos (os artigos tecnológicos) da modernidade para a sua execução. Os restantes artigos são prendas para os seus familiares e alguns amigos que irão ser apropriados e usados diversamente por estes sujeitos particulares, estes objectos constituem-se também outros fluxos que arrastam consigo imaginações sobre novas formas de viver.

O entendimento dos transmigrantes enquanto consumidores, e não apenas produtores, ilumina a perspectiva de que os sujeitos podem perseguir formas de autonomia e agência, além da construção de identidades valorizadas e socialmente gratificantes (Mills, 1997:41). N'Duba, por exemplo, projecta em alguns dos produtos adquiridos um conjunto de planos para o futuro; projecções estas que armazenam em si percepções do desenrolar da sua trajectória de vida de forma gratificante através da concretização de um plano futuro que preencherá os seus desejos actuais. Mas estes

movimentos subjectivos, de construção de ideias de si mesmos através do consumo de certos objectos e da perseguição de novas formas de autonomia, são visíveis em outras práticas quotidianas. N'Duba, João e Gastão que vivem quotidianos preenchidos por extensas horas de trabalho e dedicam também bastante tempo à manutenção das relações sociais (re)estabelecidas na sociedade de acolhimento pensam, mesmo assim, em envolver-se em outras actividades de forma a experienciarem sentidos de autonomia e actualização do *self*, embora muitas vezes sejam condicionados pela prática quotidiana. Falo do curso de informática que João e Gastão frequentam e que N'Duba também dizia pretender fazer, mas a partir do momento que intensificou o seu processo de aprendizagem e incorporação das práticas de curandeiro deixa de falar disso comigo. Vejamos algumas ideias narradas por Gastão em torno destas actividades.

*«Eu aprendi um bocado quando estive lá na fábrica de cervejas. Tínhamos um computador no gabinete do nosso engenheiro. No tempo livre estava lá a aprender muita coisa, mas como a empresa fechou não tive mais possibilidade. Fiquei com a ideia de fazer informática e saber utilizar com os computadores (...). É obrigatório porque o mundo actual é assim! Tenho que saber essas coisas. Até há uma escola ali que dá inglês já me telefonou para ir assistir às aulas. É pagamento mensal de 76 euros, na zona de Alameda. (...) Estou no mundo isolado sem informática, o mundo actual é...depois de aprender vou fazer o esforço de comprar um computador para ter ali em casa...Se houver possibilidade vou levar para os meus filhos. Eles têm que actualizar com o mundo como está. Não é olhar somente para televisão, tem que mexer nessa brincadeira.»*

Gastão fala do curso de informática, do desejo de frequentar um curso de inglês e neste excerto não aborda o seu projecto sempre mencionado de tirar a carta de condução. N'Duba também me explicara um dia que gostava de tirar um curso de inglês *«Hoje em dia um gajo tem que aprender inglês porque é a língua que toda a gente fala.»*. Esta preocupação em estar, de certa forma, actualizados face às exigências do mundo contemporâneo, em termos de investimento pessoal e aquisição de conhecimentos, poderá estar relacionado com as projecções futuras de aceder a um estatuto diferente, mas opera, simultaneamente, como um processo dinâmico de valorização identitária através do envolvimento nestas práticas específicas e da sua representação discursiva. Pode retomar a leitura (apresentada no capítulo I) de Lorenzo Bordonaro (2007), sobre a ideia de modernidade traçar uma linha de progresso, criando construções de desenvolvido e subdesenvolvido, de centro e periferia, tornando-se simultaneamente uma ideologia de aspiração, e transportá-la para as práticas discursivas destes sujeitos. Estes posicionamentos dos sujeitos constituem-se, de certa forma, como alinhamentos do *self* no seio desta linha de progresso e os seus discursos são



construídos como uma ideologia de aspiração (de novos estilos de vida, de projectos futuros, etc.) embora, por outro lado, os sujeitos estão cientes de que esta aspiração é também estratégica face aos mecanismos competitivos da economia mundial actual; por isso, Gastão salvaguarda o desejo dos seus filhos aprenderem também a trabalhar com computadores de forma a alargarem as suas possibilidades futuras.

As ideias anteriores procuravam mostrar processos particulares de aspirações pessoais criadas através de posicionamentos dos *selves* face às representações da experiência da modernidade: a necessidade de actualização e domínio da linguagem das novas tecnologias, a aprendizagem do inglês como o idioma de comunicação internacional, são parte do que os sujeitos entendem ser as competências necessárias no desenrolar das suas vidas no mundo actual, mesmo se esta dinâmica é contextualizada entre o “aqui” e o “lá”. Mas os discursos dos sujeitos sobre as aspirações e preocupações pessoais futuras são também atravessados por noções da necessidade de continuidade das práticas culturais particulares, da ligação ao grupo social específico, procurando gerar um continuidade histórica ente o passado, o presente e o futuro.

João fala recorrentemente dos seus familiares em França. São muitos. O seu irmão mais velho migrado desde os anos oitenta neste território tem já filhos adultos com família constituída neste país. Mas estes sujeitos migrados em França, quando atingem os trinta anos, devem voltar à tabanca da família para realizar uma cerimónia tradicional de circuncisão que se realiza com uma periodicidade de sete anos «*Depois de trinta anos, se você está a viver em França tem que fazer aquela cerimónia, porque você é considerado como alguém que não está aceite na zona de tomada de decisões, dos velhos, daqueles adultos. Você não tem palavra quando as gentes estão a reunir para decidir uma coisa*». Gastão, por seu turno, preocupa-se de forma prática que os seus filhos aprendam a falar manjaco.

*«Se eles forem às tabancas têm que perceber manjaco porque senão tem a dificuldade em perceber os velhos. O mais velho fala manjaco lindamente, não tem problemas, mas os mais pequenos (...). Porque os velhos não percebem nada do português, do crioulo, falam somente manjaco. Se você não fala manjaco os velhos tratam de dizer que você já não faz parte daquela etnia. Eles consideram que o senhor é atrevido, fala outra língua, é chato! Tem que falar obrigatoriamente, chega e fala com eles, eles ficam mais alegres e te ensinam muita coisa antiga».*

No capítulo anterior percebemos a obrigatoriedade de participação nas cerimónias fúnebres dos membros da família de forma a criar sentidos de continuidade do grupo particular. Neste contexto específico João menciona uma prática de

incorporação específica, um ritual de passagem para a vida adulta e para a esfera de tomada de decisões desta estrutura social específica. Gastão entende que a língua se torna um mecanismo importante de transmissão cultural intergeracional através do conhecimento das histórias do grupo. Sejam as inscrições corporais derivadas da prática ritual ou as narrativas informalmente contadas, estes sujeitos preocupam-se com a persistência e continuidade destas formas de transmissão da memória social, através da participação de todos os membros, mesmo se as gerações mais novas se tenham que deslocar de França ou de outros contextos transnacionais.

Este argumento não visa negligenciar as contestações e transformações derivadas das interpretações pessoais sobre as diferentes práticas culturais. Podemos recordar como N'Duba recusou casar com uma outra mulher, apesar da pressão dos familiares. O próprio Gastão posiciona-se contra a poligamia, e mesmo N'Duba diz deixar o seu filho escolher se quer ser circuncidado da forma tradicional, passando pelos usos e conselho de anciãos da tabanca natal, ou se prefere ir ao hospital. Algumas considerações também poderão ser deixadas em aberto e remetem-nos para o facto que este tipo de investimento na continuidade de certas práticas na comunidade de origem poderá estar associado à necessidade dos actores defenderem certos modelos aos quais se podem socorrer, em momentos diferentes, de forma a pensar o seu estatuto, por exemplo, de homens adultos, e os poderes que estas construções lhes conferem. Estes argumentos em torno dos sentidos de modernidade e de tradição são apenas considerações sobre discursos vários e, por vezes, contraditórios dos actores sociais que, em diferentes momentos, procuram posicionar o seu *self* no seio das configurações sociais contemporâneas que transformam a forma como os sujeitos interpretam a sua experiência pessoal.

### **Futuro como projecto**

A experiência migratória é em si uma construção viável das possibilidades futuras, através da qual os actores percebem transformações em termos práticos que vão além dos horizontes presentes da sua vida. Neste sentido há, de certa forma, um cálculo temporal do actor, que pensa a sua trajectória em diferentes modos de formulação sobre o futuro para além do momento presente, mas experencialmente ancorado dentro de um presente que engaja o passado e os horizontes do futuro num

contexto de significado (Munn, 1992:97). E nestas formulações sobre o futuro armazenam-se projectos pessoais, imaginações sobre o desenrolar das suas vidas que, mesmo apesar dos sentidos de descontinuidade gerados no presente migratório, continuam a ser negociados e legitimados pelos actores sociais, de forma a criarem contextos de significado e sentido para as suas vidas. Nesta secção analisaremos os projectos pessoais dos sujeitos, cujas formulações implicam várias relações temporais, de perspectivas a curto prazo e a longo prazo, mesmo se contraditórias estas formulações pessoais são sempre construções activas de novas vidas, mas que reflectem sempre sobre as condições económicas e sociais onde decorrem as suas vidas.

N'Duba, João e Gastão desejam, a curto prazo, conseguir uma oportunidade de trabalhar em Espanha. As informações que circulam, vindas de muitos colegas que aí trabalham ou trabalharam, indicam que os salários são muito mais elevados dos que conseguem auferir em Portugal e que este trabalho é executado em melhores condições como explica N'Duba «*Em Espanha tu não vês ninguém na obra a trabalhar sem capacete, lá tem condições*». A oportunidade ainda não surgiu. N'Duba gostaria de ir para a zona de Barcelona, Gastão mencionou poder ir trabalhar com um amigo que contrata trabalhadores «*Ele leva as pessoas, agora está numa obra ali em Badajoz, paga 5 euros à hora, mas tem direito a sitio para dormir e comer*». Na verdade, vários relatos descrevem estes mecanismos de subcontratação que diminuem significativamente a quantia da remuneração. N'Duba, João e Gastão em Portugal ganham entre 3.5 euros e 4 euros por hora. Este escalão sofreu um decréscimo temporal «*Eu quando cheguei naquele tempo trabalhei como servente e ganhava mil escudos à hora. Agora para ser servente agora não chega a mil escudos, não chega a cinco euros, é três euros e meio, quatro euros*». Trabalhar em Espanha, mesmo se os salários sejam baixos, continua a ser uma oportunidade de maior acumulação de capital económico. A decisão ainda não foi tomada em parte devido aos processos de obtenção de documentos. Gastão e João aguardam a chegada da autorização de residência; N'Duba, como está há mais tempo em Portugal, tem a autorização de residência e aguarda a resposta ao pedido de nacionalidade. Muitas vezes questiono se, por exemplo, Gastão quer mesmo ir trabalhar para estes país. Contraria-se, aguarda as respostas de trabalho, mas nunca chega a ir. Este sujeito parece reear os processos necessários de familiarização com o novo contexto social e um dos entraves parece ser o facto de não dominar a língua. Breves impressões que apenas procuram sobressair que muitas vezes os sujeitos parecem necessitar projectar melhores possibilidades de trabalho noutra

espaço geográfico, de forma a contrariar as condições e os constrangimentos laborais experienciados mas, por outro lado, resistem em engajar novos processos de mudança nas suas vidas, pois receiam um novo desmoronar das expectativas traçadas. Não obstante, ao nível discursivo, a questão da mobilidade da trajectória migrante é constantemente pensada e relacionada com a situação legal, como podemos perceber nas palavras de João. *«Segunda-feira eu vou pedir aquele registo criminal na embaixada para autenticar para me enviar cá. Quando tiver aquele registo vou levar no Serviço de Estrangeiros para me darem o visto. Mas o meu objectivo é para a residência. Se eu tivesse a residência depois eu fazer tudo de tudo para conseguir o visto nos E.U.A. Casa não há problema, mas sem residência, eu não posso...»*. É o irmão mais novo de João quem vive nos E.U.A. Este irmão migrado neste país e outro migrado em França tornam-se, como já vimos antes, comunidades familiares transnacionais, que permitem que os sujeitos definam um campo social de possível mobilidade mais concreto de forma a maximizar as oportunidades económicas. No caso de João apenas o tempo poderá demonstrar se este sujeito consegue aceder à mobilidade tão desejada. Curiosamente, e apenas para completar a análise, também Gastão e N´Duba expressaram, em momentos diferentes, o desejo de migrar para os E.U.A. Estes desejos parecem não ser mediados por disposições de análise de possibilidade e impossibilidade, parecem mais formas de reinscrição das possibilidades em espaços hierarquizados à escala mundial e a imaginação deste espaço como o lugar onde se inscrevem as metanarrativas da modernidade, tornando-se o primeiro lugar da ideologia da aspiração.

Estas perspectivas sobre mobilidade da trajectória pessoal no contexto migratório estão relacionadas com a maximização das oportunidades económicas, através do deslocamento para outros espaços geográficos que permitem uma acumulação mais efectiva de capital de forma a poder economizar para as aspirações e projectos futuros. É na esfera das aspirações e projectos futuros que os discursos dos sujeitos se complexificam e diversificam, espelhando diferentes ambições. Após o regresso da viagem à Guiné-Bissau N´Duba fala de si de uma outra forma. Parece viver mais insatisfeito devido à ausência da sua esposa e filhos. *«Eu tenho uma vida muito triste. Não tenho os filhos comigo, não os vejo crescer. Se a minha esposa viesse ia ser mais fácil, um homem da minha idade não pode estar sozinho»*. Na verdade, a experiência migratória de N´Duba em Portugal dura há quase dez anos, e a ausência da estrutura afectiva mais próxima, os filhos e a esposa, (des)estrutura a forma como este

sujeito entende a sua experiência presente. Desde que voltou da Guiné o projecto de reagrupamento familiar tornou-se um dos seus principais objectivos *«No fundo é o que eu vou fazer, eu vou juntar algum dinheiro para trazer família, para deixar os meus filhos estudar»*. Para além de uma forma de compensação emocional, o reagrupamento familiar tornar-se-ia, nas palavras do sujeito, num investimento na escolarização dos filhos, acompanhado com o visível interesse num projecto de educação para os filhos que se pauta pelo objectivo de integração económica e social e pelo alargamento das possibilidades futuras. Podemos perceber que no processo migratório particular deste sujeito são accionadas novas racionalidades para permanecer, avaliando as variações práticas e as estratégias económicas que subjazem estas acções. Em outros momentos mencionamos o objectivo de N'Duba em reagrupar a família consigo e como ele explica que teria menos responsabilidade perante os outros membros da família *«Se a Helena viesse ao menos podia ganhar pouco, mas ajudava a pagar a renda e outra coisa e também estava comigo»*. N'Duba sabe que o sector mais comum de empregabilidade das mulheres migrantes guineenses é o sector da limpeza e que os salários recebidos são bastante baixos. Mesmo assim, a presença da esposa constituiria uma outra forma de sustento, embora aumentassem as despesas quotidianas. Mas as definições de possibilidades futuras por parte de N'Duba surgem envolvidas em aparentes paradoxos discursivos. Como percebemos no capítulo anterior, N'Duba sabe que deve voltar à tabanca de origem, pois o seu estatuto de filho mais velho impõe uma série de obrigações perante os restantes membros familiares, conjunto de obrigações que procuram assegurar a continuidade do grupo doméstico. Mesmo a sua prática religiosa está relacionada com a continuidade do posicionamento social local da sua mãe e apenas poderá ser realizável se este sujeito voltar para o lugar de origem *«Minha família, como é que eu posso dizer, é uma família muito poderosa, gostam de ser pessoas. Como a minha mãe acreditou em mim, porque é um dom que existe na família, eu tenho que manter essas coisas»*. Dificilmente N'Duba poderia manter estatuto e prestígio social se imaginasse o desenrolar da sua vida apenas em Portugal. Em algum momento o desfasamento entre este investimento específico e a trajectória na sociedade de estabelecimento criariam sentidos de descontinuidade na vida pessoal do sujeito.

O projecto de migrar para os E.U.A de João faz parte de um outro projecto futuro. *«Temos um projecto comum entre eu, o mais velho e o mais novo de pai e mãe. Como eu conheço muito a Guiné, vivi lá muito, em Bissau mais de 17 anos e eu conheço as fronteiras, se eu tivesse os documentos nós vamos fazer uns fundos para começar a*

*fazer comércio. Esse é que era o projecto! Mas como ainda não tenho documentos eu entro na Guiné e não vou sair e por isso fiquei cá.»* Neste excerto não percebemos muito bem o projecto de João e os seus irmãos. Eu própria procurei um outro momento mais informal para lhe perguntar o que gostariam de comercializar. Os artigos são de várias ordens, desde automóveis, artigos tecnológicos (telemóveis, aparelhagens de música, etc.) a ouro. João deseja obter os documentos de forma a poder circular num espaço transnacional, ou seja, entre França, E.U.A, Guiné-Bissau, Senegal e Portugal. Em Portugal o produto a adquirir seria o ouro «*Sabe é que o ouro de Portugal é muito, muito puro, é que enquanto lá em França, aqueles países francófonos não têm aquele bom ouro... Eles lá na Guiné gostam de usar aquele brinco de ouro*»<sup>37</sup>. Podemos perceber como os projectos particulares de João operam no seio da rede familiar e, especificamente, entre os seus dois irmãos migrantes, de forma a maximizar as oportunidades e recursos económicos. Neste caso específico, estes três sujeitos desejam desenvolver um projecto comum, através de um investimento comercial, que depende do facto destas relações serem tecidas num espaço transnacional. João perspectiva este projecto para quando voltar a Bissau, o local onde deseja viver. Mas esta projecção das possibilidades futuras de João parece informada também por construções identitárias do que gostaria de ser e o tipo de pessoas que gostaria de ser visto pelos outros (Mills, 1997:40), num processo de confirmação social de um estatuto particular, o estatuto de sujeito migrante. João não se inibe de narrar a vida que gostaria de ter quando volte à Guiné-Bissau «*Eu vou lá, vou viver bem! Quero ir à discoteca e usar o meu fato de três partes...*», construindo um posicionamento identitário valorativo face à experiência corrente.

O posicionamento de Gastão face à possibilidade de migrar sempre se diferenciou em relação à de N'Duba e João. Gastão no passado não pensava em migrar. O encerramento da fábrica onde trabalhava condicionou a sua trajectória e o tratamento médico possibilitou a migração. Gastão fala constantemente na possibilidade da reabertura da fábrica adquirida agora por proprietários marroquinos. Mantém o contacto com o engenheiro que trabalhava na fábrica para estar ao corrente da situação. É evidente a descontinuidade entre o seu trajecto profissional actual e o seu nível de escolaridade e as actividades profissionais anteriormente exercidas. Gastão pensa constantemente no regresso à Guiné-Bissau, mas neste regresso projecta outras

---

<sup>37</sup> João explicou-me como muitos migrantes guineenses compram ouro em Portugal para depois vendê-lo na Guiné-Bissau.

possíveis actividades. Vejamos como Gastão delimita concretamente o seu projecto futuro.

*«Número um: onde eu nasci, na minha tabanca, tenho que construir uma casa condigna para quando os meus filhos se deslocam de Bissau viverem numa casa normal, porque se você conhecer a Guiné passa nas povoações e vê aquelas casas palhotas. Tenho que acabar de construir uma casa para os meus filhos. (...) Depois o segundo é depois de Bissau, trabalhar directamente naquela tabanca nos fins de semana. Pegar naqueles miúdos e na mulher e vamos lá fazer um serviço. Daqui a 5 anos é que aquele serviço já andar a dar frutos. Já é uma empresa que estou a criar. Se avaliar a longo tempo tenho que empregar outra pessoa para trabalhar ali, não é? Para fazer a colheita, organizar e fazer a venda. Depois voltar ao emprego porque dá sustento para a família.*

*Para a minha construção condigna tenho um projecto que é aquele furo de água, água é potável, sem ter problema de risco de paludismo, de diarreia... (...) Já estou a fazer plano com o meu irmão que está em Dakar de fazer uma casa. (...) Sabes que os filhos que estão a viver em Bissau já estão a viver numa casa que é adequada, não é? E quando voltam para a tabanca para viver naquela palhota ficam revoltados. Em vez de ficarem dois dias, já vão reclamar para voltar para a cidade, mas se têm uma casa condigna continuam a viver ali nas férias, para fazer aquele trabalhinhos, limpar aquele espaço. Para fixar em Bissau vou fixar a trabalhar, trabalhar, trabalhar! Agora, a trabalhar mas olhando para aquela tabanca, em termos da ideia de desenvolver aquela tabanca. E desenvolver aquela tabanca para dar frutos para quando a época de reforma um gajo poder ficar lá. Ali tenho mais possibilidade de viver, não há barulho de carro, não há chatice...é isso. Esse é que é o meu projecto! Viver cá na Europa até à velhice, reagrupar a família não é a primeira hipótese. Será o segundo plano se não houver alternativa. Só vou aventurar para esse plano de reagrupar a família se não há hipótese de viver lá. Reagrupa a família aqui e vivemos juntos para avaliar a vida. Se der aquela ideia que estou a pensar com o tempo posso arranjar bilhete para os meus filhos “Filhos vamos conhecer aquela Europa que eu já tinha falado”, se viermos aqui é para as férias e voltámos para lá, é assim! Esse é que é o meu futuro!»*

A riqueza deste depoimento poderá deixar em aberto várias interpretações mas, neste caso, é importante perceber como Gastão além de voltar a exercer as mesmas actividades profissionais, imagina envolver a família nuclear, a esposa e filhos, numa unidade de produção específica que geraria, a longo prazo, capital económico regular. Outra das preocupações fundamentais de Gastão é a melhoria das infraestruturas domésticas, em particular, as condições de habitabilidade na tabanca de origem. Esta preocupação prática é tecida em torno das ideias dos filhos face ao mundo rural. Gastão deseja assegurar que não haja um desfasamento nas expectativas dos filhos, habitantes num contexto urbano, em relação à tabanca do grupo familiar, de forma a que estes criem vínculos afectivos e processos de identificação para com o lugar. Este investimento pessoal estratégico procura, através da ligação simbólica ao lugar, valorizar a herança histórica do grupo doméstico defendendo, simultaneamente, o poder

que a sua posição de homem adulto, de fornecedor de capital social, lhe confere. Apenas para terminar, podemos perceber que Gastão, mesmo projectando a construção ideal da sua trajectória de vida, não deixa de elaborar alternativas, neste caso seria o reagrupamento familiar, fruto da necessidade de interpretar as estruturas sociais que constroem e condicionam a sua acção presente.

A elaboração discursiva dos sujeitos transmigrantes sobre os seus horizontes futuros é uma constante reflexão sobre os laços sociais que os envolvem. Estes sujeitos esquematizam projectos que envolvem a unidade doméstica como uma linha produtiva de geração de rendimentos, seja através de actividades concretas, a empresa comercial de João e os seus irmãos, ou o desenvolvimento das actividades agrícolas na tabanca de Gastão, ou indirectamente, como o reagrupamento familiar de N'Duba, que esbateria as obrigações de ajuda filial para com os familiares que permanecem atrás e permitiria um processo mais viável de acumulação de capital. Este investimento perpetua-se através da valorização do percurso escolar dos filhos, que asseguraria mais possibilidades futuras de integração social e económica. Estas expectativas de gerar mecanismos produtivos específicos criam o entendimento de que as suas vidas decorrem no interior de um ciclo de desenvolvimento concreto, gerando linhas de sentido e significado para o fluxo das suas vidas. Esta constante necessidade de esboçar a linha trajectória das suas vidas parece procurar contrariar os sentidos de descontinuidade experienciados em diversos momentos pelos sujeitos, reconstruindo e valorizando os seus posicionamentos identitários, seja através da ligação ao lugar de origem como Gastão, ou através das práticas religiosas socialmente prestigiosas da família de N'Duba, ou o prestígio social da trajectória migrante de João revista na empresa familiar, coincidindo as expectativas concretas do desenrolar das suas vidas e a realização dos projectos futuros.



### *Conclusão*

#### **«Si canua Kan´Kadja nona tchiga»<sup>38</sup>**

As memórias sobre o tempo da escrita parecem avolumar-se no momento de conclusão. Como concluir, encerrar, pôr fim ao processo da escrita, quando este inúmeras vezes me empurrou para diferentes direcções, escurecendo momentos de clareza, abrindo espaço a novas interrogações? Mesmo assim, a narrativa deve encerrar, retomando algumas considerações tecidas ao longo do texto, relançando alguns argumentos e, por fim, encerrar o processo da escrita.

---

<sup>38</sup> «Si canua kan´kadja nona tchiga» é uma canção guineense da época da guerra de libertação que significa “se a canoa não encalhar nós chegamos lá”. Os moradores das Marianas durante as manifestações contra os processos de demolições cantavam esta música.

Ao longo do trabalho tive a preocupação de não entender a migração apenas a partir da perspectiva económica, pensando os migrantes como actores sociais e agentes de mudança social, cultural e política. Se pensarmos os fluxos migratórios como um todo, contextualizando as dinâmicas ocorridas em território português, percebemos como os primeiros movimentos migratórios significativos, no período após a revolução do 25 de Abril e os processos de descolonização, vieram aumentar o número de população estrangeira em Portugal, principalmente na Região Metropolitana de Lisboa. Associado a estes primeiros fluxos migratórios, originários maioritariamente dos países PALOP, está a procura habitacional por parte dos sujeitos migrantes. Esta reconfiguração populacional súbita contribuiu para dinamizar ainda mais os processos de produção de habitação clandestina (Malheiros, 1998:103). Muitos destes migrantes foram compelidos a instalar residência em bairros clandestinos da periferia de Lisboa, edificados durante processos internos de migração campo-cidade, ou mesmo a desenvolver movimentos de ocupação habitacional clandestina em terrenos não habitados. Este é o início de uma dinâmica de segregação residencial de grupos migrantes, em áreas metropolitanas mais desvalorizadas, originários principalmente dos países PALOP, sendo a população cabo-verdiana o exemplo extremo (Malheiros, 1998:116). Esta tendência de segregação espacial mantém-se, no decorrer das décadas seguintes, pela chegada de novos contingentes de pessoas, reflectindo o apoio das redes migrantes nos primeiros momentos de estabelecimento na sociedade receptora e pelo crescimento desta mesma população. João, Gastão e N´Duba, cidadãos guineenses, chegam a Portugal entre 1997 e 2002, período em que os fluxos de população originária da Guiné-Bissau já se haviam consolidado. Estes três sujeitos instalam-se no Bairro das Marianas, um bairro clandestino do concelho de Cascais. No período de chegada destes três sujeitos migrantes o bairro era alvo de um programa de intervenção, o PER, subsidiado pela União Europeia, que procura erradicar os bairros com estas características, por entendê-los como espaços de segregação étnica e como núcleos geradores de marginalidade e violência (Gusmão, 2004: 266). Este é o processo histórico particular que envolve este trabalho, o momento em que o Estado português cria um programa específico para fazer face ao processo progressivo de fixação de populações migrantes em espaços habitacionais desvalorizados e cuja aplicação do programa excluí, do direito ao realojamento, um conjunto significativo de habitantes deste tipo de bairros. N´Duba, Gastão e João estão entre os excluídos. Chegam ao bairro das Marianas após o recenseamento de 1993 e assistem ao processo de demolição

contínua do local onde vivem. Estes sujeitos particulares procuram contrariar esta experiência de exclusão através de um engajamento político específico, a organização de uma Comissão de Moradores do Bairro das Marianas, que procura confrontar a entidade executante, a Câmara Municipal de Cascais, sobre os procedimentos de demolição do bairro e sobre a exclusão de vários moradores.

A pesquisa de terreno decorreu num tempo particular. A Comissão de Moradores já estava constituída, o processo de demolição do bairro estava na fase final, mas este movimento organizado mantinha ainda a sua reunião mensal. Os participantes destas reuniões são, na sua maioria, homens guineenses sem a família reunida no contexto migratório e algumas mulheres a quem também lhes é negado o direito ao realojamento. Durante as reuniões tratam-se assuntos específicos, procuram-se formas de luta para poder interpelar os organismos institucionais responsáveis pelas questões da habitação. A limitação das acções e a impossibilidade de aceder a uma comunicação concreta com as entidades competentes é avaliada e entendida pelos sujeitos que articulam estas percepções com o facto de não serem cidadãos originários do Estado-Nação onde permanecem a trabalhar. Os discursos que a situação da reunião espoletava procuram dar sentido à experiência vivida de exclusão. Muitos argumentos são tecidos em torno da sua posição enquanto sujeitos migrantes. Os actores falam da sua situação legal; da sua vulnerabilidade laboral, dos tempos em que permanecem sem trabalho e que criam descontinuidades no acesso a um rendimento mensal fixo; falam sobre a obrigação de continuar a enviar dinheiro para os familiares na Guiné-Bissau; sobre as dificuldades em aceder ao mercado habitacional devido ao custo das habitações, narrando mesmo experiências de discriminação, discursos que parecem justificar, de certa forma, a sua segregação residencial. A valorização das suas experiência surge também a partir desses mesmos posicionamentos. Estes sujeitos entendem que contribuem para economia de um país que lhes nega os direitos iguais aos dos outros cidadãos, sendo os discursos em torno da experiência laboral os mais evidenciados. O tempo e saberes desta experiência inscreve-se nos corpos dos sujeitos migrantes e estes indivíduos percebem os seus corpos como força de trabalho desejada e necessária na interior da sociedade onde se estabelecem. E sabem isso por várias razões. Sabem-no porque percebem que valor do seu trabalho não corresponde ao salário auferido e esta estratégia maximiza os lucros da entidade empregadora; sabem-no porque o seu trabalho é também executado pelos seus pares sociais em diáspora ou por outros indivíduos migrantes; sabem-no porque muitas vezes a sua situação de informalidade

evita custos (como o pagamento de impostos e segurança social) e aumenta a sua possibilidade de acumular mais capital económico, mas diminui os seus direitos e o acesso ao estatuto legal; sabem-no porque em alguns casos são forçados a submeter-se a ordens de terceiros que procuram rentabilizar o seu esforço físico ao máximo. Os sujeitos sabem e sentem que os seus corpos são uma força de trabalho desejada e necessária num sector da economia, neste caso a construção civil, que procura maximizar a produção de forma a gerar mais lucro, tornando o sector mais competitivo, mas cujas acções e estratégias precarizam as condições dos seus trabalhadores. Os discursos dos sujeitos valorizam o seu trabalho enquanto esforço, enquanto instrumento de um processo produtivo e é também através deste entendimento que, no contexto das reuniões da Comissão de Moradores do Bairro das Marianas, os indivíduos reafirmam a sua posição de sujeitos migrantes e a possibilidade de reivindicar direitos concretos. Os argumentos em torno do trabalho servem para valorizar as suas experiências migratórias, mas a também para justificar a sua localização residencial, argumentos estes sempre construídos sobre o entendimento do estrutura social onde a sua vida se desenrola.

Estes são parte dos discursos produzidos num contexto particular, as reuniões da Comissão de Moradores, por um grupo social específico que partilha a experiência da diáspora e a experiência de viver num bairro com condições de habitabilidade difíceis. O bairro como um espaço físico que se diferencia das restantes paisagens urbanas pela concentração de habitantes provenientes de outros lugares, de outros Estados-Nação, pela movimentação e concentração de outros indivíduos, os toxicodependentes; espaço que também se distingue pela sua localização, pelos materiais das edificações construídas, pela disposição das casas e pelo traçado dos seus caminhos internos. Estas representações da diferença espacializada são alvo de um programa de intervenção político, encerrando a distinção entre um *nós* maioritário e uns *outros* minoritários e cuja intenção é integrar estes *outros* na sociedade portuguesa, definindo a localização do seu novo espaço residencial que, mais uma vez, processa outro tipo de representações e outros sentidos de marginalização. Mas é também esta perspectiva sobre a diferença que excluí os outros sujeitos chegados após 1993. O poder é exercido e justificado sobre definições do Outro como migrante, como uma presença temporária na sociedade de acolhimento, fornecedor de força de trabalho, que irá voltar ao país de origem. A Câmara Municipal justifica não poder solucionar o problema de todos os indivíduos sozinhos, o *homem isolado*, como é definido nos discursos políticos. A violência

institucional é exercida, dissimulada através das representações sobre estes espaços urbanos. Estas representações estigmatizantes justificam as acções executadas, camuflando a atitude passiva do Estado face à segregação residencial dos grupos minoritários, face ao uso dos seus corpos como força de trabalho no mercado económico colocando-os à margem do sistema de deveres e direitos da estrutura social onde se desenrola o seu presente migratório. Não serão estes procedimentos camuflados, originadores de sentimentos de não-pertença, ou de sentidos de estatuto liminal dentro da estrutura social? Não contribuirão para assegurar resistências que veiculam sentimentos de pertença a outro lugar, recriando mais uma vez os processos de divisão e hierarquização dos Estados-Nação à escala global? Estes processos parecem reproduzir os mecanismos de diferenciação no seio da sociedade de estabelecimento, obrigando os indivíduos a recorrer a sentidos de pertença, a significados e a discursos sobre a sua cultura de origem, de forma a gerar concepções de identidade de grupo e a definir as suas experiências presentes. É a sua resposta aos constrangimentos impostos por políticas que definem o espaço através de representações de laços naturalizados entre pessoas e lugares.

As interpretações tecidas poderiam ter explorado outros pontos, como as representações dos sujeitos sobre o Outro maioritário, as suas construções identitárias em torno dos discursos de raça, da oposição *branco vs preto*, visíveis nos processos de interacção quotidiana, nas relações laborais e expresso durante a prática etnográfica em diferentes momentos quando N´Duba, por exemplo, me dizia recorrentemente «*olha o teu patricio está a olhar para ti porque tu estás com um preto!*»; ou trabalhado os argumentos históricos da posição de Portugal como país colonizador, para definirem as suas próprias posições periféricas dentro da hierarquia de países e sua perspectiva de dívida histórica deste território para com a Guiné-Bissau; ou aprofundado a economia da dádiva que ocorre dentro das estruturas familiares e dentro redes sociais na sociedade de estabelecimento e os conflitos e diferenciações gerados por essas trocas sociais; ou trabalhado o entendimento sobre a experiência burocrática dos processos de legalização do seu estatuto migrante; ou sobre o papel do Estado na definição das políticas de migração e os constrangimentos impostos aos sujeitos. Este argumento não visa ser justificativo, opera mais num sentido construtivo, ou seja, no tempo da prática etnográfica a minha reflexão sobre o processo poderia ter explorado algumas questões “provocando” os próprios actores, sugerindo que interpretassem o porquê dos seus argumentos. Estes são os questionamentos sobre os meus procedimentos durante a

pesquisa de terreno. Uma pesquisa que perspectiva territórios de análise futuros, como a prática religiosa de N'Duba. Este sujeito vive um processo de aprendizagem e incorporação de práticas rituais de um movimento étnico de renovação religiosa num contexto transnacional, redefinindo a própria prática pelo lugar onde decorre a experiência. Esta análise poderá valorizar os discursos produzidos em torno desta experiência e textualizá-los na escrita, mas poderá também complementá-los através do registo audiovisual, proporcionando acesso visual a *performances* culturais concretas. Outra das sugestões de novas pesquisas encerra a possibilidade da etnografia multisituada, para descentralizar a perspectiva sobre o homem migrante como fornecedor de recursos materiais e económicos no seio da família. Gostaria de perceber o papel da mulher na economia doméstica: como é que as mulheres conduzem, manipulam e influenciam as decisões familiares; como lidam com a distância e a ausência afectiva dos seus maridos e familiares migrantes?

O processo de encerramento da escrita avizinha-se. Não procuro definir uma nova perspectiva sobre as políticas de migração em território português. Apenas descrevi um processo particular de exclusão que muitos sujeitos migrantes viveram e outros estão a viver. As observações parecem permitir o questionamento sobre os procedimentos estatais relativamente aos grupos migrantes. Estes grupos não necessitam obrigatoriamente de partilhar os mesmos sentidos e significados de Nação ou de lugar, mas necessitam aceder ao mesmo sistema de direitos e deveres, tal como procuravam defender os moradores do Bairro das Marianas.

## ***Bibliografia***

Appadurai, Arjun (1996), *As Dimensões Culturais da Globalização*, Lisboa, Teorema.

Baganha, Maria Ioannis, João Ferrão e Jorge Macaísta Malheiros (1999), «Os imigrantes e o mercado de trabalho: o caso português», *Análise Social*, 150, pp.147-173.

Basch, L., N. Schiller e C. Blanc-Szanton (1994) *Nations Unbound, Transnationals Projects, Postcolonial Predicaments and Deterritorialized Nation-States*, Australia, Gordon and Breach Publishers.

Bloch, Maurice (1973), «The Long Term and the Short Term: the Economic and Political Significance of The Morality of Kinship», in Jack Goody (eds.), *The Character of Kinship*, Cambridge, University Press.

Bordonaro, Lorenzo (2007) «Living in the margins: youth and modernity in the Bijagó Islands (Guinea-Bissau)» [Texto Policopiado], Tese de Doutoramento, ISCTE.

Bourdieu, Pierre (1989) «The Social Space and Symbolic Power», *Sociological Theory*, 7 (1):723-44.

Bourdieu, Pierre [2000] (2004), «A formação do habitus económico», *Sociologia*, nº14, pp.9-34.

Brettell, Caroline e James Hollifield (2000), «Introduction: Migration Theory. Talking across Disciplines», in Caroline Brettell e James Hollifield (eds.) *Migration Theory. Talking across Disciplines*, London, Routledge.

Brettell, Caroline (2000), «Theorizing Migration in Anthropology. The Social Construction of Networks, Identities, Communities and Globalscapes», », in Caroline Brettell e James Hollifield (eds.) *Migration Theory. Talking across Disciplines*, London, Routledge.

Callewaert, Inger (1995), «Fyere Yaabte: Um Movimento Terapêutico de Mulheres na Sociedade Balanta», *Soronda. Revista de Estudos Guineenses*, 20, pp.33-72.

Callewaert, Inger (2000), *The Birth of Religion among the Balanta of Guinea-Bissau*, Lundun Sweden, Lund Studies in African and Asian Religions, Volume 12.

Cardoso, Carlos (1994), «A transição democrática na Guiné-Bissau: um parto difícil», *Soronda, Revista de Estudos Guineenses*, 17, pp.5-30.

Cardoso, Ana e Heloísa Perista (1994), «A cidade esquecida – pobres em bairros degradados de Lisboa», *Sociologia, Problemas e Práticas*, 15, pp.5-111.

Carvalho, Clara (1998) «Ritos de poder e a recriação da tradição: os régulos manjaco da Guiné-Bissau» [Texto Policopiado] Tese de Doutoramento em Antropologia Social, ISCTE.

- Castles, Stephen e Mark J. Miller (2003), *The Age of Migration. International Movements in the Modern World*. Nova Iorque, Palgrave Macmillan.
- Clifford, James (1994), «Diasporas», *Cultural Anthropology*, 9(3), pp. 302-338
- Connerton, Paul (1989), *Como as Sociedades Recordam*, Oeiras, Celta.
- Constable, Nicole (1999), «At Home but Not at Home: Filipina Narratives of Ambivalent Returns», *Cultural Anthropology*, 14 (2), pp. 203-228.
- Domingues, Maria Manuela (2000), «Estratégias femininas entre bideiras de Bissau» [Texto Policopiado], Tese de Doutoramento, Universidade Nova de Lisboa, FCSH.
- Dozon, Jean-Pierre (1998) «Africa: a Família na Encruzilhada», in Armand Colin, *História da Família. III Volume. O Choque das Modernidades: Ásia, África, América, Europa*. Lisboa, Terramar, pp. 259-291.
- Durham, Deborah (2000), «Youth and the Social Imagination in Africa», *Anthropological Quarterly*, 73 (3), pp. 113-120.
- Ferguson, James (1992), «The Country and the City of Copperbelt», *Cultural Anthropology*, Vol.7, nº1, pp.80-92.
- Forrest, Joshua (1987), «Guiné-Bissau Since Independence: A Decade of Domestic Power Struggles», *The Journal of Modern African Studies*, 25, I, pp.95-116.
- Forrest, Joshua (2002), «Guinea Bissau», in Patrick Chabal (eds.), *A History of Postcolonial Lusophone Africa*, Londres, Hurst, pp.236-263.
- Freire, João (1991), «Imigrantes, capatazes e segurança da construção», *Organizações e Trabalho*, 5-6.
- Friedman, J. (1997), «Global Crises, the Struggle for Cultural Identity and Intellectual Porkbarrelling: Cosmopolitans versus Locals, Ethnics and Nationals in an Era of De-Hegemonisation», in P. Werbner e T. Modood (eds.), *Debating Cultural Hybridity. Multi-Cultural Identities and the Politics of Anti-Racism*, Londres, Zed Books, pp.70-89
- Gable, Eric (1995), «The Decolonization of Consciousness: local skeptics and the “will to be modern” in a West African village», *American Ethnologist*, Vol.22, nº2, pp.242-257.
- Gable, Eric (2001), «Culture Development Club: Youth, Neo-Tradition, and The Construction of Society in Guinea-Bissau», *Anthropological Quarterly*, pp.195-202.
- Geertz, Clifford [1973] (1997), *La Interpretación de las Culturas*, Barcelona, Gedisa Editorial.
- Godelier, Maurice (1977), «Modos de Produccion, Relaciones de Parentesco y Estructuras Demograficas» in Maurice Bloch (orgs.), *Análisis Marxistas y Antropología Social*, Barcelona, Editorial Anagrama.



Goody, Jack (1973), «Polygyny, Economy and the Role of Women», in Jack Goody (eds.), *The Character of Kinship*, Cambridge, University Press.

Goody, Jack (1976), *Production and Reproduction. A Comparative Study of the Domestic Domain*, Cambridge University Press.

Guerra, Isabel (1997), «Um olhar sociológico sobre o alojamento», *Sociologia, Problemas e Práticas*, 24, pp. 165-181.

Gupta, Akhil (1992), «The Song of the Nonaligned World: Transnational Identities and the Reinscription of Space in the Late Capitalism», *Cultural Anthropology*, Vol.7, Nº1, pp.63-69.

Gupta, Akhil e James Ferguson (1992), «Beyond Culture: Space, Identity, and the Politics of Difference», *Cultural Anthropology*, Vol.7, pp. 6-23.

Gusmão, Neusa Maria Mendes de (2004), *Os Filhos da África em Portugal. Antropologia, multiculturalidade e educação*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.

Hage, Ghassan (2005), «A not so multi-sited ethnography of a not so imagined community», *Anthropological Theory*, Vol.5(4), pp.463-475.

Hall, Stuart (1997), *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*, Rio de Janeiro, DP&A Ed.

Hall, Stuart (1999), «Cultural Identity and Diaspora» in, S. Vertovec e R. Cohen (eds.), *Migration, Diaspora and Transnationalism*, Celtnham, An Elgar Reference Collection, The International Library of Studies on Migration, n.º9, pp.299-314.

Harris, O. e K. Young (1981), «Engendered Structures: Some Problems in the Analysis of Reproduction», in J. Kahn e J. Llobera (orgs.) *The Anthropology of pre-Capitalist Societies*, London e Basingstoke, The MacMillan Press Ltd.

Hiesler, Barbara (2000) «The Sociology of Immigration. From Assimilation to Segmented Integration, from the American Experience to the Global Arena» », in Caroline Brettell e James Hollifield (eds.) *Migration Theory. Talking across Disciplines*, London, Routledge.

Hodgson, Dorothy (1999), «Once Intrepid Warriors: Modernity and Production of Maasai Masculinities», *Ethnology*, Vol.38, nº2, pp.121-150.

Inda, J. X. e R. Rosaldo (2002), «Introduction: A World in Motion», in J. X. Inda e R. Rosaldo (eds.), *Anthropology of Globalization*, Londres, Blackwell Pub., pp. 1-34.

Iturra, Raúl (1998), *Como era quando não era o que sou. O Crescimento das Crianças*, Porto: Profedições.

Jao, Mamadu (1992), «Aspectos da vida social dos Mancanhas: a cerimónia do ulém», *Soronda. Revista de Estudos Guineenses*, 13, pp.59-66.

Jao, Mamadu (1995), «A questão da etnicidade e a origem étnica dos Mancanha», *Soronda. Revista de Estudos Guineenses*, 20, pp.19-31.

Karp, Ivan (1995), «African Systems of Thought» in Phyllis M. Martin e Patrick O'Meara, *Africa*, Bloomington and Indianapolis, Indiana University Press.

Kearney, Michael (1986), «From the Invisible Hand to Visible Feet: Anthropological Studies of Migration and Development», *Annual Review of Anthropology*, 15: 331-361.

Kearney, Michael (1999) «Borders and Boundaries of State and Self at the End of the Empire» in, S.Vertovec e R. Cohen (eds.), *Migration, Diaspora and Transnacionalism*, Celnham, An Elgar Reference Collection, The International Library of Studies on Migration, n.º9.

Lavie, Smadar e Ted Swedenburg (1996), «Introduction: Displacement, Diaspora and Geographies of Identity» in Smadar Lavie e Ted Swedenburg (eds), *Displacement, Diaspora and Geographies of Identity*, Durham, Duke University Press, pp.1-25.

Lepri, Jean Pierre (1986), «Contribuição para a análise sociológica da Guiné-Bissau actual», *Soronda. Revista de Estudos Guineenses*, 1, pp.143-168.

Lechner, Elsa (2006), «A face do outro ou face ao outro: ética e representação etnográfica» in Antónia P. Lima e Ramón Sarró (orgs.), *Terrenos metropolitanos. Ensaio sobre produção etnográfica*, Lisboa, ICS, pp.97-109.

Lima, Antónia P. e Ramón Sarró (orgs.) (2006), *Terrenos metropolitanos. Ensaio sobre produção etnográfica*, Lisboa, ICS.

Lindell-Lorenço (2002), *Walking the Tight Rope. Informal Livelihoods and Social Networks in a West African City*, [Texto PDF] Department of Human Geography, Stockholm University.

Machado, Fernando Luís (1994), «Luso-africanos em Portugal: nas margens da etnicidade», *Sociologia, Problemas e Práticas*, 16, pp.111-134.

Machado, Fernando Luís (1998), «Da Guiné-Bissau a Portugal: Luso-Guineenses e Imigrantes» *Sociologia, Problemas e Práticas*, 26, pp.9-56.

Machado, Fernando Luís (1999), «Imigrantes e Estrutura Social», *Sociologia, Problemas e Práticas*, 29, pp.51-76.

Machado, Fernando Luis (2002), *Contrastes e Continuidades. Migração, Etnicidade e Integração dos Guineenses em Portugal*, Oeiras, Celta Editora.

Machado, Fernando Luis (2005), «Des étrangers moins étrangers que d'autres? La regulation politico-institutionnelle de l'immigration au Portugal» in Évelyne Ritaine (eds.), *L'Europe du Sud face à l'immigration. Politique de l'Étranger*, Paris, Press Universitaire de France (PUF)

Malheiros, Jorge (1998), «Minorias étnicas e segregação nas cidades. Uma aproximação ao caso de Lisboa, no contexto da Europa Mediterrânica», *Finisterra*, 66, pp.91- 118.

Malheiros, Jorge (2005), «Jogos de relações internacionais: repensar a posição de Portugal no arquipélago migratório global» in António Barreto (orgs.), *Globalizações e Migrações*, Lisboa, ICS, pp.251-272.

Marques, Maria Margarida, N. Dias, e J. Mapril (2005), «Le «retour des caravelles» au Portugal: de l'exclusion des immigrés à l'inclusion des lusophones?», in Évelyne Ritaine (eds.), *L' Europe du Sud face à l'immigration. Politique de l'Etranger*, Paris, Press Universitaire de France (PUF)

Matthei, Linda M. e David Smith (2002), «Belizean “Boy’n the “Hood”? Garifuna Labor Migration and Transnational Identity» in Michael. P. Smith e Luis E. Guarnizo (eds.) *Transnacionalism from Below*, vol.6, New Jersey, Transaction Publishers.

Mills, Mary Beth (1997), «Contesting the Margins of Modernity: Women, Migration, and Consumption in Thailand», *American Ethnologist*, Vol.24, No.1, pp.37-61.

Munn, Nancy D. (1992), «The Cultural Anthropology of Time: a Critical Essay», *Annual Review of Anthropology*, 21, pp.93-103.

Øien, Cecilie (2006), «Transnational networks of care: Angolan children in fosterage in Portugal» in *Ethnic and Racial Studies*, Vol.29 No.6 pp.1104-1117.

Peters, John Durham (1997), «Seeing Bifocally: Media, Place and Culture», in Akhil Gupta e James Ferguson (eds.) *Culture, Power, Place. Explorations in Critical Anthropology*, Durham e London, Duke University Press.

Pina-Cabral, João de (2000), «A difusão do limiar: margens, hegemonias e contradições», *Análise Social*, 153, pp. 825-892.

Pinto, João Madureira e Maria Cidália Queiroz (1996), «Flexibilização da produção, mobilidade da mão-de-obra e processos identitários na Construção Civil», *Sociologia, Problemas e Práticas*, 19, pp.9-29.

Pujadas, Juan J. (1990), *El método biográfico: El uso de las historias de vida en las ciencias sociales*, Madrid, Centro de Investigaciones Sociológicas.

Raposo, Paulo (1991), *Corpos, Arados e Romarias. Entre a Fé e a Razão em Vila Ruiva*, Lisboa, Escher.

Rapport, Nigel e, Joanna Overing (2000), *Social and Cultural Anthropology, The Key Concepts*, London e New York, Routledge.

Reed-Danahay, Deborah (1996), *Education and Identity in Rural France, The Politics of Schooling*, Cambridge, University Press.

Robertson, Claire (1995), «Social Change in Contemporary Africa» in Phyllis M. Martin e P. O' Meara (eds), *Africa*, Bloomington and Indianapolis, Indiana University Press.

Rouse, Roger (2002) «Mexican Migration and the Social Space of Postmodernism» in J. X. Inda e R. Rosaldo (eds.), *Anthropology of Globalization*, Londres, Blackwell Pub., pp. 157-171.

Saint-Maurice, Ana de (1997), *Identidades Reconstruídas. Cabo-verdianos em Portugal*, Oeiras, Celta.

Sayad, Abdelmalek (1999), *The Suffering of the Immigrant*, Cambridge, Polity Press.

Schiller, N., L. Bash e C. Blanc-Szanton (1999), «Transnationalism: A New Analytic Framework for Understanding Migration», in S. Vertovec e R. Cohen (eds.), *Migration, Diaspora and Transnacionalism*, Celtnham, An Elgar Reference Collection, The International Library of Studies on Migration, n.º9. pp.27-49.

Schiller, N. e, G. Fouron (2001), *Georges Woke Up Laughing. Long-Distance Nationalism And The Search for Home*, Durham/London, Duke University Press.

Siegel, Brian (1992), «Family and Kinship» in April A. Gordon e D. Gordon (eds.) *Understanding Contemporary Africa*, London, Lynne Rienner Publishers

Silvano, Filomena (2002), “José e Jacinta nem sempre viveram nos mesmos lugares: reflexões em torno de uma experiência de etnografia multi-situada” in *Ethnologia*, n.º12-14, pp 53-79.

Singer, Milton (1980), « Signs of the Self: An Exploration in Semiotic Anthropology», *American Anthropologist*, vol.82, pp. 485-507.

Sørensen, Ninna Nyberg (2002), «Narrating Identity Across Dominican Worlds» in Michael. P. Smith e Luis E. Guarnizo (eds.) *Transnacionalism from Below*, vol.6, New Jersey, Transaction Publishers.

Turner, Victor e Edward Bruner (eds.) (1986), *The Anthropology of Experience*, University of Illinois Press.

Vale de Almeida, Miguel (2000) *Senhores de Si. Uma interpretação Antropológica da Masculinidade*, Lisboa, Fim de Século.

Veer, Peter van der (1997), «The Enigma of Arrival: Hybridity and Authenticity in the Global Space», in P. Werbner e T. Modood (eds.), *Debating Cultural Hybridity. Multi-Cultural Identities and the Politics of Anti-Racism*, Londres, Zed Books, pp.90-105.

Vermeulen, Hans e Cora Govers (orgs.) (1994), *Antropologia da Etnicidade. Para Além De “Ethnic Groups And Boundaries”*, Lisboa, Fim de Século.

Vertovec, S. e R. Cohen (1999), «Introduction», in, S. Vertovec e R. Cohen (eds.), *Migration, Diaspora and Transnacionalism*, Celtnham, An Elgar Reference Collection, The International Library of Studies on Migration, n.º9. pp.13-23.

Vigh, Henrik (2006), *Navigational Terrains of War. Youth and Soldiering in Guinea-Bissau*, New York, Berghahn Books.

Wacquant, Loïc (2004), «Esclarecer o habitus», *Sociologia*, nº14, pp.35-41.

Watkins, Francis (1996) «Migration», in Alan Barnard e Jonathan Spencer «Encyclopedia of Social and Cultural Anthropology», New York, Routledge pp.370-371.

Yanagisako, Sylvia (1979), « Family and the Household: The Analysis of Domestic Groups», in *Annual Review of Anthropology*, 8, pp.161-205.

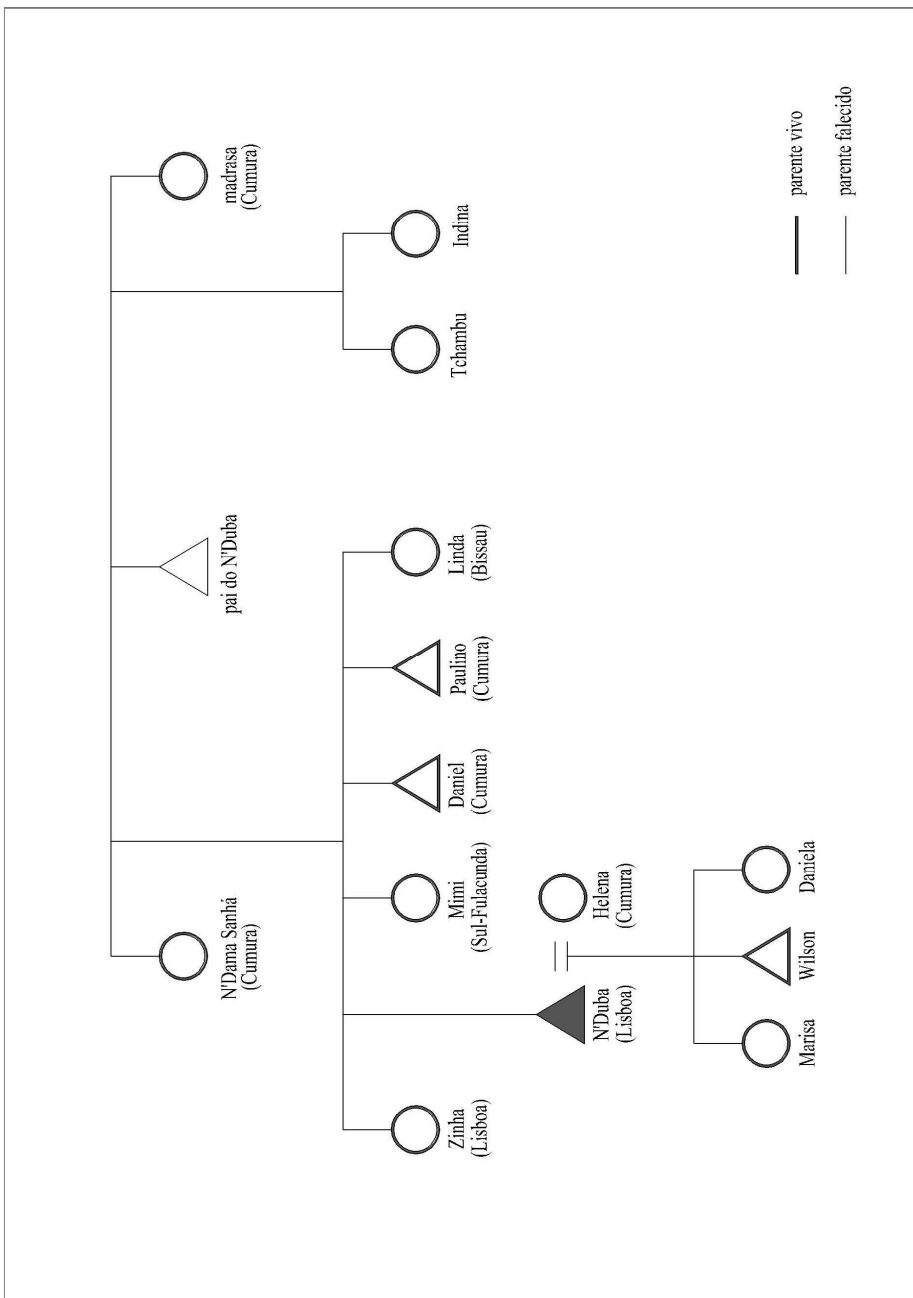
Zonabend, Françoise (1991), «A memória familiar. Do individual ao colectivo», *Sociologia, Problemas e Práticas*, nº9, pp.179-190.

## ANEXOS



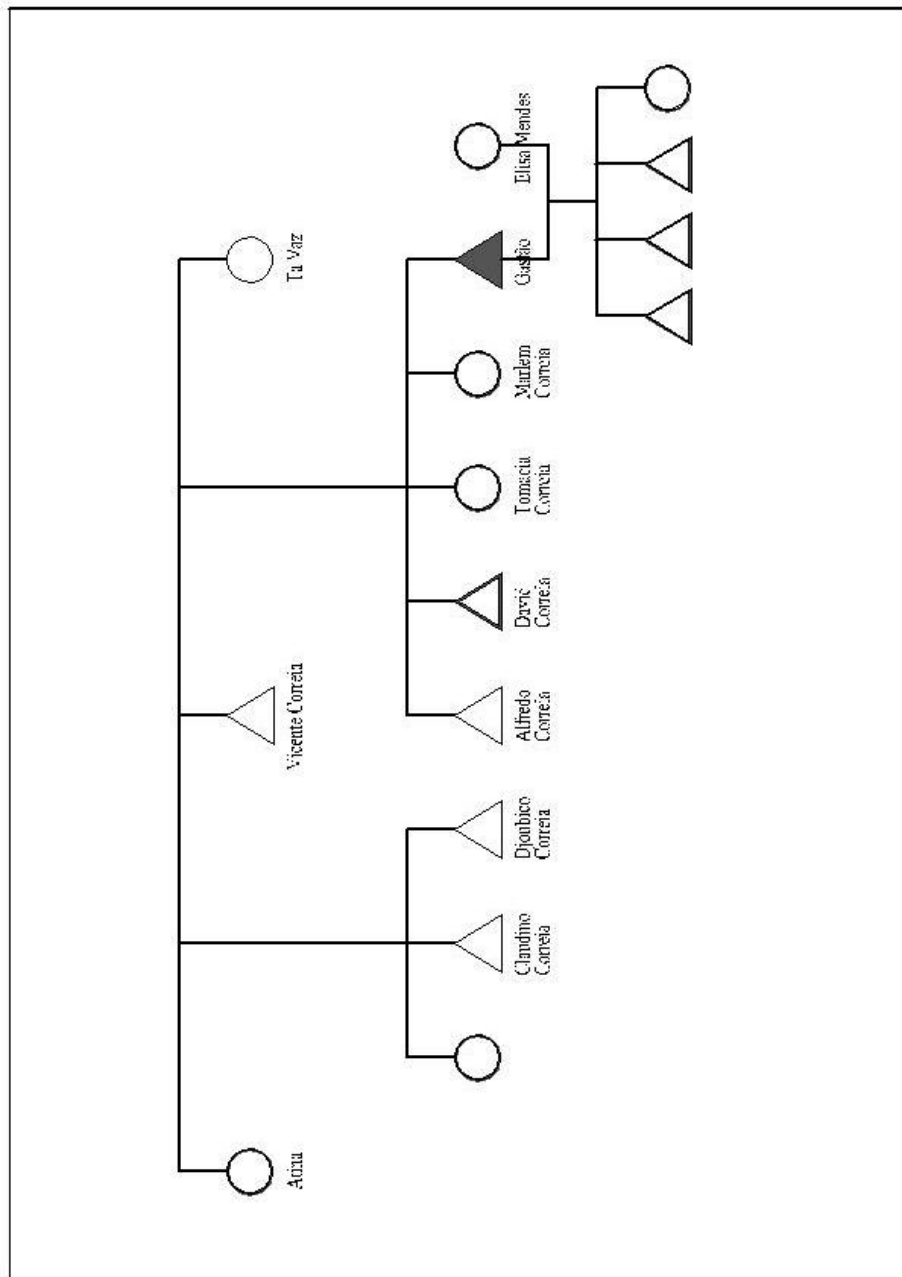






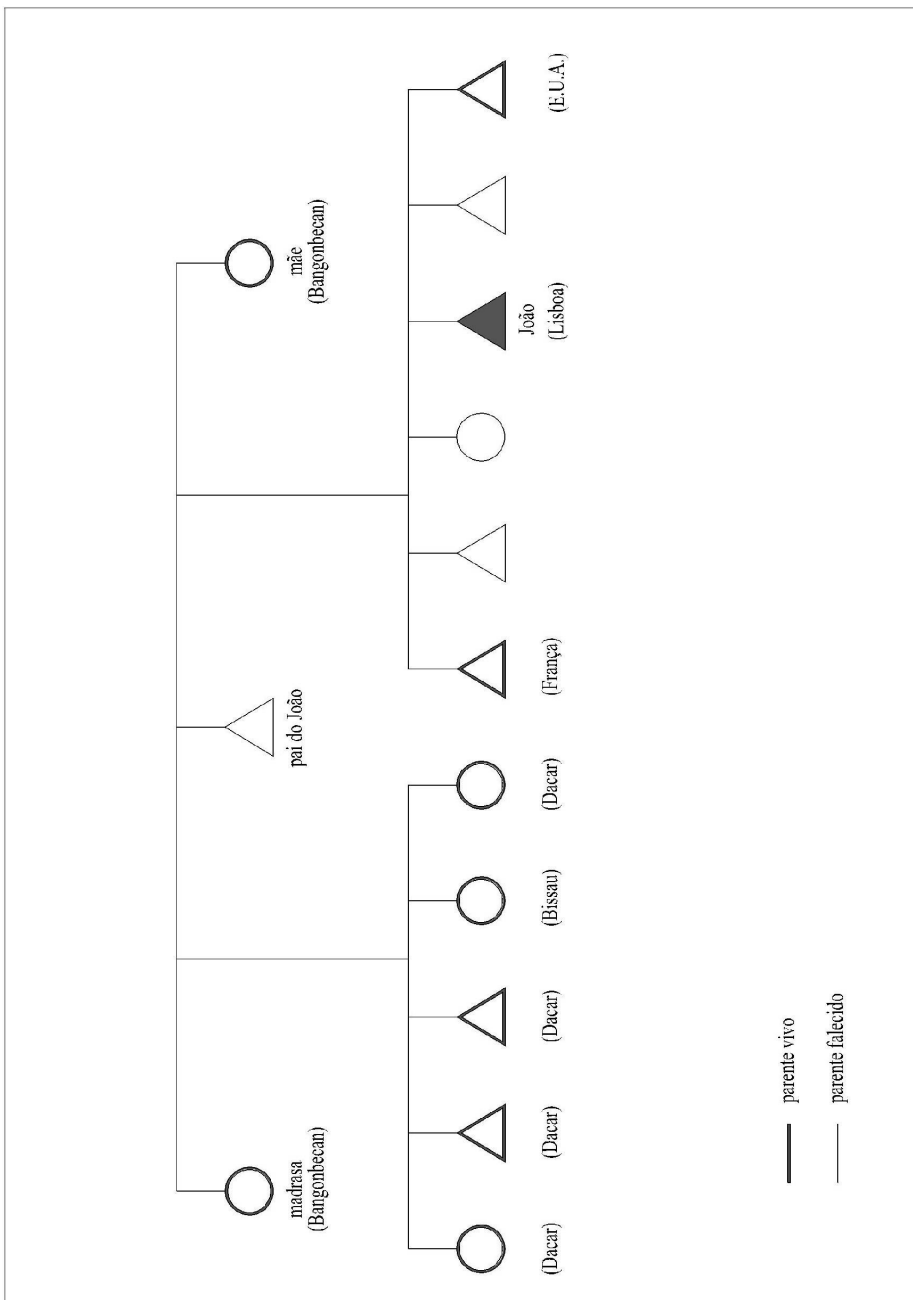
**Anexo I: Estrutura de Parentesco de N'Duba**





**Anexo II: Estrutura de Parentesco Gastão**





**Anexo III: Estrutura de Parentesco de João**

